

# COLEÇÃO GRAMÁTICAS DO BRASIL

**Marli Quadros Leite & Arnaud Pelfrêne**

Organizadores



**COMPENDIO DA GRAMMATICA PHILOSOPHICA  
DA LINGUA PORTUGUEZA**

**PADRE ANTONIO DA COSTA DUARTE**

# COMPENDIO DA GRAMMATICA PHILOSOPHICA

Coleção Gramáticas do Brasil – século XIX  
Série I – Gramática filosófica  
Volume 1

Marli Quadros Leite & Arnaud Pelfrêne  
Organizadores

COMPENDIO DA GRAMMATICA PHILOSOPHICA  
DA LINGUA PORTUGUEZA

Padre Antonio da Costa Duarte  
(6<sup>a</sup> edição - 1877)

Estudo introdutório de Marli Quadros Leite

Universidade de São Paulo – USP  
Humanitas – FFLCH  
2018

Catalogação na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

C737 Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza [recurso eletrônico] : Padre Antonio da Costa Duarte (6ª edição - 1877) / organizadores: Marli Quadros Leite, Arnaud Pelfrêne. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2018.  
1466 Kb ; PDF. - (Coleção Gramáticas do Brasil ; série 1 ; v.1)

ISBN 978-85-7506-317-0  
DOI 10.11606/9788575063170

Estudo introdutório de Marli Quadros Leite

1. Língua Portuguesa (gramática)(aspectos filosóficos)(Brasil).  
I. Compendio da grammatica philosophica da língua portuguesa (crítica e interpretação). II. Duarte, Antonio da Costa. III. Série.

CDD 469.79803

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

---

Charles Pereira Campos CRB-8/8057

Produção gráfica: Arnô

Capa: Marli Quadros Leite

Luca della Robbia, *Priscien, ou la Grammaire* (1437-1439). Panneau en marbre provenant de la façade nord, registre inférieur, du campanile de Florence. Data 1437 and 1439.

Disponível em:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Priscianus\\_della\\_Robbia\\_OPA\\_Florence.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Priscianus_della_Robbia_OPA_Florence.jpg)

## Universidade de São Paulo

Reitor

Vahan Agopyan

Diretor

Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor

Paulo Martins

## Editora Humanitas

Presidente

Ieda Maria Alves

Vice-Presidente

Mário Antônio Eufrásio

## Apoio



Corpus de Textes  
Linguistiques Fondamentaux



Grupo de Trabalho  
Gramática: História, Descrição, Discurso

# Sumário

Apresentação	8
Anotações sobre o <i>Compendio da grammatica philosophica</i>	11
Introdução	11
As edições: 1ª (1829), 4ª (1853) e 6ª (1877)	12
O horizonte de retrospecto de Duarte	18
O "artigo definitivo"	19
As vogais surdas	21
As partes do discurso	23
O verbo	28
Últimos comentários	31
[Compendio...]	34
Introdução	35
Compendio da Grammatica philosophica da lingua portugueza.	37
Capitulo I. Da orthoepia.	37
§ I. Dos sons e das letras que os representam.	37
§ II. Dos dithongos e das syllabas.	41
§ III. Dos signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos vocabulos.	43
§ IV. Dos signaes que regulão a boa leitura de um discurso.	44
§ V. Da prosodia	45
§ VI. Das figuras da dicção.	46
Capitulo II. Da etymologia.	49
§ I. Das partes elementares da oração, e do discurso.	49
§ II. Do genero dos nomes substantivos.	52
§ III. Da variação dos nomes.	53
§ IV. Divisão dos nomes adjectivos.	54
§ V. Dos adjectivos determinativos.	55
§ VI. Dos demonstrativos pessoaes.	56

§ VII. Dos demonstrativos puros. _____	58
§ VIII. Dos demonstrativos conjunctivos. _____	59
§ IX. Dos determinativos de quantidade. _____	60
§ X. Dos adjectivos explicativos e restrictivos. _____	62
§ XI. Dos graus de augmento na significação dos adjectivos. _____	62
§ XII. Das terminações dos adjectivos. _____	63
§ XIII. Do verbo. _____	65
§ XIV. Do verbo adjectivo. _____	79
§ XV. Conjugação do verbo adjectivo na sua voz activa. _____	83
§ XVI. Conjugação do verbo adjectivo na sua voz passiva, e media ou reflexa. _____	89
§ XVII. Dos verbos irregulares, e defectivos. _____	89
§ XVIII. Da preposição. _____	91
§ XIX. Do adverbio. _____	93
§ XX. Da conjuncção. _____	95
§ XXI. Das interjeições. _____	96
Capitulo III. Da Syntaxe, e Construcção. _____	97
§ I. Dos elementos essenciaes da oração. _____	97
§ II. Da concordancia regular. _____	99
§ III. Da concordancia irregular por syllepse. _____	101
§ IV. Da regencia regular. _____	103
§ V. Da regencia irregular por ellipse. _____	105
Da Construcção. _____	107
§ I. Da construcção direita. _____	108
§ II. Da construcção invertida. _____	109
§ III. Da construcção transposta. _____	110
Orthographia da lingua portugueza. _____	112
Introducção. _____	112
Capitulo IV. Da Orthographia da Lingua Portugueza. _____	113
§ I. Regras communs a todas as orthographias. _____	114
§ II. Regras proprias da Orthographia Etymologica, e da Usual. _____	116
§ III. Da ortografia filozofica ou da pronunsiação. _____	120
§ IV. Da pontuação. _____	121
§ V. De mais alguns signaes da escriptura. _____	123
Obras em português no CTLF _____	125





# Apresentação

Este e-book integra a coleção *Gramáticas do Brasil*, pela qual visamos a publicar gramáticas brasileiras do século XIX, com o intuito tanto de tornar tais obras acessíveis ao público interessado quanto de possibilitar a realização de pesquisas futuras que permitirão dar-se um passo a mais no sentido da reconstrução da história das ideias gramaticais brasileiras. Este projeto de publicação resulta de longo contato mantido entre pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, por intermédio de Marli Quadros Leite, docente do programa e coordenadora do grupo de pesquisa (GT) *Gramática : história, descrição e discurso*, e da Universidade Paris 7 – Denis Diderot, por intermédio dos pesquisadores do *Laboratoire d'histoire et des théories linguistiques* (CNRS, UMR7594), da Universidade Paris 7 – Denis Diderot, Bernard Colombat, Jacqueline Léon e Arnaud Pelfrêne.<sup>1</sup>

A colaboração com a equipe francesa tem-se dado pelo projeto *Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux* (CTLF), cujos resultados estão disponíveis no endereço <http://ctlf.ens-lyon.fr/default.htm>. O CTLF é um portal que inclui cinco tipos de informações sobre textos metalinguísticos: fichas descritivas (mais de 700 até o momento), bibliografia com mais de 4000 mil referências, textos em pdf (que acompanham as fichas descritivas), e textos digitalizados que permitem pesquisa por palavra (mais de 300 obras) e inúmeros artigos científicos. O acesso ao site é livre e gratuito a todos os interessados em textos metalinguísticos, de diversos gêneros (gramáticas, ortografias, dicionários, observações sobre uso e norma etc.), e de várias línguas, tais como francês, inglês, português e outras, por meio de instrumentos linguísticos produzidos em diversos momentos da história.

Do lado brasileiro, a pesquisa conta também com a participação dos membros do GT *Gramática : história, descrição e discurso* que têm realizado pesquisas sobre história das ideias linguísticas e elaborado notícias descritivas de gramáticas. Esta é mais uma etapa desse trabalho e diz respeito à digitalização e disponibilização das

---

<sup>1</sup> Esta etapa do trabalho foi possível pela oportunidade que teve a pesquisadora brasileira, Marli Quadros Leite, para cumprir estágio de pesquisa em Paris, pelo período de um ano, com apoio da CAPES. A pesquisa com as gramáticas brasileiras começou a ser desenvolvido no Brasil, desde o ano de 2013 com apoio do CNPq e, também, desde 2015, com o suporte da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM - USP).

obras, em formato de textos pesquisáveis, assim como cópias em imagem (pdf) além, evidentemente, da produção de artigos sobre a conexão das ideias gramaticais desenvolvidas no Brasil mas em conexão com a fonte francesa, o que é inescapável em toda a produção gramatical do século XIX.

As obras publicadas nesta coleção encontram-se também no endereço eletrônico acima referido, em edição pesquisável, adaptada às regras do site francês. Vale ressaltar que na edição do CTLF cada página digitalizada em modo texto é acompanhada da imagem de seu original, em formato pdf, para que o leitor possa, em caso de dúvida, consultar o original. As fichas descritivas das gramáticas encontram-se no site CTLF, na aba verde,<sup>2</sup> denominada em francês *Notices*,<sup>3</sup> e os textos completos e pesquisáveis encontram-se na aba amarela, denominada *Textes*. Vale lembrar que no mesmo site estão disponíveis outras gramáticas brasileiras e portuguesas.

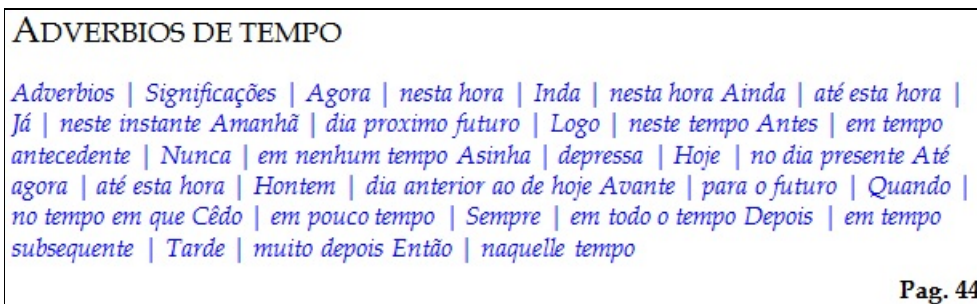
A publicação de uma edição das gramáticas em e-book tem o intuito de oferecer ao leitor a obra acompanhada de um estudo introdutório que orienta a leitura do texto gramatical e abre caminho para novas pesquisas. Além disso, o e-book constitui mais uma possibilidade de acesso às gramáticas, de modo fácil, permanente e também gratuito, já que o arquivo do livro pode ser carregado em qualquer dispositivo eletrônico e, assim, estar sempre disponível à consulta. Além dessa vantagem, ressalta-se que por esse meio abre-se novo canal de divulgação das obras que fizeram a história das ideias gramaticais no Brasil.

Para a preparação do texto aqui publicado, seguimos as seguintes orientações :

– Manteve-se a ortografia do autor, e os erros ortográficos ou tipográficos originais aparecem sublinhados, por exemplo, como em " com os caracteres que os represeatão";

– A disposição do texto na página foi alterada em relação àquela do texto original no que tange aos seguintes pontos :

- O layout da página aqui é diferente daquele da edição original, por dois motivos principais : a) Linhas, parágrafos e páginas não correspondem à posição do original; b) Os esquemas gráficos em geral estão apresentados horizontalmente, com elementos separados por barras verticais, como ilustra a imagem abaixo :




<sup>2</sup> São cinco abas: Notices [verde], Bibliographie [azul], Images [vermelha], Textes [amarela], Articles [laranja].

<sup>3</sup> Endereço: [http://ctlf.ens-lyon.fr/n\\_fiche.asp?num=3373](http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=3373).


c) O número de página que corresponde à do original está posto no canto direito da folha do texto edição, o que está ilustrado na figura a seguir apresentada :

Além das conjunções propriamente ditas, toda a palavra, adverbio, phrase adverbial, e outras locuções, que servem de nexos as proposições, podem-se chamar conjunções, v. g : como quer que, a não ser assim, tanto quanto, enquanto, onde quer que, mormente, certo que, si por acaso, isto é, para assim dizer, a saber, não obstante, toda a vez que.

 Pag. 48

• Os quadros de conjugação verbal, apresentados horizontalmente, têm indicadas, no canto esquerdo, as palavras *Singular* e *Plural*, seguidas das formas conjugadas : no exemplo, na primeira linha da figura, depois de *Singular*, estão conjugadas as primeiras pessoas do singular do verbo *ser*, pelas dos verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; na segunda linha, a conjugação do *Plural*, disposta do mesmo modo que a precedende, como se vê a seguir :

*Presentes*

 *Singular* | *Eu sou,* | *Estou,* | *Tenho,* | *Hei,* *Tu és,* | *Estás,* | *Tens,* | *Has,* *Elle é,* | *Tem,* | *Ha,*

*Plural* | *Nós somos,* | *Estamos,* | *Temos,* | *Havemos,* *Vós sois,* | *Estaes,* | *Tendes,* *Haveis,* *Elles são.* | *Estão.* | *Tem.* | *Hão ou ha.*

Esta coleção trará três tipos de gramáticas brasileiras do século XIX : as filosóficas de caráter mais teórico do que prático; as filosóficas de caráter mais prático do que teórico; e as histórico-comparativas de caráter teórico e prático.

Assim, esperamos que o público brasileiro interessado em conhecer e estudar a história das ideias gramaticais brasileiras encontre nesta coleção apoio para o desenvolvimento de outras ideias e pesquisas.

Paris, 2018.

Os organizadores.  
Marli Quadros Leite  
Arnaud Pelfrêne

# Anotações sobre o *Compendio da grammatica philosophica*

Marli Quadros Leite  
USP | CAPES | CNPq

## *Introdução*

Antonio da Costa Duarte escreveu seu *Compendio* (1829) quando o Brasil ainda não tinha acordado para a produção de gramáticas filosóficas, o que se iniciara em Portugal (em 1783). A produção portuguesa foi tardia em relação à francesa, iniciada em 1660, com a publicação da *Grammaire générale et Raisonnée* (GGR), por Arnauld e Lancelot (1660). Portugal teve uma obra gramatical de caráter filosófico de grande repercussão quarenta e um anos depois da primeira, foi essa a *Grammatica philosophica da lingua portugueza* (1822), de Jeronimo Soares Barbosa. Sete anos depois de publicada a gramática de J. Soares Barbosa, o Brasil conheceu uma de suas primeiras gramáticas filosóficas,<sup>4</sup> o *Compendio de grammatica portuguesa* (1829), da lavra de Antonio da Costa Duarte, professor do Licêo do Maranhão.

A obra de Duarte teve seis edições, das quais examinamos a sexta (1877), embora tenhamos utilizado também mais duas, a primeira (1829) e a quarta (1853), para compará-las à sexta a fim de verificar se o pensamento gramatical do autor havia mudado significativamente no curso do tempo. Essa comparação nos permitiu anotar diferenças e semelhanças existentes entre as três edições do *Compendio*. Enfatizamos, contudo, que é a sexta edição que constitui o objeto desta pesquisa por ser a última realizada pelo autor.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> A primeira pode ter sido o *Epitome de grammatica da lingua portugueza*, de Antonio Morais e Silva (1806). Sobre essa obra, leia-se Cavaliere (2014).

<sup>5</sup> Provavelmente essa edição saiu enquanto Duarte vivia, mas não há informações precisas sobre as datas do autor, nem a de nascimento nem a de morte. Um fato, porém, que autoriza a nossa hipótese é não haver referência a revisor ou adaptador da obra, até a 6ª edição.

A diferença temporal existente entre a primeira edição e a sexta é grande, são quarenta e oito anos, mediados pela publicação de quatro edições, duas de que não dispomos, a segunda, de data desconhecida, a terceira, de 1853, e a de quarta de 1859, que também nos serve de apoio para este estudo. Passemos a tratar da obra.

Como o título da primeira edição é *Compendio da grammatica portuguesa* e a partir da segunda passou a ser *Compendio da grammatica **philosophica** portuguesa*, antes de ter as edições sob os olhos, nossa hipótese era a de que a primeira não trazia fundamentação filosófica, o que apareceria a partir da segunda. O conhecimento das edições, contudo, cancelou logo a hipótese inicial. As diferenças entre a primeira e as demais de que dispomos dizem respeito ao acréscimo de muitas, e longuíssimas, notas de rodapé, pelas quais o autor não somente faz esclarecimentos pontuais sobre questões menores do conteúdo como também trata de problemas da teoria gramatical, discutindo conceitos e ampliando sua análise sobre alguns fatos linguísticos, além de abrir discussão com outros gramáticos sobre questões acerca das quais tem interpretação divergente.

### *As edições: 1<sup>a</sup> (1829), 4<sup>a</sup> (1853) e 6<sup>a</sup> (1877)*

A seguir apresentaremos alguns pontos dessas diferenças, embora sem a pretensão de transformar este estudo em um trabalho de crítica filológica, pois o que trazemos aqui não pertence a tal domínio.<sup>6</sup> Este texto é parte da pesquisa relativa ao conhecimento das ideais linguísticas praticadas, desenvolvidas ou produzidas no Brasil, e que desta feita tem como objeto as ideias contidas no *Compendio* de Duarte e constitui trabalho que se insere no contexto maior de nossa investigação acerca das gramáticas filosóficas brasileiras, cujo objetivo é desvendar-lhes o *horizonte de retrospectão* (Auroux 1998).

Em primeiro lugar, tratemos da apresentação da obra, pelo exame dos elementos disponíveis na folha de rosto. Antes de tudo, observa-se a diferença de título existente entre a primeira e as demais edições, depois, no caso da edição de 1829, vê-se a indicação de que a obra serviria para “uso das escolas de primeiras letras” e a advertência de que o compêndio segue a doutrina dos “melhores gramáticos”. Além disso, há uma dedicatória ao presidente da província do Maranhão, o Sr. Candido Joze de Araujo Vianna, deputado, cavaleiro da Ordem de Cristo e, ainda, desembargador da Relação de Pernambuco. Após essas inscrições, vê-se um brasão, no qual há a cruz da Ordem de Christo, por cima de um globo, circundado de dezenove pequenas estrelas e, enfim, tudo adornado por dois ramos de folhas de louro, postos um de cada lado do brasão. Tais dados, aparentemente insignificantes, mostram a configuração político-religiosa da primeira edição, o que desapareceu na quarta e sexta edições.

Sobre essas duas, verifica-se serem ambas conceitualmente idênticas. A comparação da folha de rosto dessas duas edições mostra diferença mínimas entre ambas, apenas no que tange a uma pequena imagem, de 2x3cm, posicionada antes do

---

<sup>6</sup> No endereço [http://ctlf.ens-lyon.fr/n\\_fiche.asp?num=3373](http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=3373) encontra-se a ficha descritiva desta gramática.

nome da editora. Trata-se, na quarta, do desenho de uma pilha de livros e na sexta, da mão de um copista, segurando uma pena sobre um caderno. Abaixo dessas imagens lê-se a informação sobre a editora, tendo sido a quarta “impressa na Typ. e á venda na Livraria do Frias” e na sexta, a informação de que o livro estaria “Á venda na livraria do Edictor Antonio Pereira Ramos D’Almeida”.

Quanto a outros elementos, essas duas edições trazem diferenças significativas em relação à primeira. A obra perde o tom político e religioso de que, talvez, tenha precisado acentuar para conseguir a licença de publicação e, assim, possibilitar que o livro viesse à luz pela primeira vez, o que, vale registrar, ocorreu por tipografia oficial, a Typographia Nacional. Além disso, essa edição traz também uma carta<sup>7</sup> dirigida ao senhor Candido Joze de Araujo Vianna, pessoa que, como se lê no texto, encomendou ao Pe. Duarte a redação do *Compendio*, pois ele diz: “Isto a mui transcendente matéria, de que tracta o presente Compendio, o ter-me V. Ex.<sup>a</sup> incumbido da sua composição (...)”.

No caso, das outras edições aqui sob exame, é a voz da instituição de ensino que valida a obra, pois a inscrição seguinte diz:

Escolhida pela congregação do Licêo do Maranhão para uso do mesmo, e das aulas de primeiras letras da província.

e esse dado é seguido da afirmação do papel acadêmico do autor como “lente de grammatica philosophica da lingua, e de analyse dos nossos classicos”. A palavra “escolhida” nesse contexto confirma o que dissemos sobre a primeira edição e sinaliza claramente que o *Compendio* foi bem sucedido na província do Maranhão, tendo, portanto, ganhado autonomia de publicação. Na quarta edição há uma epigrafe de Cícero, inexistente na primeira, pela qual se vê como o Pe. Antonio da Costa Duarte preza e valoriza seu trabalho de educador da juventude:

Quod munus adferre majus meliusve reipublice<sup>8</sup> possumus, quam si docemus et erudimus juventutem? Cic.

Depois desses comentários referentes aos paratextos, passemos a analisar o conteúdo do *Compendio*. O texto da *Introdução* é idêntico em todas as edições, mas o texto gramatical propriamente dito da primeira é diferente das duas outras. Há certas diferenças de conteúdo no texto principal, mas as mais importantes são relativas ao acréscimo de notas de rodapé na quarta e na sexta, de que daremos notícia no quadro a seguir apresentado.

Para compreender-se o quadro, observem-se os seguintes esclarecimentos:

- no canto esquerdo da coluna em que se veem dois números 1(1), o primeiro refere-se à numeração contínua das notas e foi dado pelos editores, e o segundo, o que está entre parênteses, é relativo à numeração das notas, conforme a fez o autor;
- na segunda coluna, os números entre parênteses correspondem aos das notas do texto da primeira edição do *Compendio*.

---

<sup>7</sup> Essa carta vem reproduzida na página 6 (sem número impresso) que antecede à da Introdução.

<sup>8</sup> No texto, "reipublice".

- as notas de 43(1) a 50(8) referem-se ao texto de páginas encartadas e não numeradas, razão porque a numeração das notas feita pelo autor é interrompida em 42(35) e retomada em 50(36), depois dos oito números de notas do encarte;
- as notas da 4ª e da 6ª edições são idênticas, razão por que foram apresentadas em conjunto;
- a informação posta entre colchetes, por exemplo [115 palavras 573 caracteres], é referente ao número de palavras e de caracteres (sem espaços) de cada nota e visa a permitir que o leitor vislumbre o tamanho de cada uma delas;
- o número azul entre parênteses no canto esquerdo do quadro remete à nota correspondente no texto da edição eletrônica CTLF se, sobre ele, as teclas Ctrl+Clic<sup>9</sup> forem pressionadas, estando o computador conectado à internet.

#### Notas de rodapé da 4ª a 6ª edições

#### Notas da 1ª edição

	Notas de rodapé da 4ª a 6ª edições	Notas da 1ª edição
1(1)	Conceito de Arte. [115 palavras 573 caracteres]	Não consta.
2(2)	Conceito de Vozes ou Sons Vogaes. [447 pal. 1913 car.]	Não consta.
3(3)	Conceito e descrição de Consoantes. [213 pal. 933 car.]	Não consta.
4(4)	Descrição dos ditongos. Contestação do conceito de ditongo nasal dados por "um gramático". [1196 pal. 5475 car.]	Consta nota com outro texto. (1) [parágrafo curto de 82 pal.]
5(5)	Advertência sobre a falsa ideia de que uma vogal longa equivale a duas breves, pois o tempo de prolação das vogais é relativo. [60 pal. 267 car.]	Consta nota com texto idêntico. (2)
6(6)	Sobre a diferenciação das 1ªs pessoas do plural do presente e pretérito do indicativo pelo contexto, na escrita, e também pela prosódia na fala. [104 pal. 471 car.]	Não consta.
7(7)	Sobre demonstrativos relativos e a contestação que "um gramático" dá ao fato. [786 pal. 3368 car.]	Não consta.
8(1)	Sobre o conceito de juízo. [50 pal. 245 car.]	Não consta.
9(2)	Sobre a relação dos conceitos de substância e qualidade relativos à natureza e ao pensamento. [642 pal. 3178 car.]	Não consta.
10(3)	Sobre a variação dos nomes próprios. [367 pal. 1854 car.]	Não consta.
11(4)	Sobre a variação dos nomes próprios. [29 pal. 144 car.]	Consta nota com texto idêntico. (3)
12(5)	Sobre a variação dos nomes verbais. [27 pal. 122 car.]	Consta nota com texto idêntico. (4)

<sup>9</sup> Essa obra encontra-se no endereço: em [http://ctlf.ens-lyon.fr/t\\_resul.asp?num=3373](http://ctlf.ens-lyon.fr/t_resul.asp?num=3373).

13(6)	Sobre o conceito de adjetivo. [584 pal. 2991 car.]	Não consta.
14(7)	Sobre a característica individualizadora e não restritiva do artigo. [59 pal. 290 car.]	Consta nota com texto idêntico. (5)
15(8)	Sobre as características semânticas e sintáticas dos demonstrativos pessoais (pronomes). [577 pal. 2310 car.]	Não consta.
16(9)	Sobre o uso dos determinativos demonstrativos. [45 pal. 275 car.]	Não consta.
17(10)	Sobre o uso do termo "neutro" e a inexistência do gênero neutro em português. [25 pal. 123 car.]	Não consta.
18(11)	Sobre a diferença de "qual" demonstrativo conjuntivo e adj. comparativo [131 pal. 560 car.]	Não consta.
19(12)	Argumentação sobre a manutenção do "demonstrativos conjuntivos interrogativos". [90 pal. 402 car.]	Não consta.
20(13)	Sobre a terminação dos adjetivos. [23 pal. 95 car.]	Consta nota com texto idêntico. (6)
21(14)	Sobre a variação da diferença de gênero de adjetivos do português antigo e moderno. [41 pal. 202 car.]	Consta nota com texto idêntico. (7)
22(15)	Sobre o conceito e o papel do verbo na proposição. [461 pal. 44551 car.]	Não consta.
23(16)	Sobre o fato de outros verbos significarem a existência e não somente o verbo ser. [882 pal. 2168 car.]	Não consta.
24(17)	Sobre os verbos auxiliares Ter, Haver e Estar, além de Andar e Vir quando se juntam aos infinitos e participios de outros verbos. [179 pal. 864 car.]	Não consta.
25(18)	Sobre os modos dos verbos. [167 pal. 871 car.]	Não consta.
26(19)	Sobre os participios imperfeitos. (também chamados gerúndios). [400 pal. 2067 car.]	Consta nota com outro texto. (8) [parágrafo curto de 71 pal.]
	Não consta.	Nota (9) sobre o 2º participio perfeito, em -ado e -ido.
27(20)	Sobre os participios passivos, aplicados a pessoas, e os ativos, a pessoas. [41 pal. 222 car.]	Não consta.
28(21)	Sobre as locuções formadas do verbo ter e haver + preposição <i>de</i> + infinitivo de outro verbo. [1195 pal. 5556 car.]	Consta nota com outro texto. (10) [texto com 261 pal.]
29(22)	Sobre o fato de os verbos terem variações e não pessoas. [36 pal. 166 car.]	Consta nota com texto idêntico. (11)
30(23)	Sobre como se deve ler os quadros do paradigma verbal. [30 pal. 131 car.]	Não consta.



31(24)	Sobre o uso dos participípios dos verbos <i>Ser</i> e <i>Estar</i> . [81 pal. 363 car.]	Consta nota com texto diferente em certos aspectos. (1)
25(18)	Sobre os modos dos verbos. [167 pal. 871 car.]	Não consta.
33(26)	Sobre as formas contraídas de <i>Havemos</i> , <i>Haveis</i> em <i>Hemos</i> e <i>Heis</i> . [08 pal. 46 car.]	Consta nota com texto idêntico. (2)
34(27)	Sobre o uso das formas conjugadas <i>Hei sido</i> , <i>Hei amado</i> , &c. [30 pal. 142 car.]	Consta nota com texto idêntico. (2)
35(28)	Sobre características sintáticas de formas do subjuntivo, com observação sobre o imperativo. [78 pal. 379 car.]	Consta nota com texto parcialmente idêntico, sem a menção ao imperativo. (3)
36(29)	Sobre a consideração das formas do condicional. [20 pal. 101 car.]	Não consta.
37(30)	Sobre o equívoco da consideração do verbo adjetivo como a redução do sujeito, do verbo substantivo e do atributo verbal a uma só forma, por exemplo, a da proposição <i>Eu sou amante</i> a <i>Amo</i> . [1120 pal. 5050 car.]	Não consta.
38(31)	Sobre a consideração de os verbos <i>estar</i> e <i>existir</i> serem também verbos de existência como o verbo <i>ser</i> . [463 pal. 2088 car.]	Não consta.
39(32)	Sobre o fato de os verbos portugueses terem voz passiva e não terem nem verbos passivos nem neutros. [90 pal. 413 car.]	Consta nota com texto idêntico. (10)
40(33)	Sobre a voz “média” ou “reflexa”. [69 pal. 313 car.]	Consta nota com texto idêntico. (11)
41(34)	Sobre os verbos impessoais e considerações acerca de verbos pronominais e recíprocos, frequentativos e continuativos. [234 pal. 1208 car.]	Consta nota com texto parcialmente idêntico, pois há acréscimo de informação sobre verbos frequentativos e continuativos. (12)
42(35)	Sobre a etimologia das conjugações dos verbos portugueses. [784 pal. 3578 car.]	Consta nota com texto parcialmente idêntico, pois há acréscimo de informação no início da nota sobre etimologia das terminações verbais. (13)
43(1)	Informação metodológica sobre o quadro de conjugação verbal. [07 pal. 39 car.]	Consta nota com texto idêntico. (1)
44(2)	Informação metodológica sobre o quadro de conjugação verbal. [18 pal. 81 car.]	Consta nota com texto idêntico. (21)
45(3)	Informação metodológica sobre a conjugação de verbos irregulares. [56 pal. 284 car.]	Consta nota com texto idêntico. (3)
46(4)	Informação sobre a conjugação verbal. [05 pal. 21 car.]	Consta nota com texto idêntico. (4)
47(5)	Informação sobre a conjugação verbal. [06 pal. 36 car.]	Consta nota com texto idêntico. (5)
48(6)	Informação sobre a conjugação verbal. [17 pal. 106 car.]	Consta nota com texto idêntico. (6)

49(7)	Informação sobre a conjugação verbal.[08 pal. 45 car.]	Consta nota com texto idêntico. (7)
50(8)	Informação sobre a conjugação verbal.[31 pal. 237 car.]	Consta nota com texto idêntico. (8)
51(36)	Sobre o tipo de complemento.[5 pal. 37 car.]	Consta nota com texto idêntico. (14)
52(37)	Sobre o uso linguístico. [11 pal. 58 car.]	Consta nota com texto idêntico. (15)
53(38)	Sobre o fato de a categoria das preposições não ser categoria fechada.[72 pal. 353 car.]	Consta nota com texto idêntico. (16)
54(1)	Sobre o papel dos demonstrativos conjuntivos (pronomes relativos). [124 pal. e 591 car.]	Consta nota com texto idêntico. (17)
55(2)	Sobre a concordância do adjetivo com muitos substantivos. [97 pal. e 439 car.]	Consta nota com texto idêntico. (18)
56(3)	Sobre o caráter impessoal do verbo <i>haver</i> . [309 pal. e 1408 car.]	Consta nota com texto idêntico. (19)
57(4)	Sobre a concordância verbal na correlação de pessoas (preferência). [139 pal. e 645 car.]	Consta nota com texto idêntico. (20)
58(5)	Sobre a formação das proposições complemento objetivo.[54 pal. e 263 car.]	Consta nota com texto idêntico (21)
59(6)	Sobre o papel complemento objetivo e do sujeito na transformação de proposições da voz ativa para a passiva [100 pal. e 434 car.]	Consta nota com texto idêntico (22)
60(7)	Sobre o antecedente elíptico dos demonstrativos relativos interrogativos [66 pal. e 227 car.]	Consta nota com texto idêntico (23)
61(8)	Sobre a existência de um sujeito decorrente da significação de verbos impessoais [58 pal. e 384 car.]	Consta nota com texto idêntico (24)
62(9)	Sobre a elipse de antecedentes em estruturas complementares formadas de nome + preposição de [81 pal. e 385 car.]	Consta nota com texto idêntico (25)
63(1)	Sobre a escrita etimológica e a filosófica [175 pal. e 781 car.]	[58 pal. e 384 car.]
64(2)	Sobre a ortografia usual [09 pal. e 64 car.]	Consta nota com texto idêntico (1)
65(3)	Sobre a falta de solidez das regras de ortografia usual dadas pelo autor da <i>Grammatica analytica</i> publicada em 1831 [Francisco Solano Constancio] [42 pal. e 214 car.]	Não consta.
66(4)	Sobre a representação de sons vocálicos nasais com -m e -n [40 pal. e 156 car.]	Não consta.
67(5)	Sobre o uso do -u etimológico em sílabas [29 pal. e 169 car.]	Consta nota com texto idêntico (2)
68(6)	Sobre a ortografia de pal. escritas com -s, -ss, -ç e -z [198 pal. e 880 car.]	Consta nota com texto idêntico (3)

Quadro 1 – Comparação de edições

Observações:

1. Na 1ª edição, o quadro da conjugação dos verbos irregulares aparece em páginas não numeradas, correspondentes a 53, 54 e 55. Também, falta o número 56, embora o texto esteja completo (isto é, falta o número mas não a página).
2. Na quarta edição, não há o quadro da conjugação dos verbos irregulares acima referido e, portanto, não há interrupções e erros na numeração de páginas e notas, como na primeira e na sexta.
3. Na 6ª edição, as páginas, em que há o quadro da conjugação dos verbos irregulares, não são numeradas e constituem um encarte das páginas 53 a 55 da 1ª. Estão essas na posição das páginas 91, 92 e 93.

## *O horizonte de retrospectiva de Duarte*

Sobre o conteúdo do *Compendio*, observa-se que a referência mais próxima e direta de Duarte para o tratamento filosófico da gramática é a *Grammatica philosophica da língua portuguesa*, de Jeronimo Soares Barbosa (1822) e, obliquamente, a *Grammaire Générale et Raisonnée* (GGR), de Antoine Arnauld e Claude Lancelot (1660), a *Logique ou art de penser*, de Pierre Nicole et Antoine Arnauld (1662), artigos da *Encyclopédie* (1765), de Beauzèe et Du Marsais e, talvez, a *Grammaire générale ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues*, de Nicolas Beauzée (1717-1789), autores que lhe chegam por Barbosa, quem, por sua vez, não cita suas fontes. A propósito dos autores do movimento da gramática geral, apenas uma referência figura na *Grammatica Philosophica* de Barbosa (1822), na introdução, quando ele comenta: "Este trabalho, que depois foi continuado, começaram M.r Arnaud na Lingua Franceza, Wallis e Starris na Ingleza, e Lancelot na Hespanhola e Italiana" (Barbosa 1822, p. 11, Introdução). A própria GGR de Arnauld & Lancelot (1660) não é referida no texto principal.

É curioso Duarte não se referir explicitamente nenhuma vez a Barbosa (1822), como procuraremos mostrar aqui, apesar de sua presença ser bem evidente ao longo do texto. A maioria das referências a autores são genéricas, citadas aos "gramáticos" ou a "um distinto gramático". Esta, como é possível apurar, é dirigida tanto a Jeronimo Soares Barbosa quanto a outro autor, Francisco Solano Constancio (1831), e aquela a autores de várias obras, latinas e portuguesas, que compõem seu *horizonte de retrospectiva* (Auroux, 1998). O confronto do texto de Duarte com o de Barbosa comprova que, em verdade, o brasileiro segue bem de perto o texto do português e, em certas passagens, refere-se também a Constancio (1831), para dele discordar.

Embora o texto de Duarte seja muito próximo do de Barbosa, isso não quer dizer que a obra seja um plágio, porque sobre muitos pontos Duarte discute e opina sobre os temas, trazendo sua contribuição à compreensão dos fatos gramaticais, provavelmente na intenção de trabalhar para aperfeiçoar a descrição gramatical. O emprego do adjetivo "distinto" na referência aos gramáticos citados nos levou a confrontar os textos dos três autores, a fim de verificar se nossa hipótese era, ou não, correta. Focalizamos algumas questões, como a interpretação do funcionamento do

pronome anafórico, denominado *artigo* pelos autores; a descrição de uso da vogal *u* que os dois gramáticos citados por Duarte consideram surda; o conceito de verbo substantivo, além de aspectos do paradigma verbal.

A exploração do *horizonte de retrospectão* de Duarte aparecerá nos itens seguintes em que trataremos tanto do aproveitamento, ou incorporação, da teoria desenvolvida por Barbosa (1822) quanto pelo diálogo travado com esse e com outro autor, Constancio (1831).

## O "artigo definitivo"

Os temas enunciados mostram a discussão indireta de Duarte com seus interlocutores. O primeiro ponto sobre o qual discute é o emprego do pronome *o*, nos textos referidos como "artigo definitivo" ou "terminação", em sua função anafórica, e o segundo é a interpretação sobre a descrição fonética das vogais *i* e *u*, consideradas "surdas", ou ambíguas pelos gramáticos citados por Duarte. Leia-se o quadro 2:

Barbosa	Duarte
<p>1. O Artigo Definito <b>o</b>, indeclinavel, e no genero neutro, precedendo ou seguindo-se imediatamente ao Verbo Substantivo ser, ou outro equivalente; serve-lhe sempre de Attributo, <b>trazendo á memoria o nome da oração antecedente</b>, de qualquer genero e numero que seja, com todas as suas modificações, como nestes modos de falar: <i>Ha verdades, que a nós o não parecem; não pol'o não serem; mas &amp;c.</i> (H. Pinto) <i>Hia todos os dias ver a sepultura de seu irmão e que o havia de ser sua.</i> (Lobo) - <i>As feias nem por o serem, deixão de ter partes estimaveis.</i> Este uso do nosso Artigo neutro e indeclinavel he mui elegante e frequentissimo. (Barbosa, p. 146-147) (Grifamos)</p>	<p>1. Em algumas orações é necessário usar de expressões forçadas para dar á <b>terminação o</b> alguma palavra, com que possa concordar. Isto succede quando <b>a dita terminação está representando o sujeito ou attributo de uma proposição antecedente</b>, como: <i>Ha verdades que á nós o não parecem, mas nem porisso deixão de o ser. As feias, nem por o serem, deixão de agradar. Os Grammaticos dizem que o</i> concorda com o verbo <i>ser</i>, e violentão a expressão deste modo: <i>Ha verdades que a nós não parecem o serem verdades, mas nem porisso deixão de ser o serem verdades. As feias nem por serem o ser feias &amp;c. Um distinto Grammatico diz que neste exemplo o</i> concorda com <i>facto</i> da <i>fealdade</i>, como se dicessemos: <i>As feias, nem por serem o facto da fealdade &amp;c. Tudo isto é contrafeito e forçado, porque ali a terminação o está para representar uma idéa e não para concordar com palavra alguma.</i> (Duarte, p. 25) Grifamos</p>

Quadro 2 – Interlocução Duarte x Barbosa [Constancio]

No texto 1, vê-se que é de Barbosa (1822) a denominação "artigo definitivo" para o "o" em causa, e que Duarte se refere a ele como pronome em função de complemento objetivo, mas o denomina "terminação", talvez em busca de terminologia mais neutra para não entrar em conflito definitivo com a teoria de Barbosa com quem dialoga constantemente, pois diz em outro trecho sobre o tema:

"Cada qual siga o que lhe parecer mais conforme á natureza do artigo, o qual é destinado para dar um caracter individual ao nome commum". (Ib., 25)

Vale ressaltar que o assunto não está tratado pelos dois autores de modo análogo, pois Barbosa (1822, p. 147) o aborda no parágrafo "Dos determinativos geraes ou artigos" (Ib., p.143); já Duarte (1877, p. 24) toca na questão quase de modo accidental, no parágrafo "Das figuras de dicção", no item "Transformação", subitem "Metátese". No caso de Barbosa, o assunto parece estar no lugar certo, mas no de Duarte, não. Ocorre que este gramático alcança o tema por um atalho quando abandona a discussão da metátese, de que trata de modo pouco ortodoxo, pois fala da mudança e transformação de letras e sílabas em vocábulos como "no, na", contração de preposição com artigo, "por diferirem de seus primitivos em o, em a". Desse ponto, o gramático brasileiro parte para discutir a transformação dos "demonstrativos relativos", nas ocorrências "amal-o" e "o amar", sobre o que reclama o fato de alguns "grammaticos mui distintos" considerarem o *lo* e *la* contração da forma antiga "ello", a que correspondem as modernas "elle" e "ella", raciocínio com o qual não concorda, e diz ser absurdo aceitar "los" e "las" contração de "ellos". Aceita, contudo, o que dizem os gramáticos ser "lo" e "la" abreviação de "elle" e "ella" quando na função de complemento objetivo. Além disso, nega que o demonstrativo tenha incluído em si os artigos *o, a, os, as*, porque os latinos não tinham artigo, e porque os demonstrativos "Elle Ella Ello, Elles Ellas" são os latinos *Ille Illa Illud*". Com base nisso diz haver gramáticos que entendem ser esse *o*, em função de complemento objetivo, um "artigo". A partir daí, passa a denominar o *o* como "terminação", embora fique claro, pelo que diz na introdução do assunto e pela análise feita, que esse *o* tem a mesma função de um demonstrativo.

A referência de Duarte aos gramáticos que empregam a terminologia "artigo" para esse demonstrativo inclui Barbosa. No plano de fundo, porém, Duarte e Barbosa não discordam quanto à função do *o*, compreendido por ambos como um elemento, cuja interpretação corresponde realmente à de pronome na função anafórica. Assim, Barbosa (1822, p.146-147) se lhe refere, como se vê no texto 1 do quadro 2: "trazendo á memoria o nome da oração antecedente, de qualquer genero e numero que seja, com todas as suas modificações," e Duarte (1877, p. 25), por sua vez: "está representando o sujeito ou attributo de uma proposição antecedente". A denominação diferente empregada pelos dois autores, contudo, revela a flutuação terminológica naquela época existente na gramaticografia portuguesa para referir e delimitar os conceitos de artigo e de pronome.

A discordância de Duarte a respeito da interpretação do artigo, presente no final do trecho 1, não é dirigida a Barbosa, mas a um gramático de quem Duarte cita explicitamente a obra (Duarte 1877, nota 3, p. 130). Trata-se de Francisco Solano Constancio,<sup>10</sup> autor da *Grammatica analytica da lingua portugueza*, publicada em 1831. Esse gramático, que também tem Barbosa como autor principal em seu horizonte de retrospectão, acrescenta ao assunto aqui tratado, a respeito desse uso do "artigo", a

---

<sup>10</sup> Português (~1772-1846), médico, filólogo, economista e tradutor (Fontes & Coelho 2016). Além da obra citada, Constancio é autor de obras metalinguísticas, como gramáticas da língua francesa, dedicadas a falantes de português, de gramática portuguesa, de gramática de inglês, dicionários etc.

ideia da concordância, por elipse, do verbo *ser* com o sintagma a que se refere, o que faz nestes termos:

O artigo *o* he invariavel, todas as vezes que se refere a hum adjectivo attributivo, ou a nome usado como attributo. Ex. *As feias, nem por o serem*, isto he – *nem por serem feias*, ou pelo facto de serem feias. *O* concorda com phrases inteiras. v. g. *o seres discreto, sabio, etc. o serem civilisados não tira o serem viciosos*. Nestas e outras phases subentende-se *o facto de*: em outras *o acto*; v. g. *o teres tu concebido esses projecto*. He huma ellipse. (Constancio, p. 10)

No final do exemplo 1, lê-se também uma observação de Duarte sobre a elipse, cujo uso para ele deve ser restrito. Para Constancio, no exemplo citado as elipses reconstruiriam a lógica da frase, sobre o que Duarte discorda, pois considera forçada a inclusão de elementos que não constam no enunciado, quando afirma: "Tudo isto é contrafeito e forçado". A propósito desse tema, observa-se, primeiro, o problema da função do *o*, reconhecida e descrita por Barbosa e Duarte, embora seja esse elemento denominado "artigo" por aquele, e "demonstrativo" e "terminação" por este. Depois, nota-se que a questão surge nos comentários de Duarte contra outros gramáticos que, segundo ele, não reconhecem a função desse item (terminação, artigo), confundindo-a com o próprio sujeito que representam, daí falarem em "concordância".

## *As vogais surdas*

Quanto ao tema do exemplo 2 do quadro abaixo, a classificação das vogais *e* e *o* como surdas, vê-se, também, que Duarte se opõe frontalmente a Constancio (1831), mas não a Barbosa de quem parte a teoria das vogais surdas.

Barbosa	Duarte
<p>2. A Lingua Portugueza porêm toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; huma entre o E Pequeno e o I Commum; e outra entre o O Pequeno e o U Commum, <b>as quaes, por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar Ambiguas</b>, e por isso não tem signal Litteral proprio, e se notão na escriptura, a primeira ja com <i>e</i> ja com <i>i</i>, e a segunda ja com <i>o</i> ja com <i>u</i>."(Barbosa 1822, p. 4) (Grifamos)</p>	<p>2. Os <i>Sons Vogaes</i> na nossa Lingua são quatorze, a saber : <i>á, a, é, ê, e, i, ó, ô, u, ã, ã, ã, õ, õ, ã</i>. " Duarte 1877, p. 10)</p> <p><b>Não ha som algum medio entre o e surdo e o i, entre o o e o u.</b> Na palavra <i>Cear</i> (comer) ouve-se distinctamente o som <i>i</i>, mas escreve-se com <i>e</i> por causa da derivação. Em <i>Soar</i> (fazer som) e <i>Suar</i> (ter suor), o som <i>u</i> não pode ser mais claro ; e se na primeira se escreve <i>o</i>, e na segunda <i>u</i>, é pela razão já dita. Não ha portanto esses sons ambiguos ou surdos ; onde pode haver ambiguidade ou duvida é na representação litteral desses sons, para nos conformarmos ou com a derivação, ou com o uso. Os que admitem aquelles sons ambiguos, confundem os sons com os caracteres que os representão. (Duarte, nota 2 da p. 4) (Grifamos)</p>

Quadro 3 – Interlocução Duarte x Barbosa [Constancio]

Vejam, primeiro, a referência de Duarte à descrição desses fonemas vocálicos, por Constâncio (1831, p. 10 e 11), o que aparece no capítulo I, *Dos sons e das letras que os representam* (Constancio, 1831, p. 10 e 11). A crítica dá-se pelas seguintes palavras:

Parece-nos que um distinto Grammatico não tem razão em dizer (a pag. 10 da sua Grammatica) que o *u* ainda quando é surdo sempre tem um som mais agudo que o *o* surdo. **Ninguém sabe o que é nem o surdo, nem u surdo.** Quem será capaz de pronunciar um o surdo? A voz de todos nós pronuncia *ó, ô;* e quando desce deste segundo som, necessariamente pronuncia *u*, som que nunca é surdo, nem o *i*, como reconhece o mesmo Autor, quando diz na pagina antecedente que o *u* nunca muda de som, senão quando se torna nasal. Por isto e tambem por cauza da derivação nos parece que o dito Grammatico não tem fundamento para não approvar que se escreva *Mingua, Agua, Lingua, Deus, &c.* com *u*. Se os Latinos escrevem *Deo* no dativo do singular, e *Deorum* no genitivo do plural, não é por conservarem o *o* do Grego *Theos*, como quer o dito Autor: mas sim pela mesma razão, porque escrevem *servo, sevorum, &c.* isto é, por ser um nome substantivo, pertencente á segunda declinação. (Duarte 1877, p. 10)

Convém observar que a interpretação do fonema *u* como "surdo" em certos contextos fonológicos não é originalmente evocado por Constancio (1831), mas por Barbosa. Barbosa aborda esse tema no Capítulo I *Das vozes portuguesas* (1822, p. 2-64) quando descreve os sons portugueses *e*, então, é referente a um fenômeno comum ao português falado que é a realização de /e/ e /o/ de modo diferente do padrão, como [i] e [u].

Taes são as que mal se percebem, quando estas mesmas vogaes se achão em qualquer palavra, ou antes de alguma voz grande immediata, ou depois da mesma nos Diphthongos, e no fim das palavras. Assim *e* parece ter o mesmo som que *i* nas palavras *Cear*, e *Ciar* (ter zelos) e nos diphthongos destas *Paes, Pai*; e pelo mesmo modo *o* tem o mesmo som confuso que *u* nas finaes de *Paulo, Justo, Amo*, e nas palavras *Soar*, e *Suar*, e nos Diphthongos, como em *Pao Paulo, Seo Seu*. (Barbosa, 1822, p. 4)

E essa ideia de Barbosa é retomada por Constancio que, então, diz:

Cette voyelle, même lorsqu'elle est sourde, a toujours un son plus aigu que le *o* sourd ; pour cette raison, il est plus conforme à la règle de prononciation d'écrire *Deos, mingoa, ouvio, deo, leo*, que *Deus, mingua, ouviu, deu, leu*<sup>11</sup>. » (Constancio, 1831, p. 10)

Em geral, essas vogais são grafadas *o* e *e* e pronunciadas *u* e *i*, sons que não têm terminologia para denominá-los, quando átonas e em final de palavra, ou mesmo quando simplesmente átonas. Esses alofones da escala do /e/ e do /u/, ainda hoje não têm termo adequado para sua descrição e poderiam ser referidos pelo termo *tepe*, o mesmo utilizado em referência ao som consonantal /r/ fraco. As ditas vogais poderiam, pois, ser consideradas, por extensão, como "tepes vocálicos", por terem realização fraca.

As palavras que Barbosa (1822 p. 4) cita para exemplificar a realização frágil das referidas vogais, são *cear*, pronunciada *ciar*, assim como outras como *Paulo, justo, amo* em que o *-o* é precedido de sílaba tônica ("uma voz grande imediata") ou sucedido de

---

<sup>11</sup> Convém notar que a argumentação de Constancio (Ib.) difere daquela de Barbosa (1822, p. 4), pois, enquanto esse se baseia no uso da língua, o primeiro se funda na etimologie das palavras.

tônica nos ditongos e nos finais de palavra ("ou depois da mesma nos Diphthongos, e no fim das palavras"). Esses sons são pronunciados [u], como *Paulu, justu e amu*. Aparece assim tal fenômeno de variação linguística, comum ao português do Brasil de ontem, como se observa, e de hoje, que é o enfraquecimento de vogais de sílabas átonas, em qualquer contexto fonológico, como também ocorre em palavras como, por exemplo, *poder*, realizada [p u 'd e r], especialmente em estados da região Nordeste do Brasil.

A ideia de Barbosa (Ib.) sobre o /e/ [i] e /o/ [u] surdos é seguida e ampliada por Constancio (1831) que considera também como surdas realizações de *a*, e *o*, em certos contextos fonológicos. O autor, pois, inclui formalmente no paradigma das vogais portuguesas *a*, *e*, *o*, *u* surdos. Por isso argumenta, tomando como base a fonética, e não a etimologia, que a grafia de palavras como *Deos* e *mingoa* deveria ser com *u* e não com *o*, diz ele: "Esta vogal , ainda quando he surda, sempre tem som mais agudo que o *o* surdo; por isso he mais conforme á recta pronuncia escrever *Deos* , *mingoa* , *ouvio*, *deo*, *leo*, que *Deus*, *mingua* , *ouviu*, *deu*, *leu*." (Constancio, 1831, p. 10).

## *As partes do discurso*

Examinemos agora a classificação das partes do discurso para Duarte, a fim de mostrar seu engajamento com a teoria de Barbosa a respeito da língua portuguesa, seja para aceitá-la total ou parcialmente seja para rejeitá-la. De acordo com a orientação lógica da GGR, quanto à relação pensamento / linguagem e às operações mentais que viabilizam a enunciação do pensamento (*conceber, julgar, raciocinar*), Barbosa parte de duas dessas operações do entendimento, 1ª *conceber* e 2ª *julgar*, para organizar sua divisão das partes do discurso: a primeira diz respeito à que dá origem às ideias, e a segunda a que permite a formação dos juízos.

No quadro 4, vê-se a representação de como Barbosa começa a montar seu sistema das partes do discurso, partindo do conhecimento da "ordem do universo", em que existem as coisas materiais e imateriais e as relações que elas mantêm entre si (isto é, os *indivíduos* e as *relações* existentes entre eles).

1ª Operação		1. Sensíveis									
Perceber ou Conceber	Ideias	2. Diretas  3. Reflexas <table style="display: inline-table; vertical-align: middle; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">abstração</td> <td style="padding: 0 5px;">comparação</td> <td style="padding: 0 5px;">parciais [ex. "olho"]</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;"></td> <td style="padding: 0 5px;"></td> <td style="padding: 0 5px;">modais [ex. "solidez"]</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;"></td> <td style="padding: 0 5px;"></td> <td style="padding: 0 5px;">universais [ex. "corpo"]</td> </tr> </table>	abstração	comparação	parciais [ex. "olho"]			modais [ex. "solidez"]			universais [ex. "corpo"]
abstração	comparação	parciais [ex. "olho"]									
		modais [ex. "solidez"]									
		universais [ex. "corpo"]									

Quadro 4 – Origem da linguagem

Esse primeiro processo cede lugar ao segundo, representado a seguir. No quadro 5, vê-se que, depois da concepção, o homem passa a estabelecer comparações entre os conhecimentos já adquiridos para construir novos.



2ª operação		
Julgar	comparação	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. identidade [em uma ideia há outra]</li> <li>2. ou determinação [uma ideia determina outra]</li> <li>3. Nexo e ordem [razão paralela entre ideias]</li> </ol>

Quadro 5 – Relação entre ideias

O quadro 6, já menos abstrato e mais próximo do objetivo do gramático, que é o de passar à divisão racional das partes do discurso, indica claramente que o critério será o de dispor as palavras em grupos diferentes: em um, as palavras que têm a função de identificar, nomear, e determinar seres e ideias (as palavras nominativas); em outro, as que têm a função de organizar o discurso, estabelecendo nexos e ordem das ideias e estabelecendo relações entre elas (conjuntivas e combinatórias). O quadro mostra os métodos empregados por Barbosa (1822) para chegar à classificação das palavras::

Métodos	Natural e sumário	Classificação	Palavras interpretativas ou exclamativas	Interjeição
	Artificial e analítico		Palavras analíticas ou discursivas	Nominativas
				Conjuntivas ou combinatórias

Quadro 6 – Fundamento da classificação das partes do discurso, Barbosa (1822, p. 100-114)

Com base nesse fundamento, ligeiramente esboçado aqui, Barbosa (1822) apresenta classificação das partes do discurso, nominativas e combinatórias, a que denomina "partes elementares", o que se vê no quadro 7:

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Nominativas</li> <li>2. Combinatórias</li> </ol>	Partes elementares	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Nome substantivo</li> <li>2. Nome adjetivo</li> <li>3. Verbo substantivo</li> <li>4. Preposição</li> <li>5. Conjunção</li> </ol>
--	--------------------	--

Quadro 7- Partes do discurso

Essa divisão não é idêntica nem à da *Grammaire Générale et Raisonnée* (Arnauld & Lancelot, 1803 [1660]) nem à da *Grammaire Générale* de Beauzée (1765), mas, embora diferente, decorre de fundamento teórico e filosófico coincidente com o dos autores dessas gramáticas. E é essa a divisão que parece própria<sup>12</sup> a Barbosa, e é semelhante, mas não igual, à que se vê na gramática de Duarte. Vejam-se a seguir, pontos que as aproximam e que as distanciam.

A identidade da classificação de Duarte (1829) com a de Barbosa (1822) começa com a denominação geral do *Capítulo II, Da Etymologia*, § I. *Das partes elementares da oração, e do discurso*, depois vêm as cinco partes do discurso, descritas de modo bem próximo uma da outra. A diferença nessa questão, contudo, concerne ao fato de o verbo, para Duarte, não admitir integralmente a teoria do *verbo substantivo*, pois na conceituação a categoria é denominada, simplesmente, *verbo*, embora na sequência do texto apresente a classificação do verbo como "substantivo, adjetivo e auxiliar". Não obstante isso, o autor contesta a ideia de que verbo *ser*, conforme a *Grammaire Générale et Raisonnée* (Arnauld & Lancelot, 1803 [1660]) e a de *La logique* (Arnauld et Nicole 1992 [1662]), admitida por Barbosa (1822), seja o "único verbo" da língua, como se verá adiante, embora a classificação seja coincidente com a desses autores. Esse assunto será mais desenvolvido no item seguinte.

Para melhor clareza, reproduzem-se os textos, um principal e uma nota, em que Duarte expõe sua classificação das classes de palavras e pela qual é possível verificar a sutileza da diferença:

São cinco as Partes elementares da oração, a saber: *Nome Substantivo, Nome Adjectivo, Verbo, Preposição, Conjuncção*, e a *Interjeição* que não é Parte elementar, porque ella per si só equivale a uma oração, e ás vezes a muitas (2)<sup>9</sup>. Discurso é um composto de proposições, e porisso ellas são os seus elementos. (Duarte 1877, p. 26)

Nota (2). Como em toda a natureza ha unicamente substancias, qualidades, e relações, também no pensamento ha só idéas de substancias, de qualidades, e percepção das relações, ou de conveniencia, ou de determinação, ou de nexo e ordem entre as mesmas idéas; e sendo as palavras signaes de nossas idéas e pensamentos, segue-se que em toda e qualquer Lingua ha sómente cinco especies de palavras, correspondentes á analyse que fizemos do pensamento: porisso com os Nomes Substantivos significamos as substancias; com os Adjectivos as qualidades; com o Verbo Substantivo as relações de conveniencia; com as Preposições as de determinação: e com as Conjuncções as de nexo e ordem. (Duarte 1887, p.26)

Por esta classificação dos Elementos da proposição bem se deixa vêr que incluímos os *Artigos*, os *Pronomes*, e os *Participios* nos *Adjectivos*. Os *Verbos adjectivos*, como são a concentração de um attributo com o *Verbo substantivo* em uma só palavra, já estão classificados: e bem assim os *Adverbios*, por equivalerem a uma preposição com seu complemento. (Duarte 1877, p. 27)

---

<sup>12</sup> Melo (1818) apresenta também uma divisão parecida das partes do discurso, em cinco classes (substantivo, adjetivo, verbo e preposição e conjunção), mas formulada diferentemente. Além disso, embora sua obra tenha sido publicada antes da de Barbosa, não é possível falar da influência daquele sobre esse porque a *Grammatica Philosophica* de Barbosa foi finalizada anos antes, em 1803.

A nota (2) reproduzida aqui serve para mostrar a proximidade da classificação de Duarte com a de Barbosa, tanto pelos princípios quanto pelos procedimentos. Embora essa classificação não revele explicitamente, a conceituação do verbo é, talvez, o ponto mais relevante da diferença da descrição gramatical entre Duarte e Barbosa, o que mostra ter o gramático brasileiro feito uma reflexão sobre os fatos linguísticos e não simples cópia do português. Nesse caso, a própria denominação das partes da oração já sinaliza a diferença: na classificação geral das palavras, para Barbosa (1822, p. 107) a classe do verbo é apresentada já como "verbo substantivo" e para Duarte (1877, p. 26) simplesmente como "verbo" que, na sequência do desenvolvimento da matéria também é descrito como substantivo, adjetivo e auxiliar. No item seguinte essa ideia se evidenciará.

A classificação geral das partes do discurso de Duarte parece coincidir inteiramente com aquela de Barbosa, mas seu desdobramento apresenta diferenças pontuais. Um exemplo é a subclassificação dos adjetivos que, embora calcada na de Barbosa, é mais reduzida, pois prescinde da divisão dos determinativos de qualidade (gerais e especiais). Duarte encaixa diretamente os pronomes pessoais e possessivos e os dêiticos (loais) na rubrica demonstrativos. Vejamos a classificação apenas dos adjetivos determinativos qualificativos, focalizando os demonstrativos.

Para Barbosa, assim se organizam esses adjetivos determinativos:

I. {Adjetivos [explicativos] [restritivos] [**determinativos**]}

II. **Determinativos** {quantidade [universais] [partitivos] | qualidade [gerais (artigos)] | [especiais (pessoais) (**demonstrativos** (loais): puros : conjuntivos) ]}

Duarte apresenta brevemente a classificação geral dos adjetivos, a mesma de Barbosa, mostrada em (I), e passa diretamente à classificação dos determinativos :

**Determinativos** { [artigos] | [**demonstrativos** (pessoais : primitivos ; derivados) | (puros) (conjuntivos)]}

O termo "determinativo", em sua acepção gramatical, talvez tenha origem com Beauzée (1765, 7:585), quando o empregou na discussão sobre a função do genitivo. Sobre o termo, o francês disse:

L'effet général de ce cas [génitif] est de servir à déterminer la signification vague d'un nom appellatif par un rapport quelconque dont il exprime le terme; c'étoit dans cette propriété qu'il en falloit prendre la dénomination, & on l'auroit appelé alors *déterminatif* avec plus de fondement qu'on n'en a eu à lui donner tout autre nom.

Com base nesse texto, então, os gramáticos filosóficos portugueses, desde Barbosa,<sup>13</sup> passaram a empregar o termo *determinativo* para todas as relações antes referidas pelos termos dos casos latinos e que envolvem a relação do substantivo com todos os elementos que com ele tenham relação adjetiva (artigos, pronomes).

Quanto aos determinativos demonstrativos considerados puros pelos dois autores, os critérios para defini-los foram o semântico, pela referência à localização

---

<sup>13</sup> Bacelar não usa o termo, e Melo se beneficia do conceito de determinação, mas não usa o termo determinativo. Barbosa, por sua vez, o emprega sessenta e sete vezes, ao tratar do "nome adjetivo" (artigos, pronomes, adjetivos suas relações sintáticas).

espacial de objetos e pessoas, e o sintático, pela potencialidade remissiva que têm. A seguinte definição de Barbosa é calcada sobre o primeiro critério:

Os Determinativos Demonstrativos são aquelles, que determinão e applicão os nomes appellativos a certos individuos, indicando-os, e mostrando-os pela Localidade da sua existencia. (Ib., 1822, p. 161)

Algumas páginas depois desse conceito lê-se sobre os demonstrativos conjuntivos, quando comenta ao mesmo tempo aspectos da terminologia a ser usada para denominar as palavras anafóricas:

os Grammaticos commummente lhes dão o nome de Relativos, porque se referem a couza antecedente. Porém este mesmo nome se deveria dar aos Pronomes e aos mesmos Demonstrativos puros, quando se referem a couzas antecedentemente dictas no discurso, como succede a cada passo. Contentemos-nos pois com o nome de Demonstrativos, que convem a todos elles ; e mostremos a sua differença especifica, que he o em que mais devião cuidar os mesmos Grammaticos, a qual consiste em estes serem demonstrativos e ao mesmo tempo Conjunctivos. (Ib., p. 164)

Duarte conceitua pelo critério semântico os demonstrativos conjuntivos, acrescentando mais um elemento ao que disse Barbosa, a *distância*:

Determinativos Demonstrativos Puros são os adjectivos, que fazem com que os appellativos mostrem os objectos no logar e distancia em que estão. (Duarte 1877, p. 40)

O critério semântico também é empregado por Duarte que, decalcando Barbosa, se refere à "relatividade" dos demonstrativos que recuperam elementos antecedentes da frase:

Todos os *Demonstrativos Puros* podem ser *relativos*, isto é, representar nomes antecedentes; mas não podem ser conjunctivos, como os seguintes [o qual, a qual, cujo...], que são relativos e ao mesmo tempo conjunctivos. (Duarte 1822, p. 41)

Sobre essa questão da terminologia, é interessante notar que a respeito da classificação geral das partes do discurso, Duarte volta a dialogar com Constancio e mais uma vez não está de acordo com ele, pois há um trecho em que se vê uma bem evidente resposta, o que se lê nas passagens seguintes. Primeiro apresentamos a afirmação de Constancio e depois a replica de Duarte:

Constancio,

Por conseguinte não existe distincção essencial entre as diversas palavras de que se compõem as linguas; as divisões em substantivo, adjectivo, verbo, etc., **são puras invenções dos grammaticos**, e inexactissimas expressões. (Constancio 1831, p. 19)

Duarte

**Os termos Nome Substantivo, Adjectivo, &c. são invenções dos Grammaticos, é verdade; porem** invenções necessarias para dar um nome a cada uma das differentes classes de palavras, correspondentes ás differentes especies de idéas que ha no pensamento. (Duarte 1877, Nota 2, p.27)

Essa passagem revela tanto a interlocução de Duarte com Constancio sobre a crítica feita á tradição quanto a seu entendimento sobre o papel da tradição gramatical e de sua terminologia, o que não o impediu de criar termos novos (*porfazer*), ou de adotar outros criadas por outros autores (*linguagens*). A integração

de conceitos e termos específicos é, também, um método de referência de Duarte aos autores que compõem seu horizonte de retrospectiva.

A seguir, veremos aspectos tanto do contato entre Duarte e Barbosa sobre o conceito de verbo quanto da montagem do paradigma, pela denominação dos tempos.

## O verbo

Os trechos a seguir reproduzidos visam a mostrar um pouco do contato de Duarte com a teoria de Barbosa, nesse caso especificamente a respeito do verbo, o que passaremos a comentar. Leiam-se os trechos:

Duarte	Barbosa
<p>A essência do Verbo consiste em <b>animar os termos da proposição</b>, e ao mesmo tempo enunciar <b>a relação de conveniência</b> entre um e outro. Mas attendendo não só á <b>essência</b> do Verbo, e ao emprego que se lhe dá, mas também ás <b>idéas accessorias</b>, nelle muitas vezes concentradas, podêmos dividir o Verbo em tres especies, a saber: <i>Verbo Substantivo, Verbos Auxiliares, e Verbo Adjectivo.</i></p> <p><i>Verbo Substantivo</i> é o que não tem concentrado, em si attributo algum, e <b>serve de copula ou nexa</b> que une os termos da proposição, isto é, o attributo e o sujeito. Tal é na Lingua Portugueza o Verbo <i>Ser</i>; como: <i>Pedro é sabio.</i></p> <p><b>Tem a nossa Lingua dois Verbos que exprimem a existencia;</b> o Verbo <i>Ser</i> que significa <i>uma existência habitual e permanente;</i> o Verbo <b>Estar</b>, que enuncia uma <i>existencia actual e temporaria.</i> Isto se dá bem a conhecer nos exemplos seguintes: <i>Eu sou doente. Eu estou doente.</i> (16)23</p> <p>(Duarte p. 52-53) Grifamos.</p>	<p>O Verbo he huma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito de baixo de todas suas relações pessoas e numeraes, enunciando por diferentes modos a coexistencia e identidade de um com outro por ordem aos diferentes tempos, e maneiras de existir. (...)</p> <p>O verbo pois além da <b>sua significação primaria e principal, que he a da Existencia</b>, comprehende em si <b>cinco idéas accessorias</b>, indicadas todas pelas diferentes fórmulas, e terminações, que toma, (...).</p> <p>Desta breve analyse do verbo se vê que sua <b>essencia consiste propriamente na enunciação da coexistencia de huma idea com outra;</b> e não na expressão destas ideas, que ja para isso tem palavras destinadas nos substantivos e adjectivos, que as nomeão; e que esta coexistencia não póde ser expressada, nem o he em todas as Linguas, senão pelo verbo substantivo; que por isso, a falar propriamente, <b>he o unico verbo</b>, em que por ultima analyse se vem a reduzir todos os verbos adjectivos, os quaes lhe não acrescentão outra couza mais do que a idea do Attributo. (Barbosa p. 191-192) Grifamos.</p>

Quadro 8 – Verbo substantivo

Os pontos destacados no texto mostram muitas coincidências e uma divergência. As coincidências dizem respeito à (i) essência e ao emprego do verbo

substantivo, para Duarte (1877, p. 52), nos termos "animar termos da oração", "relação de conveniência" e "cópula"; para Barbosa, "enunciação de coexistência entre uma ideia e outra"; (ii) ideias acessórias, para Duarte, "estados, atos e acções, modos, tempos, pessoas, números", e para Barbosa (1822, p. 191), o verbo ser "exprime a existencia de huma qualidade, ou attributo no sujeito da proposição"; (iv) espécies, para ambos, "verbo substantivo, adjectivo e auxiliar"; (v) expressão da existência, para Duarte (1877, p. 53) "o Verbo Ser, que significa uma existencia habitual e permanente ; o Verbo Estar, que enuncia uma existencia actual e temporaria.

Essa diferença parcial, mas importante, relativa à discordância de Duarte quanto ao fundamento da interpretação do conceito e da função do verbo *ser*, oriunda da *Grammaire Générale* (1660) e adotada por Barbosa, aparece claramente em nota (Duarte, 1877, nota 16 [23], p. 54), em forma de "pergunta-afirmativa", mas não aparece no texto principal, reproduzido no quadro 7. O conceito de verbo substantivo fica claro na conclusão de longo raciocínio a respeito do assunto. Diz ele assim:

**Parece-nos desacerto dizer-se que *Ser* é o unico Verbo necessário á enunciação:** que se podem fazer com elle todas as proposições, e sem elle nenhuma: numa palavra, que *Ser* é o unico Verbo. Não somos deste parecer: 1.º porque *Ser* necessita dos Verbos auxiliares: 2.º porque muitas vezes depende dos particípios imperfeitos e nomes verbaes, que suppõe a existência dos *Verbos adjectivos*: 3.º porque, sendo muitas vezes necessario enunciar o attributo por meio de uma qualidade abstracta, o Verbo *Ser* nem sempre serve para exprimir a relação de conveniencia com o sujeito. (Duarte, 1877, p. 53) (Grifamos)

O trecho reproduzido dispensa comentários a respeito da diferença de conceito do verbo *ser* para Barbosa (1822) e Duarte (1877), já que, para aquele, o verbo *ser* é o único verbo da língua, capaz de resumir em proposição todas as afirmações proferidas pelos homens. Duarte chegou a essa conclusão após a publicação da primeira edição de seu compêndio, como está indicado no quadro 1 [Ver 23(16)], mas não a assumiu no corpo do texto.

Outras especificidades que representam discordâncias entre Duarte e Barbosa aparecem no *Compendio*, dentre as quais destacamos, para finalizar, a classificação dos tempos verbais, que inclui a criação e utilização do termo "porfazer" para designar o que, nas palavras do autor, é uma *linguagem* que "exprime a existencia de uma acção, ou estado começado só na tenção e preparos, e por fazer quanto á execução", ou seja, é um termo que se aplica aos tempos que enunciam a intenção do falante de fazer algo mas que não implica a realização imediata do que é enunciado. Esses tempos "porfazer" estão em todos os modos, relativamente às expressões verbais (línguagens) listadas como *imperfeito*, e compõem o paradigma verbal de Duarte.

Pelo quadro comparativo do paradigma verbal composto por ambos os gramáticos, verificamos a existência de muitas semelhanças e algumas diferenças entre as duas abordagens. Em se tratando de semelhanças, fica claro que Duarte aproveitou a proposta de Barbosa quanto à classificação tripartite dos modos, incluindo o imperativo no indicativo, embora de modo diverso. Quanto às semelhanças, de certa maneira, nota-se a divisão de tempos, que Barbosa construiu

com base na de preceitos de Beauzée,<sup>14</sup> assim como a classificação dos modos e tempos e, também em parte, a terminologia como, por exemplo, a referência a tempos como “linguagens”<sup>15</sup> e a utilização de termos como *absolutos* e *relativos* para diferenciar a subclassificação de perfeitos e imperfeitos. Como diferença, ressaltam-se a divisão do infinitivo pessoal e impessoal em tempos perfeitos e imperfeitos, a subdivisão do particípio em perfeito, imperfeito, imperfeito porfazer e passivo além da criação da linguagem “porfazer” para separar todas as expressões verbais conjugadas pelos verbos **haver** ou **ter + de + infinitivo do verbo principal**, que dão origem aos *imperfeitos porfazer*, que aparecem em todos os três modos verbais: três no infinitivo; quatro no indicativo; três no subjuntivo. Uma outra diferença é a inclusão de dois condicionais, o *perfeito condicional* e o *imperfeito condicional porfazer*, para Duarte, enquanto para Barbosa há apenas um condicional, o perfeito.

O esquema a seguir apresentado mostra mais sinteticamente a organização do paradigma para os dois autores, pela evidência, em vermelho das diferenças entre as duas classificações:

Barbosa,

{INFINTIVO [**impessoal**] [**pessoal** (imperfeito) (particípio perfeito)]  
 {INDICATIVO [**presente** (imperfeito absoluto) (imperfeito imperativo) (perfeito)]  
 [**pretérito** (imperfeito absoluto) (imperfeito condicional) (perfeito absoluto) (perfeito relativo) (perfeito condicional) [**futuro** (imperfeito) (perfeito)]  
 {SUBJUNTIVO [**presente** (imperfeito) (perfeito)] [**pretérito** (imperfeito) (perfeito) ]  
 [**futuro** (imperfeito) (perfeito)]}

Duarte,

{INFINTIVO [**impessoal** (**imperfeito**) (**imperfeito porfazer**) (**perfeito**)] [**pessoal** (imperfeito) (**imperfeito porfazer**) (**perfeito**) [**particípio** (**imperfeito**) (**imperfeito**)

<sup>14</sup> Ver Beauzée (1765; 1767). O sistema verbal de Beauzée tem três divisões: a primeira é a das relações de simultaneidade, anterioridade e de posterioridade com a época de comparação da existência relativamente ao momento de referência estabelecido no discurso, que correspondem respectivamente ao *presente*, *passado* e *futuro*; a segunda divisão diz respeito à maneira de interpretar a época de comparação da existência ao caráter *geral* | *indeterminado*, ou *especial* | *determinado*, correspondentes aos conceitos de definido e de indefinido; a terceira é a da fixação de um ponto na duração (ou seja, no “tempo” da existência) para o estabelecimento da comparação, e esse ponto é o do momento da fala (da enunciação), falada ou escrita. (16: 96). Entendemos que a seguinte fórmula pode representar o esquema dos critérios dos tempos do sistema verbal de Beauzée:

1º{presente, passado, futuro 2º [positivo, próximo, comparativo 3º (definido 3º<anterior | simples ou periódico |>, indefinido)]}

<sup>15</sup> Barbosa se refere aos tempos presente passado e futuro e às subclassificações desses ele as denomina “linguagens”, considerando que o conjunto apresentado não contempla somente formas essencialmente temporais mas também de aspectuais (incoativo, continuativo). O termo “linguagem” pode constituir uma inovação terminológica de Barbosa.

porfazer) (perfeito) ( passivo}}

{INDICATIVO [**presente** (imperfeito) (**imperfeito porfazer**) (perfeito) (imperfeito) (imperativo)] [**pretérito** (imperfeito) (**imperfeito porfazer**) (imperfeito condicional) (**imperfeito condicional porfazer**) (perfeito) (perfeito absoluto) (perfeito relativo) (perfeito condicional)] [**futuro** (perfeito) (imperfeito) (**imperfeito porfazer**)}

SUBJUNTIVO [**presente** (imperfeito) (**imperfeito porfazer**) (perfeito)] [**pretérito** (imperfeito) (**imperfeito porfazer**) (perfeito) ] [**futuro** (imperfeito) (**imperfeito porfazer**) (perfeito)]}

Duarte considera "tempos" no infinitivo também aqueles conjugados com haver ou ter + de + infinitivo do verbo principal, o *imperfeito porfazer*, e haver ou ter + particípio do verbo principal, o perfeito, e particípio passivo. Note-se que o particípio fica incluído no modo infinitivo pessoal, assim como o fez Barbosa. Outra concordância entre os dois autores diz respeito à inclusão do (modo) imperativo no indicativo, pois ambos os autores defendem que o tempo da ordem (um presente) não é o mesmo do da execução da ação (futuro). Outro ponto a ser ressaltado é a adoção, também pelos dois gramáticos, das denominações *absoluto* e *relativo* a tempos verbais do passado, como o fez Du Marsais ao tratar do "aoristo" na *Encyclopedie*, quando afirmou sobre tais termos:

Ainsi *aoriste* se dit d'un tems, & sur-tout d'un *prétérit indéterminé* : *j'ai fait* est un *prétérit déterminé* ou plutôt *absolu* ; au lieu que *je fis* est un *aoriste*, c'est-à-dire, un *prétérit indéfini*, indéterminé, ou plutôt un *prétérit relatif* ; car on peut dire absolument *j'ai fait*, *j'ai écrit*, *j'ai donné* ; au lieu que quand on dit *je fis*, *j'écrivis*, *je donnai*, &c. il faut ajoûter quelqu'autre mot qui détermine le tems où l'action dont on parle a été faite ; *je fis hier*, *j'écrivis il y a quinze jours*, *je donnai le mois passé*. (Du Marsais, (1: 520))

Ressalte-se, para finalizar que, não obstante muitas coincidências e algumas diferenças, os critérios de análise usados por ambos os autores para a composição do paradigma verbal foi também parcialmente diferente. Barbosa (1822), de um lado, considerou o critério sintático, além do semântico e morfológico na organização de seu paradigma, especialmente para montar o quadro dos três modos; de outro, Duarte seguiu Barbosa, mas privilegiou o critério semântico, deixando (quase) em silêncio o sintático. Tal atitude repercutiu na distribuição dos tempos compostos e nas perífrases (nas *linguagens*), deixando a classificação de modo mais integrado para Barbosa e mais difuso para Duarte.

## Últimos comentários

Este breve estudo a respeito dessa gramática filosófica brasileira mostra que Antonio da Costa Duarte contribuiu para os estudos e o ensino da língua portuguesa no Brasil, o que se comprova pelas reflexões aqui postas em relevo e também, pelo sucesso que a obra alcançou, tendo sido escrita sob uma teoria nova e inóspita, pela introdução de novos conceitos, tanto para os leitores já iniciados na teoria gramatical quanto para os iniciantes nessa matéria. Além disso, o número de edições de sua gramática, seis, todas no Nordeste do Brasil, no estado do Maranhão, é fato que atesta a aceitação do *Compendio*.



A comparação do *Compendio de grammatica da lingua portugueza*, de Duarte, a primeira gramática filosófica brasileira, com a mais importante gramática filosófica portuguesa a *Grammatica philospphica da lingua portugueza*, de J. Soares Barbosa, mostra que a obra brasileira não é incipiente, embora seja um "compêndio". A novidade da teoria, todavia, não inibiu o gramático a não somente usar um "já dito" por autores franceses e portugueses, como enunciado aqui, mas também a questionar o que não lhe parecia nem adequado nem preciso à descrição do português e assim lançar-se a propor interpretação e terminologia novas para certos fatos. O que aconteceu com os pontos gramaticais aqui comentados a respeito da classificação das vogais *i* e *u* como "surdas", a discussão sobre a denominação do pronome (*demonstrativo*) denominado "artigo" por Barbosa, a consideração do verbo *ser* como "único verbo", à subdivisão dos tempos verbais e à criação de terminologia para classificar, segundo seu parecer, precisamente as formas verbais (*porfazer*).

O autor não teve pretensão de produzir uma obra teórica, tanto que afirma, no final de seu texto: "Ninguém se persuada de que póde ser bastantemente profundo em matéria alguma, estudando só por Compendios" (Duarte, p. 146), afirmação que consta já na primeira edição. As edições que consultamos, porém, mostram que a obra não é um simples manual didático, especialmente em razão das constantes discussões postas nas notas de rodapé, acrescentadas, provavelmente, desde a segunda edição, independentemente do fato de o autor estar certo, ou não, quanto ao teor da posições assumidas. Não obstante as discussões sobre a teoria de alguns fatos gramaticais, o *Compendio* não é realmente uma obra de aprofundamento nas questões da linguagem, e, portanto, sob tal perspectiva, o autor tem razão de denominar "compêndio" a sua gramática.

Como o *Compendio da grammatica portugueza* chegou a seis edições, de 1829 a 1887, numa longa duração de tempo, é possível dizer que seu sucesso foi considerável. A última edição, de 1887, saiu já quando as gramáticas filosóficas estavam superadas pela chegada do "cientificismo" que tomou aos poucos o lugar do "filosofismo".

## Referências bibliográficas

### Fontes primárias

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio de grammatica portugueza, para uso das Escolas de Primeiras Letras*. Maranhão: Tipografia Nacional, 1829.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*. Maranhão: Tipografia do Frias, 1859.

COSTA DUARTE, Antonio da. *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza*. 6ª ed. Maranhão: Na Livraria do Editor Antonio Pereira Ramos D'Almeida, 1877, in: [http://ctlf.ens-lyon.fr/t\\_resul.asp?num=3373](http://ctlf.ens-lyon.fr/t_resul.asp?num=3373).

BARBOSA, Jeronymo. *Grammatica philosophica da lingua portugueza*. Lisbonne: Typographia de Academia das Sciencias, 1822. Edição semi-diplomática de Carlos Assunção & Gonçalo Fernandes, 2017, [http://ctlf.ens-lyon.fr/t\\_resul.asp?num=3317](http://ctlf.ens-lyon.fr/t_resul.asp?num=3317).

### Fontes secundárias

AUROUX, Sylvain. *La raison, le language et les normes*. Paris: PUF, 1998.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal, avec un Essai sur l'origine et les progrès de la langue française, par M. Petitot, et suivie du commentaire de M. Duclos*. Paris: Perlet, 1803. Acessível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6117192g>.

ARNAULD, Antoine; NICOLE, Pierre. *Logique ou art de penser*. Notes et postf. de Charles Jourdain. Paris: Gallimard, 1992. [1662]. Acessível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k25788r>.

BEAUZÉE, Nicolas. *Grammaire générale ou exposition raisonnée des éléments nécessaires du langage, pour servir de fondement à l'étude de toutes les langues*. Paris: Barbou, 1767, 2 vol., de Nicolas Beauzée (1717-1789). Acessível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50449f>.

BEAUZÉE, Nicolas. *Articles de l'encyclopédie, 1765*. In: *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.*, eds. Denis Diderot and Jean le Rond d'Alembert. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Autumn 2017 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds), <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2014.

CONSTANCIO, Francisco Solano. *Grammatitica analytica da lingua portugueza*. Paris: Casa de J. P. Aillaud, 1831.

COELHO, Sónia. FONTES, Susana. *Da ortographia da lingua portugueza*. *Confluência*, n.º 51, – 2.º semestre de 2016, Rio de Janeiro.

Du MARSAIS, César Chesneau. *Articles de l'encyclopédie, 1765*. In: *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.*, eds. Denis Diderot and Jean le Rond d'Alembert. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project (Autumn 2017 Edition), Robert Morrissey and Glenn Roe (eds), <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

MELO, João Crisóstomo de Couto e. *Gramática filosófica da linguagem portugueza*. Lisboa: Impressão Régia, 1818.

[Compendio...]

COMPENDIO  
DA  
GRAMMATICA PHILOSOPHICA  
DA  
LINGUA PORTUGUEZA

ESCOLHIDA PELA CONGREGAÇÃO  
DO LICÊO DO MARANHÃO PARA USO DO MESMO,  
E DAS AULAS DE PRIMEIRAS LETRAS  
DA PROVINCIA,

PELO

PADRE ANTONIO DA COSTA DUARTE.

LENTE DA  
GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA, E ANALYSE  
DOS NOSSOS CLASSICOS.

6.<sup>a</sup> EDICÇÃO.



**MARANHÃO.**

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDICTOR  
ANTONIO PEREIRA RAMOS D'ALMEIDA  
RUE DA PALMA N. 3.

1877.

## *Introdução.*

Na formação de seus pensamentos é uniforme, unico, e immutavel o procedimento do espirito humano; pois que todo o homem, de qualquer Nação que seja, pensa porque tem idéas, e comparando-as aprende as relações que entre ellas ha: mas como entre as operações de nosso espirito e a Linguagem articulada, por meio da qual se exprimem, ha uma intima connexão e correspondencia; é forçoso que esta mesma immutabilidade se communique ás Linguas de todos os Povos.

Sendo porém á Grammatica Universal a Arte, que analysando o pensamento, ensina com que especie de palavras se devem exprimir as idéas e as relações, de que elle póde constar; segue-se que a Grammatica Universal é tambem immutavel e a mesma em todas as Nações. Mas como estas escolhêrão para signaes de suas idéas vocabulos differentes só no material dos sons, é preciso accommodar aquelles mesmos principios invariaveis á indole de cada Lingua, começando pelo estabelecimento dos preceitos geraes da Linguagem, e applicando-os depois aos usos da que se pretender ensinar: eis aí o que se chama Grammatica Particular.

Como porém os vocábulos podem ser considerados,

**Pag. 3**

ou pelo que tem de fisico e material, como sons mecanicos, ou pelo que tem de logico e discursivo, é manifesto que a Grammatica deve tractar da parte mecanica das Linguas, observando os sons articulados elementares e fundamentaes da Linguagem; as syllabas que resultão de sua differente combinação; o tom e a quantidade da voz na pronunciação dos mesmos sons no corpo dos vocábulos; e finalmente os caracteres litteraes, adoptados pelo uso, para representarem e fixarem estes mesmos sons e vocábulos na escriptura. Daqui vem as duas partes da Grammatica, a *Orthoepia*, que tracta da boa pronunciação e leitura da Lingua, e a *Orthographia*, que tracta da sua boa escriptura.

Considerados porem os vocabulos pelo que tem de logico e discursivo, elles são signaes representativos de nossas idéas e de suas relações; mas para que representem clara, distincta, e fielmente nossas idéas, é necessário primeiramente analysar o pensamento, reduzindo-o aos seus elementos, para distribuir em classes determinadas assim as idéas, como as relações de que elle pode constar; e depois assignar a cada uma destas classes outras tantas especies de palavras correspondentes, que as enunciem: o que é dependente da observação das differentes propriedades, usos, e serventias, que as palavras tem no discurso; e porisso estas classes ou especies de palavras se chamão Elementos da oração por corresponderem aos do pensamento: a esta parte da Grammatica se dá o nome de *Etymologia*.

Distribuidas as palavras em certas classes, conhecido o seu uso, propriedades, e a maneira de as preparar, a fim de servirem á enunciação de qualquer pensamento, o que tudo pertence á *Etymologia*; resta saber coordenar e compor uma oração ou um encadeamento dellas, dando ás

palavras já esta, já aquella terminação, subordinando umas a outras, de maneira que se accomodem ás diferentes relações, que as idéas tem entre si, ou sejam de conveniencia, ou de determinação e subordinação, e collocando em fim as palavras de um modo authorisado pelo uso, para de tudo isto resultar um sentido, ao mesmo tempo ligado, e distincto. Isto faz o objecto da *Syntaxe*, que significa coordenação, e da *Construcção*, que quer dizer collocação.

Do que temos dicto se vê claramente, que a Grammatica em geral é a Arte de fallar, ler, e escrever correctamente; que seu objecto são as palavras, e que seu fim é exprimir e pintar com distincção, clareza, e fidelidade nossos pensamentos por meio de palavras. Ella se compõe das quatro partes acima dictas, as quaes longe de serem independentes antes não é praticavel tocar n'uma sem que outras o sintão; porque de sua intima união procede, o auxiliarem-se mutuamente. Daqui vem que na *Orthoepia* é indispensavel tocar ainda que levemente, em cousas pertencentes á *Etymologia*; pelo que se alguém quizer apartar-se da ordem, que seguimos, por ser a natural, póde ensinar primeiro a *Etymologia* e a *Syntaxe*; pois que nós também nos apartamos um pouco daquella ordem, deixando a *Orthographia* para o fim.

# Compendio da Grammatica philosophica da lingua portugueza.

Grammatica Portugueza é a Arte que ensina a fallar, ler, e escrever sem erros a Lingua Portugueza. <sup>16</sup>

Divide-se a Grammatica em quatro partes, que são : *Orthoepia*, *Orthographia*, *Etymologia*, e *Syntaxe*. A *Orthoepia* tracta da boa pronunçiação e leitura da Lingua. A *Orthographia* ensina a escrever certo. A *Etymologia* distribue todas as palavras em certas classes, segundo suas diferentes propriedades e serventias. A *Syntaxe* ensina a dispor bem as palavras no discurso.

## Capitulo I. Da orthoepia.

### § I. *Dos sons e das letras que os representão.*

A *Orthoepia*, isto é, a boa pronunçiação e leitura da Lingua depende do conhecimento distincto de tres cousas. 1.<sup>a</sup> dos *Sons* elementares

---

<sup>16</sup> Arte é um systema, rasoado de operações proprias a produzir um effeito importante á vida, e que se não podia esperar da natureza só.

Lingua é todo o systema do signaes que directamente manifestão o pensamento. Esta definição comprehende a linguagem articulada e a linguagem da acção.

Referindo-nos porém á linguagem articulada, *Lingua é a collecção de vocabulos de que usa qualquer nação.*

A linguagem da acção consiste nos gestos, movimentos do rosto, e sons inarticulados.

Uma lingua *deve ser facil*, para que seja entendida dos ignorantes e dos sabios. Mas para que uma Lingua seja bem *feita e facil*, deverá ser *clara, precisa* ou resumida, *rica, e fundada na origem e geração das idéas.*

e fundamentaes, que entrão na composição dos vocabulos. 2<sup>a</sup> das *Letras* que representam os *Sons* articulados. 3<sup>a</sup> do conhecimento da quantidade, e do accento da voz na pronunção delles ; mas este ultimo exame pertence á *Prosodia*, parte da *Orthoepia*.

Os *Sons elementares e fundamentaes* de todas as *Linguas* são de duas qualidades. *Sons Vogaes*, e *Sons Consoantes*. Os *Sons Vogaes* na nossa *Lingua* são quatorze, a saber : *á, a, é, ê, e, i, ó, ò, u, ã, ã, ã, õ, ã*. Os primeiros nove chamão-se *Oraes*, porque quando se articulão sae todo o som pela bocca, e os outros cinco chamão-se *Nasaes*, porque quando se pronunção, sae parte do som pelo nariz. <sup>17</sup>

Os *Sons Vogaes Oraes* todos se escrevem com as cinco letras vogaes *a, e, i, o, u*, accentuadas, quando é preciso evitar equívocos, como se vê na regra acima ; e os *Sons Vogaes nasaes* escrevem-se com as cinco letras vogaes com o *til* ; ou com *m*, ou *n*, como : *Lã, Tempo, Tanto*.

Os nossos *Sons Consoantes* (segundo a ordem mesma de sua natural geração), e as letras que

---

<sup>17</sup> Vozes ou Sons Vogaes são os diferentes sons que se formão por impulso da voz, modificada pelas diferentes aberturas do canal da bocca, sem concorrência de suas partes moveis. O canal da bocca pôde ser modificado em diferentes pontos, desde sua extremidade interior até a exterior. Daqui procede a variedade de vozes nas linguas das nações.

Não ha som algum medio entre o *e* surdo e o *i*, entre o *o* e o *u*. Na palavra *Cear* (comer) ouve-se distinctamente o som *i*, mas escreve-se com *e* por causa da derivação. Em *Soar* (fazer som) e *Suar* (ter suor), o som *u* não pode ser mais claro ; e se na primeira se escreve *o*, e na segunda *u*, é pela razão já dita. Não ha portanto esses sons ambiguos ou surdos ; onde pode haver ambiguidade ou duvida é na representação litteral desses sons, para nos conformarmos ou com a derivação, ou com o uso. Os que admittem aquelles sons ambiguos, confundem os sons com os caracteres que os representão.

Parece-nos que um distincto Grammatico não tem razão em dizer (a pag. 10 da sua Grammatica) que o *u* ainda quando é surdo sempre tem um som mais agudo que o *o* surdo. Ninguém sabe o que é nem *o* surdo, nem *u* surdo. Quem será capaz de pronunciar um *o* surdo ? A voz de todos nós pronuncia *ó, ô* ; e quando desce deste segundo som, necessariamente pronuncia *u*, som que nunca é surdo, nem o *i*, como reconhece o mesmo Autor, quando diz na pagina antecedente que o *u* nunca muda de som, senão quando se torna nasal. Por isto e tambem por cauza da derivação nos parece que o dito Grammatico não tem fundamento para não approvar que se escreva *Mingua, Agua, Lingua, Deus, &c.* com *u*. Se os Latinos escrevem *Deo* no dativo do singular, e *Deorum* no genitivo do plural, não é por conservarem o *o* do Grego *Theos*, como quer o dito Autor : mas sim pela mesma razão, porque escrevem *servo, sevorum, &c.* isto é, por ser um nome substantivo, pertencente á segunda declinação.

Parece-nos tambem que *é, ó*, nunca são breves, mas longos, ainda menos que *ê, ô*. Não sabemos porque o mesmo Autor diz que *á, é* são longos, e *é, ó* breves. Todas essas vozes são longas ; são contracções dos dois *aa*, dois *ee*, dois *oo*, com que nossos antigos escrevião. As vozes *ã, ã, ã, õ, ã* são os *Sons Nasaes* claros ; porem os *Sons Vogaes* adquirem um som Nasal menos sensível, quando são seguidos das consoantes *m, n, nh*, como : *Ama, Anna Sanha, Temo, Penna, Tenha, Vinho, Somno, Cunha, &c.*

**Pag. 10**

os representão, são os seguintes : *b, p, m, v, f, g, q, c, d, t, s, ç, z, j, x, ch, n, nh, l, lh, r, rr*. Estes *Sons*, e as letras que os representão chamão-se *Consoantes*, porque sempre soão juntamente com sons vogaes. <sup>18</sup>.

O nosso Alphabeto é este : *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z* ; mas todas

**Pag. 11**

as consoantes se devem nomear, como se tivessem um *e* brevissimo depois de si, deste modo : *be, ce (que), de, fe, ge (gue), je, le, me, ne, pe, qe (que), re, se te, ve, xe, ze*.

O *g* antes de *e* ou *i* tem o som de *j*, como : *Giro Gente*. O *c* antes de *e* ou *i* tem o som de *s*, como : *Cera, Cinza*.

Depois de *q* sempre se escreve *u*, que sempre se pronuncia em *qua* como *Quatro, Quando* : exceptuão-se *Quaderno, Quatorze* e seus derivados, nos quaes se não pronuncia o *u*. Nos outros casos o *u* depois de *q*, e depois de *g*, umas vezes se pronuncia, como em *Liquido, Guarda* ; outras não, como em *Questão, Guerra*.

O *s* quando está só antes de consoante, sôa como se tivesse um *e* brevissimo antes de si, como em *Studo, Estudo* ; entre vogaes tem o som de *z*, como : *Rosa, Vaso*, mas em palavras compostas tem o som de *ç*, como : *Resentir, Verosimil*. O *x* ás vezes tem o som de *ç*, como : *Proximo*

**Pag. 12**

*Maximo* ; vale tambem por *is* ou *iz*, como : *Expór. Exemplo* : e por *cs*, como : *Fixar, Reflexo*. No fim as palavras Portuguezas, o *x*, e o *z* tem som de *s*, como : *Index, Cruz*.

O *ch* antes de *r* tem o som de *c*, como em *Chrisma, Christão*. O *n* e o *h*, ainda que junctos, não tem o som de *nh* em palavras compostas da preposição *in*, como : *Inhabil, Inhibir*. O *r* entre vogaes sôa brandamente, como em *Hora, Caro* ; mas em palavras compostas sôa forte ; como em *Prorogar, Derogar*.

Eis aqui pois os *Sons elementares e fundamentaes* da nossa lingua, e as letras que os representão na escriptura.

---

<sup>18</sup> Consoantes são os diferentes sons, que se fórmão pelo impulso de voz, modificada pelas partes moveis da bocca. Estas partes moveis são a lingua, os dentes e os beiços. Costumão os Grammaticos minuciosos dividir os Sons Consoantes em muitas classes. Não perderemos o tempo com isso, porque de nada serve nem para a boa pronunciação, nem para a boa escriptura. A verdadeira differença que ha entre os sons vogaes e os consoantes é que todos os sons vogaes são prolongaveis, e se podem cantar ; dos consoantes porem nenhum se pode cantar ou modular, e são prolongaveis *v, f, s ç, z, s x ch, j, g, z, r, rr* que por isso se chamão semivogaes. As outras são mudas, porque se não podem prolongar. Chamão-se liquidas o *l*, o *r*, e o *s* quando não tem vogal diante, porque se associão bem com as letras consoantes na formação das syllabas. Consoantes duples ou dobradas só temos o *x*, quando o pronunciamos á Latina. Os Sons Vogaes e os *Consoantes* são sons simples, quer se escrevão com uma letra só, como : *a, b* ; quer se representem com duas, como : *am, lh*. Letra é um signal litteral que representa um som articulado. O *h* não é letra, porque não representa som algum.



A sua diferente combinação produz todas as nossas syllabas, que andão por 1 :800 ; e estas, differentemente combinadas dão o ser a todos os nossos vocabulos, que passão de 40 :000.

## § II. Dos dithongos e das syllabas.

*Dithongo* é um som composto de dois sons vogaes, pronunciados de uma só emissão de voz, como : *Eu, Pão* ; e por consequencia haverá *Dithongo*, quando uma *syllaba* constar de dois sons vogaes, sensiveis na pronunciação. <sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Nos dithongos da nossa *Lingua* predomina a prepositiva, isto é, a primeira vogal. Porem nos Dithongos Oraes, *ua, ue, ui*, a segunda é predominante, como : *Qual, Equestre, Liquidar* ; e tambem nos Dithongos Nasaes *uan, uen, uim, uin*, como : *Quanto, Eloquencia, Ruim, Ruindade, Quinquagesimo &c.* Tudo isto são Dithongos, porque são sons compostos de dois sons vogaes, pronunciados de uma só emissão de voz.

Tambem não é exacto um illustrado e mui, distincto Philologo quando diz que nos Dithongos Nasaes a primeira vogal sempre é nasal, excepto sendo *i* a segunda : pois nós acabamos de ver que nos Dithongos Nasaes *uan, uen*, a nasal é a segunda vogal ; mas o Autor não se lembrou destes Dithongos.

Não são Dithongos as *syllabas* *ôa, ôo, ua*, como *Tôa Vôo, Equuleo*. porque em cada uma das duas primeiras ha duas *syllabas* bem distinctas, e na terceira só se percebe o som *u* longo ; e não dois sons vogaes, muito embora estejam escriptos ; pois o que faz Dithongos é a voz, e não as letras, as quaes muitas vezes não pronunciamos, porque servem não para representar algum som no uso vivo da lingua, mas sim a origem e derivação do vocabulo escripto. Pelo contrario, quando lemos, muitas vezes pronunciamos sons que não estão escriptos, como succede no presente caso em *ôa* e *ôo*, como *Tôa, Vôo &c.* que todos pronunciação *Toua, Vouo*, isto é, duas *syllabas*, o Dithongo *ou* e uma vogal, embora ordene o uso que se escreva o Dithongo, *ou* com a vogal *ô*, incapaz de o representar, não obstante a errada opinião de alguns Grammaticos. Acontece o mesmo nas duas *syllabas* *éa*, quando se escrevem assim em *Idéa, Cea &c.* que todos pronunciação *Ideia*, e assim o escrevem muitos. Pelo que temos dicto, se prova que *ôa, óo* tem duas *syllabas*, e que a primeira nunca se une á segunda para ambas formarem Dithongo, isto é, um som composto de dois. Mas se fosse possivel unil-as, farião não um Dithongo, mas um *Trithongo*, materia de que logo fallaremos. Para tornar evidente o que temos dicto bastarião as rasões expendidas e o testemunho do ouvido de cada um, mas provemol-o tambem com a Poesia.

A cortadora *prôa*, que rasgava (Garção, Ode á restauração da Arcadia).

Tão alto *vôa* tanto resplandece (Diniz, Ode a Vasco da Gama).

E os ares vai trabalhando a *vôo* solto (idem).

Nestes versos e em centos delles que poderamos apontar, *ôa* tem duas *syllabas*, *ôo* tambem. Se alguns Poetas pela liberdade que tomárão, uma vez ou outra fizerão o contrario, taes versos, por lhes sobejar uma *syllaba* e temerem comprimento de mais, escandalizão o ouvido, que tanto se deleita em ouvir os outros.

*lem*, como *Liem, Chiem, ãa* como *Hũa, Algũa* (que hoje se escreve *Uma, Alguma*) não são Dithongos Nasaes, mas duas *syllabas* ; porque as duas vogaes não se pronunciação de uma só emissão ou impulso ; pois o orgão da voz faz dois movimentos bem distinctos para os pronunciar em dois tempos. Vejamos alguns versos.

Que nunca culpa *algũa* la chegou. *Hũa* Virgem, signal dado na ley. (Sá de Miranda, Canção á Festa da Annunciação.

A este respeito dizemos o mesmo que fica dicto sobre *ôa* e *óo*.

Nenhuma differença percebemos no som de *Põe*, quando é terceira pessoa do singular do verbo *Por*, e quando é terceira do plural. Para se fazer essa differença é necessaria uma

Chamão-se *oraes os Dithongos* que só tem vozes oraes, como : *Meus, Pais* ; e chamão-se *nasaes os Dithongos* que tem alguma voz nasal, como : *Mão, Pão*.

*Syllaba* é aquelle som, que se pronuncia de

pronunção forçada e affectada. Portanto não admittimos esse Dithongo duplicado, que não existe ; pois é somente um Dithongo Nazal, e nada mais. Até nos parece escusado escrever *Põem*, para na escriptura o distinguirmos do singular, porque o sentido do discurso o dará a conhecer, assim como o dá quando alguém fala.

Também nos parece que *ea, eo, ia*, como em *Lactea, Lacteo, Gloria*, e noutros vocabulos semelhantes, não são Dithongos, mas duas syllabas, ambas muito breves, que por isso os Poetas sempre fazem dellas uma só, para que o verso não fique froxo e languido. Fazem elles isto com a mesma liberdade, com que muitas vezes ajunctão em uma syllaba as duas primeiras de *Theatro, Fiança, Suave, &*. É erro confundir a voz *ó* com o Dithongo *ou*, porque a pronunção é muito differente, como se vê em *Ôsso* (de animal) e *ouço* do verbo ouvir. Na sua Grammatica, o mesmo Autor de quem temos falado, diz que são Trithongos *éa* ou *eia, eão*, e *ião* verbo e terminação, não só na poesia, mas também na prosa. Diz mais que a prova é o escrever-se indistinctamente por *é* e por *ei*. Esta prova que o Autor dá, mostra bem que elle confundio aqui o som com sua representação litteral. Que importa que se escreva *Area, Idea* & com *é*, se todos nós ouvimos o Dithongo *ei* e a voz *a*, isto é, duas syllabas distinctas, como se escrevessemos *Arei-a, Idei-a* ? O testemunho dos ouvidos de todos depõe contra a existencia de taes Trithongos. O mesmo Autor reconheceo que em *Idéa* ou *Ideia* não ha Trithongo, mas que *éa* ou *eia* são duas syllabas ; pois no paragrapho antecedente áquelle, em que tracta dos Trithongos (pag. 47), diz que em *arêa* ou *areia, êa* ou *eia* são duas syllabas. Ora se o são em *arêa*, por que o não são em *ideia, veia, teia, eia* interjeição & ? Trithongo seria um som composto de tres sons vogaes, pronunciados todos por um só impulso da voz ; seria uma syllaba composta de tres sons vogaes ; mas *éa* ou *eia* tem duas syllabas, por que se pronuncia em dois tempos com dois impulsos da voz, e portanto não é Trithongo. O que dissemos de *eia* ou *éa*, dizemos também de *eio, eie, eiem, eão, ião*, como em *Premeio, Premeie, Premeiem, &* ; pois nenhum é Trithongo, mas cada um tem duas syllabas, não só na prosa, mas também na poesia. Para os menos versados na leitura dos Poetas, pomos aqui alguns versos para exemplo.

As castas *Musas cheias* d'alta gloria (Garção, Ode aos annos de D. Leonor d'Almeida).

Da *fêa* tempestade (O mesmo à Restauração da Arcadia.)

Mas que furor se *atêa* no meo peito (Francisco Manoel, Ode aos Cavalheiros de Christo :)

A' lua *Cheia* não faria agora (idem).

*Ceas* imigas da vida (Sá de Miranda, Carta a Antonio Pereira.)

*Jazerião* no tumulto (Garção, Ode Alcaica a Manoel Pereira de Faria.)

No calcanhar tangião castanhetas (idem, Soneto 80.)

Asseada escriptura e *ideia* nobre (Francisco Manoel, Epistola da Ling. Port. e Arte Poetica.)

Não é possivel fazer daquellas duas syllabas uma só. O poeta que o pretender, nunca o hade conseguir, e seus versos, por excessivamente compridos, molestarão os ouvidos.

Eis-ai pois os Dithongos Oraes, em que predomina a primeira vogal : *ai, au, ei, éo, êo, io, oi, ói, ou, ui*, como : *Fui* &c, nos seguintes predomina a segunda : *ua, ue, ui, uo*, como : *Quatro, Equestre, Equidade, Equoreo*. Os Nasaes em que a primeira vogal é predominante, são estes : *ãi, ão, ãe*, quer se escreva assim, quer de outro modo. Nos seguintes domina a segunda vogal que é a nasal : *uan, uen, uim, uin*, como : *Quando, Eloquencia, Ruim, Ruindade, Quinquagesima*.

uma vez, como : *Sol, Gral*. As *Syllabas* podem constar, ou só de um som, ou de mais.

Vocabulo é, ou uma *Syllaba* de som forte e predominante, ou um composto de *Syllabas* graves, subordinadas todas a uma de som predominante. Daqui se vê que ha Vocabulos de uma *Syllaba* só, como : *Deus*, e Vocabulos de mais de huma *Syllaba* como : *Justo*.

As letras de cada *Syllaba* devem soletrar-se junctas, por ex., *mais* não se deve soletrar *ma-is*, porque as letras e os sons das *Syllabas* não se devem separar : e porisso quando quizermos dividir qualquer vocabulo de mais de uma *Syllaba*, o dividiremos pelo fim de cada uma, como se vê em *Co-ra-ção, Ma-gna-ni-mo*.

Para que os Vocabulos sejam bem pronunciados é necessario articular distinctamente as *Syllabas*, de que elles constão, subordinando-as todas á *Syllaba* de som predominante, a qual para evitar equívocos ou má pronuncia, principalmente em palavras menos conhecidas, deve ser notada com *um accento*.

### § III. Dos signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos vocabulos.

*Accento ou tom* é a maior ou menor elevação da voz na pronunciação das *syllabas*, de que se compõe os vocabulos. Os *Accentos* são tres : *Agudo, Grave, e Circumflexo*.

O *Accento Agudo* é aquelle, com que levantamos com força a voz sobre qualquer *syllaba*, pronunciando-a em tom elevado e muito claro. O seu signal na escriptura é este (´), como se vê em *Avó, Café*.

O *Accento Grave* é aquelle, com que depois de levantar-se o tom da voz, o abaixamos em uma ou mais *syllabas*, pronunciando-as com menos força e intensidade. O seu signal na escriptura é este (`), como se vê em *Ferrò, Casà*, mas não está em uzo entre nós.

O *Accento Circumflexo* é o tom da voz medio entre o *Agudo* e o *Grave*. O seu signal na escriptura é este (^), como se em *Avô, Almôço*.

O *h* só em algumas interjeições é *accento* indicativo de aspiração, isto é, de que a vogal se deve pronunciar com grande affluencia de ar, para mostrar o desabafo das paixões, como : *Ah ! Oh ! &c*.

O *til* (~) alem de mostrar som nasal nas vozes ã, ã, ã, õ, õ é tambem signal de que na palavra faltão letras, que se omittirão por brevidade como : *Frz'* por *Fernandes*, *Glz'* por *Gonçalves*.

*Apostropho* ou *Viracento* é uma virgula posta no alto de uma consoante, e ás vezes de uma vogal, para indicar suppressão, ou de vogal ou de

consoante, ou de consoante e vogal ; v. g. *Sant'Iago* em lugar de *Santo Iago*, *Co'este* por *com este*, *co'andar* por *com o andar*.

Ordinariamente a maior suavidade da pronunção pede que na concorrência de vogaes idénticas ou semelhantes no fim de uma palavra e no principio da seguinte, ambas se pronunciem, como se fossem uma só, ainda que na escriptura não venha o signal do *Apostropho*, como : de *Oliveira*, *minha alma*, *Onde iremos* ; devemos pronunciar *Doliveira*, *Minhalma*, *Ondiremos*.

A *Risca de distincção e união* é esta, (-) e serve para distinguir e ao mesmo tempo ajunctar na escriptura duas palavras, afim de se pronunciarem junctas, como se fossem uma só ; e também para unir as syllabas de uma palavra, quando esta se divide no fim de uma regra, por não caber toda nella, como se vê em *Ouvio-me*, *Retirou-se* ; e se está vendo nesta mesma regra.

O *Trema*, *Dierese*, ou *Apices* (tudo é o mesmo) são dois pontos postos horizontalmente (. .) sobre a vogal, para mostrar que ella não faz dithongo com a seguinte, como em *Sãude*, *Rio* ; e serve também para mostrar que se pronuncia o *u* depois de *q*, e de *g*, como em *Seqüestro*, *Güarda*. Não está em uso entre nós.

## § IV. Dos signaes que regulão a boa leitura de um discurso.

Os *Signaes* da escriptura, de que temos fallado, ensinão a boa pronunção e leitura dos vocabulos em separado ; e os de que imos a tractar regulão a boa leitura de um discurso, dando-lhe clareza, elegancia, e facilidade.

Estes *Signaes* são a *Virgula* ( , ), o *Ponto e Virgula* ( ; ), *Dois Pontos* ( : ), *Ponto de Interrogação* ( ? ), *Ponto de Admiração* ( ! ), *Angulo* ( ^ ), *reticencia* ( ... ), e *Ponto Final* ( . )

A *Virgula* é signal para fazer uma breve pausa, levantando ao mesmo tempo a voz. O *Ponto e Virgula*, *Dois Pontos*, e *Ponto Final* são para fazer também uma breve pausa, abaixando ao mesmo tempo a voz. O *Ponto de Interrogação* mostra que se deve ler como quem pergunta. O *Ponto de Admiração* indica exclamação.

O *Angulo* serve para mostrar que esqueceo alguma palavra, a qual se deve ler no lugar em que elle estiver ; ou a palavra esquecida esteja na margem com outro *Angulo*, ou em cima da regra sem elle. *Reticencia* é signal para suspender a voz na leitura, conservando porém certo modo, indicativo de que se não disse quanto se quizera dizer, como : *Bem quizera... porém...*

O *Asterisco* (\*) serve para mostrar, que se deve ir procurar, ou nas margens, ou no fim do texto, alguma prova do que se disse, ou alguma advertencia ou explicação, marcada com outro igual.

*Paragrapho* (§) indica divisão na materia de que se tracta.

## § V. Da prosodia

*Prosodia* é a parte da *Orthoepia* que ensina a quantidade, e o accento ou tom da voz, com que se deve pronunciar cada syllaba de qualquer vocabulo.

*Quantidade* é o espaço de tempo que se gasta na pronunção de qualquer syllaba; e porisso se chamão *breves*, isto he, rapidas aquellas syllabas, cuja pronunção gasta pouco tempo, e *longas*, isto é, extensas aquellas, cuja pronunção leva o tempo de duas *breves*.<sup>20</sup>

Uma syllaba pôde ser *breve* ou *longa*, ou de sua natureza, ou por uzo. São *breves* ou *longas*, de sua natureza aquellas syllabas, cuja pronunção demanda vagar ou rapidez; e são *breves* ou *longas* por uso, isto é *communis* aquellas, cuja pronunção pôde ser ou rapida, ou vagoza; pelo que umas vezes são *breves*, outras *longas* conforme sua posição.

São *longas* de sua natureza as vozes á, é, ê, ó; ô; *todas as vozes nasaes; todos os dithongos; e toda a syllaba feita por contracção de duas*, como: *Avó, Ortelã, Meu, Pão, á por a a*, (veja-se a pag. 8, not. 2.)

São *breves* por natureza as vozes *a, e, o*, como se vê na primeira, e na ultima syllaba de *Semana*, e na ultima de *Ovo*. Porém estas mesmas vozes *a, e, o*, são *longas* antes de duas consoantes, quando uma destas lhes pertence, e a outra é da syllaba seguinte, como: *Ermida, Folgar*.

### Pag. 20

São *communis* as vozes *i, u*, e por isso serão *longas* quando sobre ellas cair o accento predominante no vocabulo e serão *breves*, quando não cair, como se vê em *Vicio* que tem o primeiro *i longo*, e o segundo *breve*; e em *Tumulo* que tem o primeiro *u longo*, e o segundo *breve*.

Já fica dito que accento é o tom da voz mais ou menos elevado e forte na pronunção das syllabas. Mas como uma syllaba pôde ser *longa*, por gastar o tempo de duas breves, e com tudo não ser aguda; segue-se que ha muita differença entre a *Quantidade* e o accento das syllabas. Por tanto não é essencial ás syllabas *longas* o terem um *Accento* determinado, e por isso podem ter ou o *Agudo*, ou o *Grave*, ou o *Circumflexo*, como se vê em *Orgão* que tem a primeira *longa* com *Accento Agudo*, e a segunda tanbem longa com *Accento Grave*.

Como todos os vocabulos tem uma syllaba de som forte e predominante com *Accento Agudo*, ou *Circumflexo*, á qual todas as outras estão subordinadas, é importante saber qual ella é.

As palavras de uma syllaba tem o *Accento predominante* nessa mesma syllaba, como: *Só, Vê*. Exceptuão-se porém desta regra as palavras *Encliticas* de que logo fallaremos.

---

<sup>20</sup> Esta proporção não é exacta, pois nella supponemos as *breves* todas iguaes, e bem assim as *longas* quando na verdade ha syllabas *breves* mais *breves* que outras, e *longas* mais *longas* que outras; é por isso que quando dizemos que as *longas* estão para as *breves* em razão dupla, não levamos em conta os quebrados, nem isso é possível.

Tem o *Accento predominante* na ultima syllaba as palavras acabadas em á, é; ê, ó, ô, i, u, como *Maná, Jacaré, Mercê, Filhó, Avô, Cajú, Javali*; porém das acabadas em i e u, se exceptuão *Quasi* e *Tribu*.

Tem o *Accento predominante* na ultima syllaba as palavras acabadas em alguma das vozes nasaes, ou em dithongo, como: *Irmã, Assem, Perdão*. Exceptuão-se *Ordem, Homem, Imagem*, e todas as formas dos verbos acabados na voz nasal *em*, como: *Louvem*, as quaes tem o *accento* na penúltima syllaba.

Das acabadas em dithongo nasal exceptuão-se *Benção, Frangão; Orgão, Rabão, Sotão*, e todas as

**Pag. 21**

fórmias dos verbos acabados em ão (excepto as do futuro, ) como: *Louvão, Amarão*.

Tem o *Accento predominante* na ultima [syllaba] os nomes que no singular acabão em algumas das letras *l, r, s*, ou *z*, como: *Imbecil, Altar, Nariz*. Exceptuão-se dos acabados em *l* *Tentugal, Setubal, Affavel, Docil, Consul* &c. Dos acabados em *r*, exceptuão-se *Aljofar, Ambar, Assucar, Nectar, Martir*. dos acabados em *s* exceptuão-se *Alferes, Calis, Herpes, Ourives, Simples* e todos os *patronimicos*; tem *es*, como: *Lopes, Domingues*, os quaes tem o *Accento* na penultima syllaba, .

As palavras esdruxulas, isto é, que tem a ultima e penultima syllabas breves, tem o *Accento predominante* na ante-penultima, porque o *Accento* não póde passar para traz della, como: *Optimo, Celebre*.

As fórmias dos verbos no presente e no preterito tem o *Accento predominante* na penultima syllaba; e bem assim todas as mais palavras, que não estão comprehendidas nas regras antecedentes, como: *Amamos, Defendemos, Voto, Humanidade*. <sup>21</sup>

Chamão-se *Encliticas* aquellas particulas, que não tem *Accento* proprio em razão de se encostarem a outras palavras, debaixo de cujo *Accento* se pronunciação. Taes são o artigo *o, a, os, as*, algumas preposições, e os casos *me, nos, te, vos, se, lhe, lhes*, como: *Amão-o, Ouve-me, Ferio-se, Dando-se-lhe, &c*.

## § VI. Das figuras da dicção.

Chamão-se *Figuras da Dicção* certas alterações ou mudanças, feitas só no material dos vocabulos,

**Pag. 22**

---

<sup>21</sup> *Amamos* primeira pessoa do plural do presente e do preterito do Indicativo do verbo *Amar* (e o mesmo é em todos os da 1.<sup>a</sup> conjugação) tem a mesma pronunciação no presente e no preterito, assim como a tem os verbos na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação, como: *Defendemos, Unimos*. O sentido do discurso, pronunciado ou escripto, é quem dá a conhecer se é presente ou preterito. Para dar á segunda syllaba do preterito (*ma*) um som mais agudo, a fim de o distinguir. do presente, é necessario violentar o orgão da voz, do que resultaria uma pronunciação dura, affectada, e estranha ao uso da Lingua.

sem influencia na significação delles, pois se attender só á maior brevidade e facilidade da pronunciação.

Os vocabulos podem ser alterados, ou por *Accrescentamento*, ou por *Diminuição*, ou por *Transposição*, e *Transformação* de syllabas ou letras ; o que póde acontecer, ou no principio, ou no fim, ou no meio dos vocabulos.

## ACCRESCENTAMENTO.

*Prothese*, isto é, apposição é quando no principio, do vocabulo se accrescenta alguma syllaba, ou letra, como : *Acredor* por *Crédor*, *Alevantar* por *Levantar*.

*Paragoge*, isto é, posposição é quando no fim do vocabulo se accrescenta alguma syllaba, como : *Pertinace* em lugar de *Pertinaz*, *Martire* ; *Martir*.

*Epenthese*, isto é, entreposição é quando no meio do vocabulo se accrescenta uma syllaba, como : *Mavorte*, por *Marte*, *Pagano* em lugar de *Pagão*.

## DIMINUIÇÃO.

*Apherese*, isto é, abstracção é quando no principio do vocabulo se tira alguma syllaba, como : *Bobedas* por *Abobedas*, *Maginação* por *Imaginação*.

*Apocope*, isto é, mutilação é quando no fim do vocabulo se tira alguma syllaba, como : *Gram* por *Grande*, *Marmor* por *Marmore*.

*Syncope*, isto é, concisão é quando no meio do vocabulo se tira alguma syllaba, como : *Imigo* por *Inimigo*, *Mor* por *Maior*.

Pag. 23

## TRANSFORMAÇÃO.

*Metathese*, isto é, transposição e transformação é quando as letras ou syllabas, de que se compõe as palavras, estão postas em uma ordem differente daquella, em que se achão no vocabulo primitivo, como : *no*, *na*, *nos*, *nas*, em lugar de *em o*, *em a*, *em os*, *em as* ; *fal-o*, *dil-o*, *quil-o*, *pelo*, por. *faz-o*, *diz-o*, *quiz-o*, *per-o* : onde se vê nos primeiros a preposição *em* transformada em *n*, e nos segundos *o z e r* em *l*. <sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Parece que *o a*, *os as*, na relação de complemento objectivo, e tambem quando representa o sujeito ou o attributo de uma proposição antecedente, é um *demonstrativo relativo* ; porque sempre está só na proposição em lugar de um nome antecedente, cujas vezes faz, representando-o, para evitar repetições, com que o discurso ficaria desagradavel, como : *Filho, sê temente a Deus, e lembra-te sempre de o amar, ou de amal-o de todo o coração*. Em ambos estes exemplos, *o* está em lugar do nome de Deus, e é complemento objectivo. Note-se porem que *o* antes de *amar* é a mesmissima cousa, e exprime a mesma idéa que



Finalmente a *Synalepha* é quando se suprime a vogal final de um vocabulo, por se lhe seguir outro que principia por vogal, como : *do, da, deste, desse, delle, to, lho*, em lugar de *de o, de a, de este, de esse, de elle, te o, lhe o* ; o que póde referir-se á *Metathese*. As alterações de que temos fallado, são authorizadas

depois do verbo (*de o amar, e de amal o*), e que no emtanto depois de *amar* se lhe põe *l*, e antes não ; porque dizendo-se *de o amar*, a pronunciação fica suave e agradável ; mas se dicer-mos *de amar-o*, o som ficará ingrato e estranho. Portanto è so por euphonia que o *r* se muda em *l*, e que succede o mesmo quando o verbo acaba em *s* ou *z*. Eis-ai pois as razões que nos movem a dizer que *lo la não* é a contracção de *Ello*, terminação antiquada de *Elle Ella*, a qual desapareceu inteiramente do uso da Lingua. Se *lo la* fosse contracção de *Ello*, seria necessario admittir o absurdo de *los las* ser a contracção de *Ellos*. Em todas as orações semelhantes ás duas acima *o a, os as*, está só na relação de complemento objectivo, usado em lugar de *elle ella, elles ellas*. Por isso Grammaticos mui distinctos dizem que é um caso de *Elle Ella, Elles Ellas*, no que não ha inconveniente algum.

Este Demonstrativo não tem incluído em si o nosso artigo *o a, os as* ; porque se os Latinos carecem do nosso artigo definido como pode elle estar incluído em *Elle Ella Ello, Elles Ellas*, que é o Latino *Ille Illa Illud*, que o não tem ?

*O a, os as*, quando serve de complemento objectivo, muitas vezes, póde concordar com seu antecedente como : *Dei principio á obra, e espero concluir-a*, isto é, *concluir a obra*. Por isso dizem alguns Grammaticos que nestes casos *o a, os as* é o artigo, a que se dá uso pronominal. Cada qual siga o que lhe parecer mais conforme á natureza do artigo, o qual é destinado para dar um character individual ao nome commum. Em algumas orações é necessario usar de expressões forçadas para dar á terminação *o* alguma palavra, com que possa concordar. Isto succede quando a dita terminação está representando o sujeito ou attributo de uma proposição antecedente, como : *Ha verdades que á nós o não parecem, mas nem porisso deixão de o ser. As feias, nem por o serem, deixão de agradar*. Os Grammaticos dizem que *o* concorda com o verbo *ser*, e violentão a expressão deste modo : *Ha verdades que a nós não parecem o serem verdades, mas nem porisso deixão de ser o serem verdades. As feias nem por serem o ser feias* &c. Um distincto Grammatico diz que neste exemplo *o* concorda com *facto* da *fealdade*, como se dicessemos : *As feias, nem por serem o facto da fealdade* &c. Tudo isto é contrafeito e forçado, porque ali a terminação *o* está para representar uma idéa e não para concordar com palavra alguma.

Pela mesma razão de euphonia mudão o *r* em *l* as preposições *Per* e *Por*, quando se lhe segue o artigo definido, como : *Pela rua, Polo amor de Deus*. Não haja susto de que se equivoque *Polo* quando é preposição, com *Pô-lo* quando é verbo ; porque o sentido e o accento que se costuma pôr neste, o darão bem a conhecer. E' erro chamar pronome ao artigo definido, quando se ajunta ás preposições *Per* e *Por*, se elle não está posto em lugar de um nome antecedente, como : *Dar esmola polo* ou *pelo amor* de Deos : o artigo concorda com *amor*, como se dicessemos : *Per a rua, Por o amor de Deus*. Se neste lugar *lo la* não é contracção de *Ello* (pois não é pronome), por que o ha de ser nos casos a cima ? E' portanto muito exacto escrever *Amal-o, Temel-o* &c, porque *lo la* não é contracção de *Ello* ; mas o *l*, nos casos apontados, se admitte só por euphonia ; razão por que João de Barros escrevia *Todalas cousas*, &c. Por este motivo mesmo de maior suavidade e facilidade da pronunciação, se costuma pôr o som *n* entre as terceiras pessoas do plural dos verbos e o artigo, quando este se lhes segue immediatamente como : *Louvão-no, Amão-na*, &c. em lugar de *Louvão-o, Amão-a*, &c.

pelo uso, e nascêrão do desejo de fazer a Linguagem facil, agradável, e harmoniosa, evitando com ellas a concorrência de consoantes asperas, cacophonias, bem como hiatos que tornarião a Linguagem fatigante.

Daqui se vê o quanto importa evitar o Barbarismo, que é privar os vocabulos ou dos sons, ou do accento, com que devem ser pronunciados, como dizer *Pregar* por *Prégar*, *Truxe* por *Trouxe*, e até à cacophonia, isto é, dissonancia ou o mau som, que póde resultar do concurso de algumas palavras, como : *Má manhã*, *Por que idade*.

## Capitulo II. Da etymologia.

### § I. *Das partes elementares da oração, e do discurso.*

*Oração* ou *Proposição* é a enunciação de um attributo em um sujeito, como o homem é racional. <sup>23</sup>

São cinco as *Partes elementares* da *oração*, a saber : Nome Substantivo, Nome Adjectivo, Verbo, Preposição, Conjuncção, e a Intrejeição que não é *Parte elementar*, porque ella per si só equivale a uma oração, e ás vezes a muitas <sup>24</sup>. *Discurso* é um composto de proposições, e porisso ellas são os seus elementos.

---

<sup>23</sup> *Juizo* é a percepção da relação de conveniencia ou repugnancia entre duas idéas. Idéa é o resultado da acção d'alma sobre um sentimento unico. *Proposição* é um juizo enunciado. A esta definição equivale exactamente a que démos a cima. Na Syntaxe daremos o devido desenvolvimento a esta materia.

<sup>24</sup> Como em toda a natureza ha unicamente *substancias*, *qualidades*, e *relações*, tambem no pensamento ha só idéas de *substancias*, de *qualidades*, e *percepção* das *relações*, ou de conveniencia, ou de *determinação*, ou de *nexo* e *ordem* entre as mesmas idéas ; e sendo as palavras signaes de nossas idéas e pensamentos, segue-se que em toda e qualquer Lingua ha sómente cinco especies de palavras, correspondentes á analyse que fizemos do pensamento : porisso com os *Nomes Substantivos* significamos as *substancias* ; com os *Adjectivos* as *qualidades* ; com o *Verbo Substantivo* as *relações* de conveniencia ; com as *Preposições* as de *determinação* ; e com as *Conjuncções* as de *nexo* e *ordem*.

Por esta classificação dos *Elementos da proposição* bem se deixa vêr que incluímos os *Artigos*, os *Pronomes*, e os *Participios* nos *Adjectivos*. Os *Verbos adjectivos*, como são a concentração de um attributo com o *Verbo substantivo* em uma só palavra, já estão classificados : e bem assim os *Adverbios*, por equivalerem a uma *preposição* com seu complemento.

Estas diferentes especies de palavras tem sim logar quando expomos miudamente nossas idéas : mas se as enunciamos junctas e em confusão, como succede ordinariamente, se nosso espirito está occupado de alguma paixão violenta, nestes casos nos exprimimos com *Interjeições*, outra especie de palavras, equivalente a todas as cinco, e por isso mesmo a um discurso, em que expozessemos pelo miúdo os sentimentos de que o espirito está

*Nome Substantivo* é o que significa qualquer

Pag. 26

cousa, como subsistente per si mesma, como : *Terra, Virtude*.

O *Nome Substantivo* é ou *Proprio*, ou *Appellativo*.

Pag. 27

*Nome Proprio* ou *Individual* é o que convém só a uma pessoa ou cousa como : *Virgilio, Brasil*. *Nome Appellativo* ou *Commun* é o que convém a muitas pessoas, ou cousas, como : *Pedra, Brancara*.<sup>25</sup>

---

occupado. Com a *Interjeição* vem a ser seis as classes das palavras, que podem entrar no discurso. Estas ainda que em diferentes Povos variem no material dos sons, não podem deixar de ser a pintura do pensamento, de representar as mesmas idéas e as mesmas relações, e por consequencia de ser as mesmas em todas as Linguas, assim cultas, como selvagens, antigas e modernas.

Os termos *Nome Substantivo, Adjectivo, &c.* são invenções dos Grammaticos, é verdade ; porem invenções necessarias para dar um nome a cada uma das diferentes classes de palavras, correspondentes ás diferentes especies de idéas que ha no pensamento. No exercicio de suas operações o espirito humano foi sempre dirigido pelas mesmas leis, em todos os tempos, e em todas as partes da terra. Por tanto, sempre houve e sempre hade haver differença entre nossas idéas, por que são disimilhantes os sentimentos que affectão a alma. Se as idéas são diferentes, são necessarios signaes que as enunciem de modo que se perceba sua difierença, ou porque as palavras sejam disimilhantes ; ou pelo logar que occupão no discurso ; ou porque tenham soffrido alguma alteração ou modificação, &c. : numa palavra, sempre houve nas Linguas palavras essencialmente diferentes. Ainda que um vocabulo seja o mesmo quanto ao seu material, isto é, quanto ao som e aos caracteres com que se escreve ; é todavia muito diverso, quando é signal de idéas diferentes. Não attender a isto seria confundir o physico dos vocabulos com o que elles tem de logico e espiritual, como signaes de nossas idéas. Se houve em algum tempo uma expressão equivalente a esta *Caranoite ; noite* seria um adjectivo, porque enuncia essa mesma idéa, a qual hoje se exprime por escura ou *negra*. Quando *head* em Inglez significa cabeça, *chefe, &c.* é um nome substantivo, quando significa *superior*, é adjectivo, quando significa *governar*, é verbo ; mas quando é nome, não é verbo, e vice versa. A nossa lingua é muito abundante de vocabulos, que no material são o mesmo, porem que tem muita differença segundo as idéas que exprimem : por exemplo : *Tinha, Capa, Rio* são nomes e verbos : *Entre* é verbo e *preposição*. Quem dirá que um *verbo* é o mesmo que uma *preposição* ? Em fim, para dizer que não ha distincção essencial entre as diversas palavras que compõe as Linguas, é necessario provar primeiro que não ha distincção essencial entre as idéas.

<sup>25</sup> Os Nomes proprios enuncião *Idéas singulares*, porque *idéa singular* é a que tem por objecto um só individuo, isto é uma só pessoa ou cousa.

Divide-se o Substantivo Appellativo em *Universal*, e *Parcial*, e *Modal*. O *Universal* ou *Geral* exprime a reunião das qualidades essenciaes e communs a muitos individuos, e comprehende tambem em sua significação esses mesmos individuos ; e por isso equivale a todos os adjectivos necessarios para nomear essas qualidades. Estes *Substantivos* são signaes de *idéas geraes compostas e abstractas*, e são nomes de classes que arranjam os individuos debaixo de certos generos e especies ; não só por não ser possivel dar um nome a cada um ; mas tambem porque esses *nomes proprios* seriam inuteis para o raciocinio, pois este depende inteiramente dos nomes de classes, isto é, das *idéas geraes*. As *Idéas Geraes* se formão quando nosso espirito abstrahe de muitos individuos ou idéas

*Nome Adjectivo* é o que ou significa alguma qualidade, existente em um sujeito ; ou determina o nome substantivo, como : *Virtuoso, Alegre, Todo, Este &c.*

Os nomes substantivos são ou *Primitivos*, ou *Derivados*. Primitivo é o que não tem origem de outro da mesma lingua : como *Pedra, Mar*. Derivado é o que nasce de outro nome da mesma Lingua, como : *Pedreira, Pedrez*, derivados de *Pedra* : *Maré Marezia, Marujo*, derivados de *Mar*.

Os *Nomes Derivados* ou nascem de nomes proprios, ou de nomes appellativos. Os nomes Gentilicos ou Nacionaes, e os Patronimicos são derivados de nomes proprios.

*Nomes Gentilicos ou Nacionaes* são uns adjectivos, que declaram a gente, nação, ou patria, donde cada um é, como : *Brasileiro*, quer dizer *natural do Brasil, Maranhense do Maranhão*.

*Nomes Patronimicos* são os derivados de nomes

proprios de homens, e servem hoje de appellidos hereditarios a certas familias, como : de *Antonio Antunes, de Lopo Lopes*. Estes nomes em outro tempo indicavão filiação como : *Alvares* significa *filho* ou *filha de Alvaro, Lopes de Lopo &c.*

*Augmentativo*, é o que augmenta a significação do seu primitivo ; e *Diminutivo* o que a diminue, como : de *Caixa Caixão*, de *Homem Homemzarrão*, de *Filho Filhinho*, de *Livro Livrinho*.

*Nome Collectivo* é o que no singular significa multidão, ou de cousas, ou de pessoas, como : *Familia, Rebanho*. Os *Collectivos* são ou *Geraes* ou *Partitivos*. *Collectivos Geraes* são os que abrangem toda a multidão, ou indeterminadamente, como : *Nação, Povo* ; ou determinadamente, como : *Dezena, Centena, Milhar, &c.* *Collectivos Partitivos* são os que significão só uma parte da multidão, como o *Terço, o Dizimo, &c.*

Ha tambem *nomes compostos* de duas, e de tres palavras, ou inteiras, ou alteradas, como : *Nortesul, Malmequer, Fidalgo, &c.*

singulares, e *reune em uma só palavra*, as qualidades e propriedades commus a todos elles, sem fazer caso do que é particular a cada um. Estas idéas tornão a ser individuaes, quando se nos apresenta um desses individuos ; porisso os *Substantivos Appellativos* que as representam são nomes individuaes, quando são applicados a significar um individuo, como : *Este Livro, Essa Casa, Aquella Rua &c.*

*Substantivo Parciaes e Modaes* são os que significão de um modo abstracto uma qualidade só, porem commum a muitos individuos, como : *Brancûra, Solidez, Amizade, Prudencia &c.* Estes *Substantivos* são signaes de idéas abstractas ; porque *Idéa Abstracta* é a que se forma quando o espirito considera como separado o que na natureza está unido. São estas as cousas que subsistem per si no nosso modo de as conceber. Porisso quando um nome significar uma qualidade, porem de um modo abstracto, será um Substantivo, como : *Brancûra* ; mas quando significar uma qualidade de um modo concreto, isto é, unida á substancia, como está na natureza, será um Adjectivo, como *Papel Branco*. *Substancia* é tudo aquillo que subsiste per si mesmo na natureza : ou ; *Substancia* é aquillo que no ente está sujeito ás modificações, e suporta as propriedades. *Modos* são as maneiras de existir das substancias, ou as qualidades que percebemos nas cousas.

## § II. Do genero dos nomes substantivos.

Genero quer dizer *Classe*. *Classe* é o arrançamento de muitos individuos debaixo das qualidades communs a todos.

*Generos dos nomes* é a differente classe, a que elles pertencem ou de sua natureza, ou por uso arbitrario das Linguas.

Os seres animados estão naturalmente classificados no sexo, a que pertencem ; e como os sexos são dois, masculino e feminino, também são dois os Generos Naturaes, em que só entrão os seres animados. Todas as outras cousas inanimadas pertencem, a um destes Generos, segundo o arbitrio

Pag. 30

da nossa lingua, que tem sómente dois Generos, Masculino, e Feminino. Daqui nasce a doutrina seguinte :

São do *Genero masculino* os nomes que significão macho, como : *Pedro, Leão* ; os que significão *officios e ministerios proprios do homem*, como : *Imperador, Bispo* : os que significão *Deuses falsos, Anjos, Ventos, Montes, Mares, Rios, e Mezes*, porque se personalizão em figura de homem, como : *Jupiter, Lucifer, Norte, Olimpo, Atlantico, Itapicurú, Janeiro, &c.*

São femininos os nomes que significão *femea*, como : *Ignez, Leôa* ; os que significão *officios e ministério proprios da mulher*, como : *Imperatriz, Costureira* : os que significão as *Deusas falsas, as Partes principaes da Terra, as Sciencias, e Artes Liberaes, as Virtudes e Paixões* ; porque estas cousas se pintão em figura de mulher, como : *Juno, America, Europa, Azia, Africa, Grammatica, Justiça, Soberba, &c.* Por analogia também são femininos os nomes de *Regiões, Provincias, Terras, Ilhas, e Cidades*, como : *Numidia, Bahia, Creta, Olinda, &c.*

Chamão-se *Epicenos* aquelles nomes de animaes ; que sem mudar de genero, significão macho e femea, como : *Sabiá, Jacaré*, os quaes sempre são masculinos ; e *Aguia, Cobra* sempre femininos ; porisso, quando quizermos fallar do macho, ou da femea determinadamente, diremos : o *Sabiá macho, a Cobra femea, o macho da Cobra &c.*

Os nomes da nossa Lingua, que significão seres inanimados, por mero arbitrio forão classificados uns no *Genero masculino*, e outros no *feminino*, mas pelas regras seguintes podemos conhecer de que *Genero* são.

São do *Genero masculino* os nomes acabados em *á agudo, e, i, o, u, ão, em, im, om, um*, como : *Tafetá, Valle, Bacuri, Ovo, Angú, Pão, Vintem, Brim, Som, Jejum*. Exceptuão-se dos acabados em *á, e é,*

Pag. 31

*Pá, Fé, Sé, Ralé, Mercê, Arte, Neve*, e pela maior parte os que antes de *é* breve tem *d*, como : *Sede, Virtude*, que são femininos. Dos acabados em *i, ó, u, ão*, são femininos como : *Lei, Grei, Enchó, Filhó, Ilhó, Mó, Teiró, Mão, Multidão, Náú, Tribu*, e pela maior parte os que antes de *ão* tem *i, ou s, ou ss, ou ç*, como : *União, Occasião, Acção*. Dos acabados na syllaba *em*, são femininos *Ordem*, e ordinariamente os que antes de *em* tem *g*, como : *Lavagem, Margem*.

São do *Genero Masculino* os nomes acabados em *l*, e *r*, como : *Arraial, Buri, Amor, Prazer*. Exceptuão-se, *Cal, Colher*, e os acabados em *ôr* de uma syllaba, que ordinariamente são femininos, como : *Dôr, Flôr*.

São também do *Genero masculino* os nomes acabados em *s*, e *z*, como : *Herpes, Antraz*. Exceptuão-se *Andas, Arras, Cocegas, Alviçaras, Preces, Cutis, Paz, Tenaz, Têz, Rêz, Torquez, Vez, Buiz, Cerviz, Matriz, Raiz, Antroz, Foz, Voz, Cruz, Luz*.

São do *Genero feminino* os nomes acabados em *a* breve, *ã* ou *an*, como : *Redea, Lã*. Exceptuão-se *Dia, Diadema, Emblema, Cometa, Enigma, Dilema, Thema, Theorema, Estratagem, Poema, Systema, Problema, Anátoma, Sophisma, Prisma, Mappa, Iman*.

### § III. *Da variação dos nomes.*

*Numero* é a quantidade de individuos ou cousas, que os nomes significão. Os *Numeros* são dois *Singular*, e *Plural*. Dos nomes da nossa Língua uns tem só *Singular*, outros só *Plural*; e a maior parte delles tem *Singular* e *Plural*, e ordinariamente varião de terminação, quando passão de um *Numero* para outro. O *Numero singular* indica uma só pessoa ou cousa, o *plural* muitas.

Pag. 32

Tem só *Singular* 1.º os nomes proprios, como *Scipião, Albuquerque* <sup>26</sup>. 2.º os de idades, de virtudes, habituaes, de artes, e sciencias, como : *Meninice, Caridade, Grammatica, Milicia*. 3.º quasi todo os nomes verbaes, e os nomes de ventos, como : *Amar, Norte* <sup>27</sup>. 4.º os nomes de metaes, e dos quatro elementos, como : *Ouro, Terra, Agua, Fogo, Ar*. 5.º os de cousas que tem peso e medida : e em fim alguns nomes collectivos como : *Leite, Assucar, Infanteria, Gentilismo &c*.

E tem só *plural* os nomes que significão ou ajuntamentos de cousas da mesma especie, como : *Farelos, Cominhos*; ou misturas de cousas differentes, como : *Fezes, Viveres*, como também todos os *numeros cardeaes* de dois para cima, como : *Tres, Quatro*, e outros nomes, como : *Alviçaras, Cans, &c*.

Tem *singular* e *plural* com uma só terminação os nomes *Alferes, Arraes, Caes, Lestes, Ourives, Prestes, Simples*.

Todos os nomes acabados em vogal, quer seja oral, quer nasal, ou em *Dithongo*, fazem o *plural* acrescentando *s* à terminação do *singular* como : *Nó, Nós, Pé, Pés, Lan, Lans, Som, Sons, Rei, Reis, Mão, Mãos*.

Advirta-se porém que dos nomes acabados em *ão*, alguns fazem o *Plural* em *ões*, como : *Sermão, Sermões*, outros em *ães* como : *Escrivão, Escrivães*.

Os nomes acabados, em *r*, *s*, ou *z*, fazem o *plural* acrescentando-se-lhes *es*, como *Logar, Logares, Deus, Deuses, Noz, Nozes*.

Os nomes acabados em *al, el, ol, ul*, fazem o *plural*

---

<sup>26</sup> Quando se diz os *Scipiões, os Albuquerque*, é porque estes nomes de proprios se fazem communs por meio do artigo como se dicessemos : *os Conquistadores como Albuquerque &c*.

<sup>27</sup> Também se diz os *Teres, os Haveres, os Nortos, Ouros, Pratas &c*. ; mas estas palavras nestes casos estão em um sentido differente do da regra acima.

mudando o *l*, em *es* como : *Animal, Aninaes, Caracol, Caracoes, Taful, Tafues*. Exceptuão-se *Mal, Cal*, (de moinho) *Consul*, que fazem no plural *Males, Cales, Consules*.

Os nomes acabados em *el* mudão esta syllaba em *eis*, como : *Fiel, Fieis, Papel, Papeis*. Os acabados om *il*, não agudo, mudão o *il* cm *eis*, como : *Agil, Ageis, Docil, Doceis* ; sendo porem o *il*, agudo muduo o *l* em *s*, como : *Subtil, Subtis, Funil, Funis*.

## § IV. Divisão dos nomes adjectivos.

Os *Adjectivos* são ou *Explicativos*, ou *Restritivos*, ou *Determinativos*. *Adjectivo Explicativo* é o que significa alguma das qualidades, incluídas na significação do nome appellativo, como Homem *racional*.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Adjectivo é um nome que se ajuncta ao substantivo, ou para o explicar e desenvolver, ou para o restringir, isto é, para lhe accrescentar alguma idéa, e limital-o assim a menor numero de individuos ; ou para o determinar. A nenhuma outra especie de palavras convem esta definição ; pois se o adverbio se ajuncta ao sentido do nome, o que se segue dai é que nisso convem o adjectivo com o adverbio ; nem isso admira, em razão de haver entre muitos objectos umas propriedades que os fazem semelhantes, e outras que os tornão diferentes ; como se observa no Adjectivo, que pelas funcções que exerce na oração, muito bem se distingue das outras especies de palavras. Portanto a denominação do Adjectivo não é vaga, pois um termo a que está ligado um certo numero de idéas, que não convem a algum outro elemento da proposição. Ainda se não ensinou que o Adjectivo accrescenta sempre uma idéa ás que já tem o substantivo ; nem a significação de accrescentar novas idéas está necessariamente ligada ao termo Adjectivo. Diz se, e sempre se dice que o Adjectivo é um nome que se ajuncta a outro para os fins acima dictos Ora isto sempre acontece, ou o Adjectivo signifique uma das idéas incluídas na idéa geral do Appellativo, para o explicar, ou lhe accrescente alguma idéa para o limitar e restringir. Portanto o termo Adjectivo *nem vago*, *nem incorrecto*. O termo de *designativo*, com que se pertendeo substituir o de *Adjectivo*, convem a todas as palavras ; porque todas ellas designão, todas indicão, todas significão. No sentido de attributo, não convem aos Adjectivos Determinativos, pois estes não exprimem qualidades. E' pois evidente que não há necessidade de admittir na Grammatica as denominações de *designativo*, *abstractivo*, e *disjunctivo*, porque nada inteiramente adiantão nossos conhecimentos, nem são mais proprios do que os termos mos de *Adjectivo Explicativo e Restrictivo*, que desde tempo immemorial estão de posse de suas idéas, que são por elles muito bem enunciadas. Quando o Adjectivo significa uma qualidade das incluídas no substantivo, é muito claro, e muito exacto chamar-lhe *Explicativo*, porque o explica ; quando lhe accrescenta uma idéa para o restringir a menor numero de individuos, assenta-lhe exactamente o nome de *Restritivo*.

A divisão dos Adjectivos em tres classes funda-se nas seguintes razões. O Adjectivo serve para modificar o substantivo, e porisso quantas forem estas modificações tantas deverão ser as especies de Adjectivos. Como os appellativos são signaes de idéas geraes (vide pag. 22 not.3), segue-se que o nome appellativo se póde tomar ou quanto á sua *Compreensão* isto é, quanto ás qualidades e propriedades, nelle reunidas, ou quanto á sua *extensão*, isto é, quanto aos individuos que elle comprehende em sua significação. Considerado do primeiro modo, póde ser modificado ou por Adjectivos que os expliquem, significando

*Adjectivo Restrictivo* é o que exprime alguma qualidade, não incluída na significação do appellativo, como : Homem *virtuoso*. *Adjectivo determinativo* é o que, juncto ao appellativo, faz com que elle

seja applicado a comprehender ou todos os indivíduos da sua classe, ou somente alguns, ou um só, ou nenhum, como : *Todo* o homem, *Alguns* homens. *Este* homem *Nenhum* homem. Bem se vê que o Nome Adjectivo não pôde estar sem um substantivo.

## § V. Dos adjectivos determinativos.

Podemos dividir os *Adjectivos Determinativos* em *Artigos*, *Demonstrativos*, e *Determinativos de Quantidade*.

Artigos são uns *Adjectivos Determinativos*, monosyllabos, que antepostos aos nomes appellativos, fazem com que elles se tomem no sentido individual, ou determinadamente, ou de um modo vago. A nossa Lingua tem dois Artigos, um é o Artigo Definido *O A* para o singular, *Os As* para o plural ; outro é o Artigo Indefinido *Um Uma* para o singular, *Uns Umás* para o plural.

O Artigo Definido, anteposto ao appellativo, mostra que elle comprehende determinadamente todos os indivíduos da sua classe, como : *O homem é racional*. Porem sendo necessario que o appellativo comprehenda um só individuo, ou menos dos da especie, usa-se de alguma circumstancia restrictiva, quando esta se não entende ou do contexto do discurso, ou do sentido mesmo de quem falla, como : *O café do Pará ; Viste o homem ?* <sup>29</sup>

O Artigo, ou outro *Determinativo*, sempre é anteposto ao appellativo que deve ser sujeito da oração, como : *O estudo aperfeiçoa a razão*.

O Artigo, anteposto a qualquer elemento da oração, faz delle um nome substantivo como : *O licito, O amar, O porque* &c.

alguma das propriedades que elle encerra ; ou por *Adjectivos* que lhes acrescentem outras, para os restringir com um maior numero de idéas a um menor de individuos. Os *Adjectivos* que explicão, são *Explicativos* ; os que restringem, são *Restrictivos*. Tomado o appellativo do segundo modo, pôde ser determinado a comprehender ou todos os individuos da sua classe, ou só parte delles. Estes *Adjectivos* que determinão, são *Determinativos*, como : *Todo* o homem é racional, *Alguns* homens são *prudentes*. *Todo* e *Alguns* são *Determinativos* : *Racional* é *Explicativo* ; *Prudente* *Restrictivo* : Os substantivos não podem ser modificados senão por algum dos tres modos acima ; portanto não *pode haver mais que tres especies de adjectivos*.

<sup>29</sup> *Pedro da-me os livros*, é manifesto que o artigo *não* é que restringe a significação do nome *livros* ; da-lhe sim um caracter individual, comprehensivo de todos os individuos da classe, e quem limita esta extensão individual é uma circumstancia restrictiva, que se entende do sentido de quem falla, como : *Os livros que te emprestei*, ou outra qualquer.



Os appellativos sem artigo, sendo complementos de outros, ficão adjectivados, como : Homem de *honra*, que vale tanto como *homem honrado*.

O *Artigo* faz de nomes appellativos nomes proprios, como : A Bahia, O Porto ; e pelo contrario faz de nomes proprios nomes appellativos, como : Os Camões, Os Albuquerquees ; isto vale tanto, como Os poetas como Camões, Os conquistadores como Albuquerque.

O *Artigo* sempre é anteposto ao appellativo, modificado por algum adjectivo restrictivo ou proposição incidente, como : O criminoso deve ser punido *a pena devida*, ou *que é devida* ao seu crime.

Os nomes proprios não levão *artigo*, como : Pernambuco, Olinda ; com tudo muitas vezes usamos do *artigo* antes delles ; mas nestes casos o *artigo* concorda com um appellativo da classe a que pertence o nome proprio, como : O Brazil, isto é, o Imperio Brazil ; o Itapucurú, isto é, o rio Itapucurú.

Tambem se não usa do *artigo* quando o appellativo já está individuado por outro determinativo, como : Este Livro, Aquella Casa ; todavia é costume ajuntal-o a *Todo*, e antepol-o aos demonstrativos *Mesmo, Qual*, e aos Ordinaes *primeiro, segundo* &c. quando precedem o substantivo. Usa-se tambem o *artigo* antes dos demonstrativos *meu, teu, seu, nosso, vosso*, quando queremos indicar uma cousa com mais particularidade.

O Artigo Indefinido *Um Uma, Uns Umas*, anteposto ao appellativo, dá-lhe um sentido individual, isto é, faz com que elle se applique aos individuos da sua classe, porem vagamente, como : *um* filho deve ser obediente a seu pai. No plural é limitado a *uma* parte indeterminada dos individuos, como : *Chegarão hoje uns homens, que* &c. Quando fallarmos

**Pag. 37**

de objectos conhecidos, usaremos do *Artigo Definido o a, os as* ; e fallando de objectos desconhecidos, ou que não queremos dar a conhecer, usaremos do Artigo Indefinido *Um Uma, uns Umas*.

## § VI. Dos demonstrativos pessoas.

Os *Demonstrativos* ou são *Pessoas*, ou *Puros*, ou *Conjunctivos*, *Demonstrativos Pessoas* são uns adjectivos, que fazem com que os nomes a que se ajuntão, ou a que se referem, sejam uma das tres pessoas, ou cousa que lhes pertença.

Nós temos seis *Demonstrativos Pessoas primitivos*, a saber : dois da primeira pessoa, *Eu* para o singular, e *Nós* para o plural ; dois da segunda pessoa, *Tu* para o singular, e *Vós* para o plural ; um directo da terceira pessoa, *Elle Ella* para o singular, *Elles Ellas* para o plural ; e o reciproco *Si*, que sempre se refere á terceira pessoa, tanto do singular, como do plural. Estes *primitivos* fazem com que os nomes a que se ajuntão, ou a que se referem, tenham o character de uma das tres pessoas.

Tem a nossa lingua cinco *Demonstrativos Pessoas derivados*, a saber : dois da primeira pessoa, *Meu Minha* para o singular ; *Meus Minhas* para o plural. *Nosso Nossa* para o singular, *Nossos Nossas* para o plural : dois da segunda pessoa, *Teu Tua* para o

singular. *Teus Tuas* para o plural, *Vosso Vossa* para o singular, *Vossos Vossas* para o plural ; e um da terceira pessoa, fallando-se ou de um só individuo, ou de muitos, *Seu Sua* para o singular, *Seus Suas* para o plural. Estes *Pessoaes derivados* fazem com que os nomes, a que se ajunctão, ou a que se referem, pertenção a uma das tres pessoas.

Os nomes junctos sem proposição exprimem os objectos, e ao mesmo tempo as relações em que

**Pag. 38**

elles estão uns para com os outros. As mais importantes destas relações tem os nomes seguintes: Sujeito, Attributo, Vocativo, Complemento Restrictivo, Complemento Terminativo, Complemento Objectivo, e Complemento Circumstantial. (*Disto se ha de tractar na Syntaxe.*)

Casos são a terminação differente de um nome dentro do mesmo numero. Na Lingua Portugueza os Demonstrativos Pessoaes Primitivos são os unicos nomes que tem *casos*, porque elles varião de terminação dentro do mesmo numero ; e por isso mesmo são elles tambem os unicos nomes da nossa Lingua, que varião de terminação, para exprimir aquellas differentes relações, as quaes nos outros nomes são indicadas ou pela sua posição, ou por meio de certas particulas, que se lhes antepõe.

Eu tem os casos, *me, mim, migo* ; Nós, *nos, nosco* ; Tu, *te, ti, tigo* ; Vós, *vos, Vosco* : Elle tem no singular *lhe*, e no plural *lhes* para complemento terminativo ; e *o a* no singular, *os as* no plural para complemento objectivo ; (vid. pag. 24, nota 7) *Si* tem os casos *se, sigo* ; e se usa só quando se tracta de uma acção, que um sujeito faz em seu proprio individuo, ou que lhe diz respeito. (*Estude-se a nota seguinte*) <sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Expliquemos estes casos. *Me* quer dizer a *mim* e ás vezes em *mim*, como : *Deo-me um livro*, isto é, *Deo a mim um livro* : *Deo-me pancadas*, isto é, *Deo pancadas em mim*. *Mim* sempre tem antes de si uma preposição, como : *de mim, a mim, por mim* &c. *Migo* sempre tem anteposta a preposição *com*, deste modo : *Commigo*. O que se dice de *Me, mim, migo*, se applique a *Te, ti, tigo*.

Nós, quando não é sujeito, leva preposição antes de *si*, como : *de nós, a nós, por nós* &c.

Nos quer dizer a *nós*, e ás vezes, em *nós* como : *Deo-nos um livro*, isto é, *Deo a nós um livro* : *Deo-nos pancadas*, isto é, *Deo pancadas em nós*. *Nosco* está sempre unido á preposição *com*, deste modo : *Commosco*. O que fica dicto de *Nós, nos, nosco*, se applique a *Vós, vos, vosco*.

Elle, quando não é sujeito, póde ser complemento de varias preposições. *Lhe, lhes*, querem dizer a *elle* ou a *ella*, a *elles* ou *elas*, e ás vezes, *nelle nella, nelles nellas*, e sempre é complemento terminativo, como : *Deo-lhe um livro*, isto é, *Deo a elle um livro* : *Deo-lhe pancadas*, isto é, *Deo pancadas nelle*. *O a, os as*, significa a *elle, a ella, a elles, a ellas*, e sempre é complemento objectivo, como : *Abri o livro e li-o todo*, isto é, *li a elle todo*. Estes dois casos de *Elle* sempre são relativos. (vid not. 7, pag. 24). *Se* quer dizer a *si*, como : *Pedro ferio-se*, isto é, *Pedro ferio a si*. *Sigo* leva antes a preposição *com*, deste modo : *comsigo*. *Si* não póde enunciar as relações de sujeito, nem de vocativo ; assim como *Eu, Nós, Elle* a de vocativo, pois não se póde dizer *ó si, ó eu, ó elle*. *Eu* e *Tu* não tem Plural : *Nós* e *Vós* não tem singular. Um nosso Classico dice : Em *mim* ha dois *eus* &c. ; isto porem é tomando *eu* noutro sentido. Os Grammaticos chamão pronomes a estes demonstrativos ; porem esta denominação de pronome é muito vaga ; por que há palavras que se põe em lugar do

## § VII. Dos demonstrativos puros.

*Determinativos Demonstrativos Puros* são os adjectivos, que fazem com que os appellativos mostrem os objectos no logar e distancia em que estão. A nossa tem seis, a saber : *Este Esta Isto, Esse Essa*

Pag. 40

*Isso, Elle Ella (Ello antiquado), Aquelle Aquella Aquillo, Mesmo, O mesmo* <sup>31</sup>.

*Este* indica um objecto proximo a quem falla ; *Esse* um objecto proximo á pessoa com quem se falla ; *Aquelle* indica um objecto presente, mas remoto da primeira e da segunda pessoa ; *Elle* designa um objecto remoto e ausente ; *Mesmo*, junto a qualquer dos pessoas, e demonstrativos, augmenta-lhes a força ; *O mesmo* mostra a identidade de algum objecto, indicado antecedentemente.

Tendo nós fallado de duas cousas ou pessoas, querendo-as indicar pelos Demonstrativos *Este, Aquelle* ; *Este* representa o objecto mais proximo, e *Aquelle* o mais remoto, como : *Pedro gosta do estudo e da conversação, porque esta o recrea e aquelle lhe aperfeiçoa a razão.*

As terminações *Isto, Isso, Aquillo* podem chamar-se neutras, não porque ellas possão jamais concordar com nomes neutros, porque os não temos ; mas porque se referem sempre ou a cousas, ou a pensamentos, ou a acções, que por não terem genero, nem masculino, nem feminino, se podem chamar neutros, isto é, de nenhum genero. <sup>32</sup>

nome, e com tudo não são pronomes.

*Meu minha, meus minhas*, significa de mim ou pertencente a mim, como : *meu livro*, isto é, livro de *mim*, ou, *que me pertence*. *Teu tua, teus tuas*, é o mesmo que *de ti*, ou que *te pertence*, como : *teu livro*, isto é, livro *de ti*, ou que *te pertence*. *Nosso nossa, nossos nossas* quer dizer de *nós*, ou que *nos é proprio* &c. como : *nosso livro*, isto é, livro *de nós*, ou que *nos pertence*. *Vosso vossa, vossos vossas*, significa *de vós*, &c. *Seu sua, seus suas* (nunca significa *de si*) quer dizer *delle della, delles dellas*, ou que *pertence a elle, a ella* &c. como : *seu livro*, isto é, livro *delle* &c. Todos estes demonstrativos se chamão tambem *possessivos*.

*Meu amor* significa o amor que eu sinto : *amor de mim* é o amor que outrem me tem.

*Saudades tuas* significa as saudades que tenho de ti : *tuas saudades* são as que tu tens de outrem : *saudades minhas* significa saudades de mim : e *minhas saudades* as que tenho de outra pessoa. O mesmo é nas outras expressões semelhantes, por exemplo : *minha pena*, e, *pena de mim* : *teu medo*, e, *medo de ti*. &c.

<sup>31</sup> Estes Demonstrativos servem quando se falla de um objecto presente, pois fallando-se de dois, usa-se de *Estoutro Estoutra, Estoutros Estoutras* ; *Essoutro Essoutra, Essoutros, Essoutras* ; *Aquelloutro Aquelloutra, Aquelloutros Aquelloutras* ; compostos de *Este* e *outro* &c., como : *Aquella casa, e aquelloutra* são bem antigas.

<sup>32</sup> Note-se que sempre tomamos o termo *neutro no sentido restricto*, isto é, *nem um, nem outro genero* pois não admittimos genero neutro na nossa Lingua.

Todos os *Demonstrativos Puros* podem ser *relativos*, isto é, representar nomes antecedentes ; mas não podem ser conjunctivos, como os seguintes, que são relativos e ao mesmo tempo conjunctivos.

Pag. 41

## § VIII. Dos demonstrativos conjunctivos.

*Demonstrativos Conjunctivos* são os que mostram ou o sujeito, ou o attributo de uma oração antecedente e unem ao mesmo tempo as orações parciaes com as de que são parte, como : *Qual é a cousa, que póde faltar a quem tem por seu um Deus, cujo é tudo, quanto ha no Ceo e na Terra ?*

Nós temos quatro *Demonstrativos Conjunctivos*, a saber : o *Qual a Qual*, os *Quaes as Quaes*, *Que* para ambos os numeros e generos, *Cujo Cuja*, *Cujos Cujas*, e *Quem* para ambos os numeros e generos.

O *Demonstrativo Qual* póde concordar com o seu antecedente, como : *Dize-me a cousa a qual cousa póde faltar &c.* E' preciso não o confundir com o comparativo *Qual*, pois este nunca leva artigo, e tem antes de si *Tal* claro ou occulto, como : *Qual o Leão quando arremete*, isto é, *tal qual o Leão &c.* ; pelo contrario o *Qual* conjunctivo sempre leva artigo claro, ou occulto quando é interrogativo. <sup>33</sup>

O *Demonstrativo Conjunctivo Que* é invariavel, e póde referir-se a nomes de todos os generos e numeros, e mesmo a sentidos antecedentes os quaes

Pag. 42

não tem genero, nem o podem ter, e neste caso tambem é neutro, como : *O que temos ensinado, é extrahido dos melhores Grammaticos.*

Não havendo equivoco, nem repetição fastidiosa, é o *Que* preferivel a *Qual* para sujeito das orações incidentes, e tambem para complemento objectivo, como : *A nobreza que vem do nascimento, é muito inferior á que o próprio merecimento nos adquire.*

*Quem* ordinariamente se diz de pessoas, e como é invariavel, serve para todos os generos e numeros.

Cada uma das terminações *Cujo Cuja*, *Cujos Cujas*, em differentes logares, póde equivaler a todas estas *do qual da qual*, *dos quaes das quaes*, e sempre se deve empregar na relação de complemento restrictivo, concordando com a cousa possuida, e representando o possuidor de alguma cousa, seja elle de que genero e numero fôr,

---

<sup>33</sup> Ha outro *qual* differente dos antecedentes, e designa pessoas ou cousas indeterminadas, e pode ser substituido por *este*, *aquelle*, *um*, *outro*, como : *Todos tem amor proprio qual mais, qual menos* ; é o mesmo que dizer, *uns mais, outros menos*. Nestes versos :

« *Qual do cavallo v'á que não desce ; Qual do cavallo em terra dando geme.* »

O primeiro *Qual* póde ser substituido com *Este*, o segundo com *Aquelle*. Nos seguintes podem supprir-se com *Um*, *Outro* :

« *Qual vermelhas as armas faz de brancas ; Qual c' os penachos do elmo açouta as ancas.*  
*Quem vem de Quem Latino*, com o qual bem se parece, e não é contracção de *que homem* ; assim como *Alguem* vem de *Aliquem*, e não é contracção de *algum homem*.

como :... « *com as condições, cujo principal capítulo era* » &c. (Couto) ; neste exemplo, *cujo*, na terminação masculina do singular, representa *condições* do genero feminino e do numero plural ; pois é o mesmo que dizer... *com as condições, das quaes o principal capítulo era* &c.

Todos os *Demonstrativos Conjunctivos* podem ser *Interrogativos*, mas nem por isso deixão de ser os mesmos *Conjunctivos*, como se póde vêr, pondo-se-lhe claro o seu antecedente, que então se acha occutto, como : *Que hei-de fazer ? isto é, Dizei-me a cousa que eu hei-de fazer.* <sup>34</sup>

Pag. 43

## § IX. *Dos determinativos de quantidade.*

*Determinativos de Quantidade* são os que fazem com que os appellativos, a que se ajunctão, comprehendão ou todos os individuos da classe, ou sómente alguns, ou nenhum, para sobre elles, ou sobre nenhum recahir o attributo da oração, como : *Todo o homem é mortal ; Alguns homens são virtuosos ; Nenhum homem é infallivel ;* no primeiro exemplo o attributo é applicado a todos os homens, no segundo a alguns, e no terceiro a nenhum.

Dividem-se os *Determinativos de Quantidade* em *Universaes*, e *Partitivos*, uns e outros são ou *Collectivos*, ou *Distributivos ; Positivos*, isto é, *Affirmativos*, ou *Negativos*. São *determinativos Universaes Collectivos* os que applicão os appellativos a comprehenderem *todos* os individuos da sua classe junctamente, isto é, na sua totalidade. São *Affirmativos*, quando affirmão ; e *Negativos*, quando negão. A nossa *Lingua* tem só dois *Determinativos Universaes Collectivos Positivos*, que são : *Todo Toda Tudo, Todos Todas ;* e o artigo definido *O A, Os As ; como : Todo o homem é mortar : O homem é mortal.* O primeiro é mais expressivo.

*Todo* sempre deve preceder o appellativo porque indo depois delle significa *inteiro* ou *total* ; e porisso comprehende todas as partes do individuo ; razão porque uma proposição verdadeira póde ser falsa pela simples posposição de *Todo*, como : *Todo o homem é mortal*, esta proposição é verdadeira ; *O homem todo é mortal*, esta é falsa.

A terminação *Tudo* se chama neutra, porque sempre se diz de cousas que não tem genero, como : *Tudo está bom ;* e nestes casos, referindo-se-lhe algum adjectivo, tambem este está no mesmo sentido. (vede not. 10, pag. 41.)

Pag. 44

*Determinativos Universaes Distributivos* são os que applicão os appellativos a significarem os individuos da sua classe separadamente, isto é, um a um, por exemp : *Cada homem tem seu genio.* Temos tres *Distributivos Universaes, Affirmativos*, a saber : *Qualquer Quaesquer, e os invariaveis Quemquer, e Cada.* *Qualquer* e *Cada* se dizem de

---

<sup>34</sup> Ha quem se opponha a que os interrogativos sejam demonstrativos Conjunctivos : nós porém somos de sentimento de que o são. Neste exemp : *Dize-me, que navios entrarão hoje ?* é o mesmo que : *Dize-me o numero e nome dos navios que entrarão hoje ?* Em ambas estas Proposições se exprime o desejo de saber, e ambas são linguagem corrente.

peçoas e de couzas, *Quemquer* só se diz de peçoas. Se qualquer dos antecedentes Determinativos modifica o sujeito, a proposição é *Universal Affirmativa*.

Temos os seguintes *Distributivos Universaes Negativos*: Nenhum Nenhuma, nenhuns Nenhumas, Nada, e Ninguém. A proposição é *Universal Negativa*, quando algum destes Distributivos Universaes Negativos modifica o sujeito.

Nenhum é composto de *nem* e *hum*. Estas expressões são o mesmo ; porem no uso presente da Lingua, *Nem um*, a que ás vezes se ajuncta só, affirma com maior força, como : *Nenhum* homem é infallível : Não ha, *nem um* só homem que seja infallível.

*Ninguém* só tem singular, e se diz de peçoas. Vindo antes do verbo, não admite outra negação, mais depois d'elle não a exclue, como : *Ninguém* é perfeitamente feliz. *Nada* diz-se de couzas indeterminadas, e sem genero, como : *O homem virtuoso nada teme*. Tambem se diz substantivamente : *O nada, Uns nada, Uns ninguens*.

*Determinativos Partitivos* são os que fazem com que os appellativos, a que se ajunctão, comprehendão só uma parte, ou determinada, ou indeterminada, dos individuos da sua classe ; e porisso fazem as *orações particulares*, como : *Alguns homens escapárão do naufragio, e quatro morrêrão afogados*. *Alguns homens* comprehende só uma parte indeterminada dos individuos da classe, e *quatro* comprehende uma parte determinada. Nós temos os seguintes *partitivos indeterminados*.

**Pag. 45**

*Alguem, Outrem* invariáveis, e valem o mesmo que *algum homem, alguma peçoas, outro homem, outra peçoas*. *Fulano Fulana, Sicrano Sicrana, o Dual Ambos Ambas, Outro Outra al*, terminação que quer dizer *outra couza*. *Muitos Muitas, Os Mais As Mais* sempre com o artigo, *Algum Alguma, Algo* (antiquado), *Alguns Algumas*.

Quando se diz *Homens ha, Ha dias* ; entende-se *alguns* ; como : *Alguns Homens ha, Ha alguns dias* ; e o mesmo se fará em casos semelhantes. Nestas expressões *Delles mortos, Delles mal feridos*, tambem se entende *alguns*, como : *Alguns delles mortos &c*.

*Certo Certa, Certos Certas*, sempre se antepõe ao appellativo, como : *Ha certas couzas, Certo homem &c*. ; porque posto depois não é *Determinativo*, pois significa couza verdadeira, como : *Couza certa. Tal taes*, como : *Tal semêa que não colhe ; Não faças tal*.

Os *Partitivos de Quantidade*, que determina ao certo o numero dos individuos, são os *Numeraes*. Estes são ou *Cardiaes*, ou *Ordinaes*, ou *Multiplicativos*, ou *fraccionarios*. Os *Cardiaes* significão simplesmente o numero das unidades, como : *um, dois &c*. O numeral *um* não tem plural, e os *numeraes de dois* para cima não tem singular.

Os *Ordinaes* significão numero por ordem, como : *Primeiro, Segundo, Terceiro* : estes varião de terminação para os generos e numeros.

Os *Multiplicativos* designão a quantidade que resulta da multiplicação de individuos, como : *Duplo, ou Dobrado, Triplo ou Triplicado ou Tresdobrado &c*.

Finalmente os *Numeraes Fraccionarios* significão as partes ou fracções, em que se divide um todo ou unidade concreta : elles so tem terminação feminina, porque concordão com *parte* ou *fracção* claro ou occulto, e levão artigo antes, ou *cardiaes*, como : *a quarta, a quinta, a sexta parte, &c. uma quarta, duas sesmas, quatro decimas partes &c*.

## § X. Dos *adjectivos explicativos e restrictivos*.

Todo o *Adjectivo Explicativo*, pospostos ao appellativo póde ser substituído por uma oração incidente causal com *que* ou *porque*; e o *Restrictivo* por uma incidente condicional com *que*, *se*, ou *quando*, como: Deus *justo* premea os bons, equivale a esta: Deus, *que he justo*, ou *porque é justo* premea os bons: O homem *sabio* aborrece os vícios, equivale a esta: O homem, *que é*, ou *se é sabio*, aborrece os vicio.

Daqui vem que os *Adjectivos Explicativos* appostos nenhuma influencia tem na verdade das proposições, e por isso podem-se tirar dellas; e os *Restrictivos* não, porque posso dizer: Deus *premea os bons*; mas não posso dizer: O homem *aborrece os vícios*.

E' indifferente pôr os *Adjectivos Explicativos* antes ou depois do appellativo, porque tanto faz dizer *Marmore duro*, como: *Duro Marmore*. Os *Restrictivos* porém ordinariamente devem ir depois do appellativo; porque indo antes podem ás vezes mudar o sentido, como: O homem *pobre*, e O *pobre homem*, são sentidos differentes. Pertencem á classe dos *Adjectivos Restrictivos* alguns dos nomes que significão varios estados accidentaes do homem, como: *Velho, Moço, Martir, Virgem &c., &c.*; porem estes mesmos, assim como outros muitos, se usão a cada passo como substantivos, v. g: *Um moço, um velho &c.*

## § XI. Dos *graus de augmento na significação dos adjectivos*.

Os adjectivos quanto ao augmento de sua significação podem ser, ou *Positivos*, ou *Augmentativos*,

Pag. 47

ou *Superlativos*; e todos estes graus podem ser ou absolutos, ou comparativos.

*Positivos* são os adjectivos explicativos e restrictivos considerados como base do augmento; que podem receber na sua significação, ou absolutamente sem fazer comparação, ou comparativamente fazendo-a.

São *Positivos Absolutos* os adjectivos, susceptiveis do augmento na sua significação, quando qualificação objectos sem os comparar com outros, como: O *Sol está brilhante*.

São *Positivos Comparativos* os adjectivos, quando qualificação objetos e os comparão com outros, como: *Annibal foi tão valoroso como Scipião*.

São *Positivos Comparativos* os que indicão ou similhaça entre objetos, como: *Tal, Qual*; ou igualdade, como: *Tanto, Quanto, Tamanho*, e todos os *Positivos Absolutos* feitos *Comparativos* pelos adverbios *Tão, Quão, Como*, v. g: *Camões foi tão grande como Virgilio*.

*Augmentativos* são os *Positivos*, cuja significação recebe algum aumento, quer para mais, quer para menos, ou fazendo comparação, como : *Menos virtuoso* ; ou sem a fazer, como : *Muito sabio*.

São *Augmentativos Absolutos* para menos os *Positivos*, a que se ajuncta o adverbio *Pouco*, como : *Pouco saudavel* ; e são *Augmentativos Absolutos* para mais os *Positivos*, a que se ajuncta o adverbio *Muito*, como : *Muito difficil*.

Temos seis *Augmentativos Comparativos* de uma só palavra cada um, a saber : *Maior, Menor, Melhor, Peor, Mais, Menos* quando são adjectivos do singular. Os outros *Augmentativos Comparativos fazem-se*, pondo antes do *Positivo* o adverbio *Mais*, ou *Menos*, e depois o conjunctivo *Que* para unir os objectos que se comparão, como : *O ouro é mais precioso que a prata, e esta menos que a sabedoria*.

*Superlativos* são os que significão no maior auge

**Pag. 48**

possível, ou para mais, ou para menos, as qualidades de alguma cousa, ou comparando-a com outra, e então se chamão *Superlativos Comparativos*, ou sem fazer comparação, e então se dizem *Superlativos Absolutos*.

Os *Superlativos Comparativos* são os mesmos *Augmentativos Comparativos*, que se fazem *Superlativos*, pondo-se-lhes antes o artigo, e depois a preposição *De*, ou *Entre*, como : *Cicero foi o mais eloquente orador dos do seu tempo : O conselho prudente é o melhor de todos*.

Alem de outros recebemos dos Latinos estes *Superlativos : Maximo, Minimo, Pessimo, Optimo, Summo, Infimo* ; elles para nós são *Absolutos*, e para serem *Comparativos* é necessario que sejam precedidos do artigo, como fica dicto.

São *Superlativos Absolutos* todos os adjectivos acabados em *issimo*, ou *errimo*, como : *Sapientissimo Accerrimo*. Este *Superlativos* ou se tomão mesmo como estão na *Lingua Latina*, só com a mudança do *us* final em *o* ; ou os formamos á *Portugueza*, accrescentando *issimo* á ultima consoante final do adjectivo *Portuguez*, como : *Justo, Justissimo* ; ou se acaba em *m*, ou *ão*, mudando estas terminações em *n*, como : *Vão, Vanissimo, Commum, Communissimo*. Os que acabão em *z*, mudão-no em *c*, como *Feliz, Felicissimo, Veloz, Velocissimo*.

## § XII. Das terminações dos adjectivos.

Os nossos adjectivos são ou de uma só terminação, ou de duas, ou de tres.

Tem uma só terminação : 1.º os adjectivos acabados em *e* e *a*, como : *Prudente, Cada*. 2.º os acabados em *al, el, il, ul*, como : *Liberal, Amavel, Docil, Azul*. 3.º os acabados em *ar, az, iz, oz*, como : *Exemplar, Capaz, Feliz, Veloz*.

**Pag. 49**

Tambem são de uma só terminação *Affim, Cortez Montez, Ruim* ; *Grão* por *Grande*, e *Commum* se usa tambem hoje, como antigamente, com uma só terminação. <sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> Os Antigos terminavão em *e* os adjectivos que hoje acabão em *il breve, em az, iz, oz, e dizião* :



São de duas terminações : 1.º os adjectivos acabados em *o*, mudando-se este em *a*, como : *Virttuoso, Virtuosa*. 2.º os que acabão em *êz, ol, ôr, ú*, e um, como : *Portuguez Portugueza, Hespanhol Hespanhola, Lavrador Lavradora, Cru Crua, Um Uma*.<sup>36</sup>

São irregulares *Judeu Judia, Meu Minha, Teu Tua, Seu Sua, Bom Boa, Mau Má*.

São de tres terminações, *Este Esta Isto, Esse Essa Isso, Aquelle Aquella Aquillo, Todo Toda Tudo, Nenhum Nenhuma Nada, Algum Alguma Algo, Outro Outra Al*.

Os adjectivos de uma só terminação servem com ella só para todos os generos, como *Homem prudente, Acção prudente*. Os de duas terminações, a primeira serve para os nomes masculinos, e a segunda para os femininos, como : *Homem virtuoso, Mulher virtuosa*.

Os que tem tres terminações, a primeira serve para os nomes masculinos, a segunda para os femininos, e a terceira para modificar ideas, discursos, ou sentidos, que não tem genero, nem o podem ter, e por isso a terceira terminação de taes adjectivos chama-se neutra ; advertindo que os adjectivos de uma só terminação, e a masculina dos que tem duas, tem muitas vezes este mesmo sentido neutro.

**Pag. 50**

---

Facile, Contumace &c.

<sup>36</sup> *Nisto ha variedade, porque se diz : Formosura superior, e tambem ha quem diga : Cabra monteza. Os Antigos dizião : Linguagem Portuguez, Nação Hespanhol, Vara destruidor &c. ; porque então os adjectivos em êz, ol, e ôr tinham uma só terminação.*

## § XIII. Do verbo.

Verbo é a palavra que anima os termos da proposição, e por diferentes *modos*, *tempos*, e *peçoas* exprime a união de um attributo com um sujeito, como : *Deus é justo* : *O homem não he infallivel* : *Applico-me ao estudo*.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> Verbo é a *palavra* que anima os termos da proposição, e que por diferentes *modos*, *tempos*, e *peçoas*, exprime a relação de conveniencia entre um attributo, ou modo de existir, e um sujeito ; como : *Deus é justo* : *O homem não é infallivel* : *Applico-me ao estudo*. Esta definição, que vem a ser a mesma do texto, é fundada nos princípios seguintes. A definição do Verbo deve tirar-se de sua natureza. O Verbo é um dos elementos da proposição : esta é um juizo enunciado : juizo é a percepção ou conhecimento da relação de conveniencia, isto é, concordancia, ou discordancia entre duas idéas. Não tem portanto um juizo, mais que dois termos de comparação, isto é, duas idéas, uma das quaes necessariamente é a principal, e a outra de uma propriedade ou modificação, que nosso espirito examina se convem ou não á principal. Conhecida sua conveniencia ou discordancia, o juizo está feito, sem que nelle haja nem affirmacão, nem negação alguma. Façamos agora de um juizo uma proposição. Para que uma oração tenha tudo expresso, deve ter um termo que signifique a idéa principal ; outro que designe a idéa de uma propriedade ou modificação ; e deve ter uma palavra que enuncie o conhecimento da relação entre os dois termos. o primeiro termo é o *sujeito* ; o segundo é o *attributo*. Não é evidente que o Verbo é quem exprime a percepção da relação entre os dois termos ? Isto é incontestável. Ora as palavras não tem outro valor, nem outra natureza, se não a das idéas que ellas enuncião ; logo a essencia do Verbo está na enunciação da relação de conveniencia de um attributo com um sujeito. Como a idéa de relação sem dois termos é nada, inteiramente nada : segue-se que definindo-se o Verbo, é necessario consideral-o em relação ao attributo e ao sujeito ; pois se a idéa de relação sem dois termos é uma quimera, o que será o Verbo sem o attributo e o sujeito ? Porisso tem razão um abalizado Philologo para dizer que é um erro crasso « o suppor que em uma lingua qualquer os homens começarão por inventar um termo para exprimir a existencia abstracta. » Mas não será outro igual o pensar que os homens começarão por inventar palavras que exprimissem *acções*, *actos* ou *estados* abstractos ? O que é uma *acção* *acto* ou *estado*, sem um sujeito determinado ou indeterminado em quem exista ? De certo que isto não he menos quimerico do que a idéa de existencia separada dos entes

Portanto dizer que o Verbo é o termo que exprime *estado*, *acto* ou *acção*, é o mesmo que não dizer uma só palavra, que convenha ao Verbo : não só pelas razões expendidas, mas tambem porque essa definição convem só aos attributos das proposições ; pois estes é que significão os diversos estados, actos, ou acções, isto é, os diversos modos de existir dos sujeitos, porque os modos são significados por nomes que exprimem as propriedades e modificações que nós conhecemos nos individuos, que tem ou uma existencia real na natureza, ou somente abstracta no pensamento. Alem disto, um *estado*, *acto* ou *acção* é um modo de existir de um sujeito, e pôde envolver uma idéa composta, isto é, uma reunião de idéas ; mas o Verbo exprime a idéa simples de relação ; logo elle per si só não pode exprimir *acção*, *acto* ou *estado*.

Não se pôde duvidar de que estes termos enunciem os attributos ou modos de existir dos sujeitos ; porque no pensamento não ha senão idéas de cousas (reaes ou abstractas), e idéas das propriedades e modificações das cousas ; isto é ; no pensamento ha somente

A essência do Verbo consiste em animar os termos da proposição, e ao mesmo tempo enunciar a relação de conveniência entre um e outro. Mas

attendendo não só á essência do Verbo, e ao emprego que se lhe dá, mas também ás idéas accessorias, nelle muitas vezes concentradas, podêmos dividir o Verbo em tres especies, a saber : *Verbo Substantivo*, *Verbos Auxiliares*, e *Verbo Adjectivo*.

Verbo Substantivo é o que não tem concentrado, em si attributo algum, e serve de copula ou nexa que une os termos da proposição, isto é, o attributo e o sujeito. Tal é na Lingua Portugueza o Verbo *Ser* ; como : *Pedro é sabio*.

Tem a nossa Lingua dois Verbos que exprimem a *existencia* ; o Verbo *Ser*, que significa *uma existência habitual e permanente* ; o Verbo *Estar*, que enuncia uma *existencia actual e temporaria*. Isto se dá bem a conhecer nos exemplos seguintes : *Eu sou doente* : *Eu estou doente*.<sup>38</sup>

idéas principaes e accessorias, e o conhecimento das relações, que nosso espirito descobre entre umas e outras, quando as compara e combina. Ora ninguém dirá que os diversos *estados*, *actos* e *acções*, ou modos de existir das cousas, são idéas principaes, nem também conhecimentos de relações. Logo são termos que significão attributos, propriedades, numa palavra, modos de existir das cousas.

Portanto os verbos que significão esses modos de existir dos sujeitos, tem concentrados em si os termos que os significão : *Durmo*, *Chove*, *Geme*, *Passêa*, *Come* &c., são orações perfectas. Logo se estes verbos não tem incluído em si o attributo, uma proposição não é um juizo enunciado, ou em um juizo não ha dois termos, e o conhecimento da relação entre elles. Ora isto é um absurdo.

Muitas vezes exprimimos a acção de conveniência pela simples concordancia dos dois termos, como : *Deus justo*, *Homem fragil*, *trabalhador*, *agricultor*, *destruidor*, *Leão rugidor* &c. Isto mesmo nos faz conhecer o quanto é simples a idéa que o verbo exprime, pois não é outra cousa mais do que um mero aspecto, com que nosso espirito vê os dois termos de um juizo.

Assim como as idéas recebem uma especie de movimento e de vida quando o espirito humano as compara e combina de todos os modos possiveis, para augmentar seus conhecimentos : assim também o Verbo, que é signal da idéa de relação consequencia dessas comparações, é a palavra animada, que dá força e vida aos termos da proposição. Porisso os Latinos lhe chamarão *Verbum*, a palavra por excellencia.

Se na definição do Verbo não fizemos caso da relação de discordancia que póde haver em um juizo ; foi porque as proposições negativas se reduzem a affirmativas, como todos sabem ; pois a negação não modifica o Verbo mas sim o attributo, como : *O homem não é infallivel* ; é o mesmo que : *O homem é não infallivel*, isto é, *fallivel*. O verbo sempre enuncia a relação de conveniência de um attributo, que a negação exclue do sujeito nas proposições negativas.

<sup>38</sup> O dizermos nós que a Lingua Portugueza tem dois verbos que enuncião a existencia, não quer dizer que os outros a não exprimem ; notamos só que *Ser* e *Estar* a significão de um modo muito mais expresso, por serem os de que se usa, quando se enuncia um attributo por uma idéa concreta, como : *Eu sou amator da virtude*. *Eu estou doente*. Os outros exprimem também a existencia de um attributo em um sujeito ; pois que não póde haver relação de conveniência entre os dois termos da proposição, sem que o segundo exista no primeiro ; mas a Lingua serve-se ordinariamente de outros Verbos, quando enuncia os

O Verbo *Ser* toma diferentes formas para indicar as diferentes epochas da existencia, mas não tem fórmãs que per si sós mostrem o estado desta mesma existencia ; por esta razão elle é ajudado pelos verbos *Auxiliares*, que são os que auxilião o Verbo *Ser* e todos os outros, para tomarem todas

as formas compostas e combinações necessarias ao discurso. Taes são os Verbos *Estar*, *Haver* e *Ter* conjugados com o infinito impessoal, e participios do Verbo *Ser* e dos outros ; e é só nestes casos que elles são *Auxiliares*.<sup>39</sup>

attributos por um modo abstracto, como : *Eu tenho amor á virtude* : *Eu amo a virtude* : *Eu tenho doença*. Todos estes Verbos, ainda que menos expressamente, enuncião a existencia de uma idéa accessoria em uma principal : *Amar a virtude*, *Ter amor á virtude*, *Possuir amor á virtude*, *Gozar do amor á virtude*, *Ser amante da virtude*, *Ser amator da virtude*, tudo é o mesmo, pois as idéas são as mesmas, e só ha differença em as enunciar por nomes que significão ou qualidades concretas, ou abstractas, ou por palavras que reúnem em si o attributo e o verbo.

Estas reflexões nos conduzem a notar que os Verbos *Ser*, *Estar*, *Existir* significão *Ter*, *Haver*, *Possuir*, *Gosar* ; e que *Ter*, *Haver*, *Possuir*, *Gosar*, significão *Ser*, *Estar*, *Existir*. Esta identidade de significação nasce mesmo da essencia do verbo, porque para um attributo existir ou estar em um sujeito, é necessario que o sujeito o *possua*, que *goze delle*, que o *tenha* ; e para que o *tenha*, é necessario que *exista* ou *esteja nelle*.

Se o que temos exposto é conforme á razão, segue-se : 1.º que se o Verbo *Ser* não tem incluído em si attributo algum, tambem os Verbos *Estar*, *Existir*, *Ter*, *Haver* o não tem. 2.º se o Verbo *Ser* é substantivo, porque não tem incluída em si idéa alguma adjectiva, e porque serve de nexo entre os dois termos ; porque o não são *Estar*, e *Existir* ? Tanto se diz : *Eu sou feliz*, como : *Eu estou bom*. Em ambos os exemplos o attributo é enunciado por uma qualidade concreta, e os Verbos servem do nexo em ambos.

Pare-nos desacerto dizer-se que *Ser* é o unico Verbo necessario á enunciação : que se podem fazer com elle todas as proposições, e sem elle nenhuma : numa palavra, que *Ser* é o unico Verbo. Não somos deste parecer : 1.º porque *Ser* necessita dos Verbos auxiliares : 2.º porque muitas vezes depende dos participios imperfeitos e nomes verbaes, que suppõe a existência dos *Verbos adjectivos* : 3.º porque, sendo muitas vezes necessario enunciar o attributo por meio de uma qualidade abstracta, o Verbo *Ser* nem sempre serve para exprimir a relação de conveniencia com o sujeito.

<sup>39</sup> *Ter* e *Haver* são *auxiliares* do Verbo *Estar*. *Ter* é muitas vezes *auxiliar* de si mesmo, como : *tenho tido*, &c. *Estar*, *Haver*, e *Ter* são *auxiliares* de *Ser*, e de todos os mais verbos. *Ser* nunca é *auxiliar*, porque na voz passiva dos *Verbos adjectivos*, elle é somente o nexo entre dois termos, assim como o é em quaesquer proposições, onde elle está, como : *Eu sou amado por Antonio*. Aqui não ha mais do que a relação de conveniencia entre o *amor de Antonio* e o sujeito *eu*, relação que é enunciada pelo Verbo *sou*.

Alem de *Estar*, *Haver*, e *Ter*, temos mais tres Verbos auxiliares que são *Andar*, *Ir*, e *Vir*, quando se ajunctão aos infinitos e participios de outros verbos. Elles, e tambem o Verbo *Estar*, mostrão continuação e prolongação de algum modo de existir, como : *Ando escrevendo*, *Andando passando*, *Vou vivendo*, *Indo lendo*, *Venho conversando*, *Vindo comendo*, &c. Antepostos aos infinitos de outros Verbos, mostrão ou preterito ou futuro proximo, como : *Venho de escrever* ; *Vou escrever*. E' falso que todos os *gerundios* (participios imperfeitos) usados junctamente, indiquem duração e continuação.

*Conjugação* é a serie das terminações diferentes, que a forma primitiva de qualquer verbo toma, para enunciar de differente modo a *relação de conveniencia*, os differentes tempos desta relação, e para indicar o character e o numero da pessoa, que lhe serve de sujeito.

A Conjugação é ou *Simples*, ou *Composta*, *Regular* ou *Irregular*. A *Simples* consta de uma só palavra, como : *Sou, Fui, Serei* ; e a *Composta* de duas ate tres, como : *Tenho sido, Hei de ser*. A Conjugação é *Regular*, quando segue a regra geral da formação dos tempos, e *Irregular*, quando se aparta della.

**Pag. 55**

O Verbo Substantivo, e todos os seus Auxiliares são *Irregulares*.

*Modo* do verbo é a differente maneira de enunciar a concordancia do attributo com o sujeito, segundo a ordem e graduação das proposições. Os *Modos* são tres, *Infinito*, *Indicativo*, e *Subjunctivo*.<sup>40</sup> O *Modo Infinito* enuncia indeterminadamente a conveniencia de um attributo com um sujeito qualquer, abstrahindo de *Affirmação*, de *Tempos* e ainda de *Pessoas* ; porque as suas *Linguagens Imperfeitas, Perfeitas, e Porfazer*, são de todos os tempos e pessoas, a que são determinadas por outro Verbo no *Modo* finito, como *Ser, Sendo, Sido*.

O *Modo Infinito* é a forma primitiva e original de qualquer, verbo, e o formativo principal de todas as mais linguagens do Verbo.

A Lingua Portugueza tem dois *Infinitos*, um *Impessoal*, e outro *Pessoal*. Nenhum delles significa tempos, e ambos tem o nome de *substantivos verbaes*, porque á maneira de qualquer outro nome appellativo podem ser sujeitos e attributos de proposições, complementos objectivos de outros verbos,

**Pag. 56**

e tambem complementos de varias proposições.

O Infinito Pessoal é uma das grandes bellezas de nossa lingua, pois nos dispensa das circumlocações, de que usão as outras linguas que o não tem. Sempre usamos do Infinito Pessoal quando o seu sujeito é differente do sujeito do verbo que o determina, como : *Julgo seres sabedor*.

Participios são uns *adjectivos verbaes*, que participão do nome adjectivo a propriedade de poderem modificar nomes substantivos ; e participão do verbo o enunciarem a relação de conveniencia de um attributo em um sujeito. Donde se vê

---

<sup>40</sup> Alguns Grammaticos admittem seis *Modos* dos verbos, a saber : Infinito, Indicativo, Interrogativo, Optativo, Condicional, Subjunctivo, e o Imperativo ; outros ainda contão mais. Basta porem admittir os *Modos* Infinito, Indicativo, e Subjunctivo ; porque os *Modos* são destinados a enunciar o emprego e graduação de cada proposição no corpo do *periodo*. *Periodo* é um todo, composto de proposições, uma das quaes necessariamente é a principal, a quem as outras, por causa da ordem, estão subordinadas, e que lhes serve de centro de união. Para enunciar a proposição principal temos o *Modo Indicativo* ; e o *Subjunctivo* para as totaes subordinadas, em que nós incluimos as incidentes ou parciaes, pela razão de que a parte se considera incluida no todo. Porem o sujeito, e o attributo, assim da proposição principal, como das subordinadas : podem demandar e pedir, isto é, reger outras proposições. Temos para estas proposições regidas o *Modo Infinito*. Este systema, que admittre só tres *Modos* é muito singelo e facil, e porisso, mesmo preferível.

que os Participios são adjectivos, porque modificão nomes substantivos ; e são verbos, porque tem toda a sua força e regime.

O *Modo Infinito* tem quatro *Participios*, tres são Activos nos Verbos Activos, e Intransitivos nos Verbos Intransitivos, e um Passivo nos Verbos Activos ; porque os Verbos Intransitivos não podem ter Linguagem alguma activa, nem passiva.

Os *Participios Activos* Portuguezes são uns adjectivos Invariaveis, que significão algum attributo, e tem o regime dos Verbos donde se derivão.

Segundo fica dicto, nós temos tres Participios Activos. O 1.º é o Participio Imperfeito que modifica um substantivo, e exprime a relação de conveniencia de um estado ou acção incompleta em um sujeito. Acaba cm *ando, endo, indo*, como : *Amando, Movendo, Unindo*.<sup>41</sup>

Pag. 57

O 2.º é o Participio Perfeito, que modifica um substantivo, e exprime relação de conveniencia de um estado ou acção completa em um sujeito.

---

<sup>41</sup> Os Participios Imperfeitos (a que alguns chamão gerundios, crendo-os derivados da terminação *ndo* dos Latinos) são adjectivos verbaes, sem deixarem de ser como outra qualquer variação do verbo ; pois tem a mesma força daquelles a que pertencem, e porisso mesmo podem fazer proposições, como elles ; v.g. : *Entrando o Governador em Gôa*. *Entrando* modifica o nome *Governador* que é seu sujeito e alem disso tem o termo de sua relação *em Gôa*. Isto não tem duvida alguma ; porem mostre-se mais claramente *substituindo* aquella proposição com outra perfeitamente igual ; *Quando o Governador entrou em Gôa*. Outro exemplo : *Sendo eu feliz, terei muitos amigos* : *Sendo* modifica o sujeito *eu*, e ao mesmo tempo é o nexos ou copula que une o attributo *feliz* com o sujeito *eu*, enunciando a relação de conveniencia entre ambos os termos da proposição. Estas mesmas reflexões sobre os participios imperfeitos, se applicuem aos Participios Perfeitos, e Porfazer ; assim como aos Infinitos Impessoal, e Pessoal, com a differença de que estes não são adjectivos.

As proposições de Participios Imperfeitos sempre são ou totaes subordinadas, ou parciaes : e designão ou o *tempo*, ou o *modo*, ou *condição*, ou *causa* e *razão*, ou alguma outra circumstancia. Quando estas proposições tem sujeito diverso do da oração principal, é necessario pôr-lh' o claro ; v. g. : *Conhecendo todos o merecimento da virtude poucos a praticão*.

A Lingua Portugueza usa tambem dos Participios Imperfeitos, conjugando-os com os verbos *Estar, Andar, e Ir*. O Verbo *Estar*, quando é conjugado com Participios Imperfeitos, chama-se *Continuativo*, porque exprime continuação do mesmo modo de existir, como : *Estou escrevendo*. O Verbo *Andar*, conjugado com os mesmos Participios, faz Verbos *Frequentativos*, como : *Ando escrevendo*. O Verbo *Ir*, no mesmo uso, faz Verbos *Inchoativos*, como : *Vou melhorando*.

*Ha uns adjectivos verbaes, acabados em ante, ente, inte*, como : *Amante, Temente, Ouvinte*, os quaes forão *Participios no tempo de nossos antigos Escriptores*, como : *Annibal passante os montes Alpes*. Nós ainda dizemos : *Temente a Deus, Logartenente &c. Agora estes adjectivos verbaes não tem regime dos Verbos donde se derivão, e por consequencia não são Participios, porque se dizemos : Temente a Deus ; já não dizemos : Temente a justiça, Ouvinte os conselhos*.

Quanto aos Participios Perfeitos, *nossos antigos Classicos usavão muitas vezes delles variando-os por generos, e numeros*, como : *Aqual obra será posta no catalogo das mercês, que este Reino delle tem recebidas* (Barros).

Acaba em *ado, ido*, como : Amado, Movido, Unido Anda sempre junto com o auxiliar, Ter, ou Haver como : *Tendo amado, Havendo estudado, &c.*

O 3.º é o *Participio Porfazer*, que exprime a existencia de uma acção, ou estado começado só na tenção e preparos, e por fazer quanto á execução. Este Participio é composto do Auxiliar *Haver*, e do infinito do Verbo, de que elle é Participio, como : *Havendo de ser, Havendo de amar, &c.*

Os nossos Participios Passivos são uns adjectivos Verbaes, que participão do verbo a sua significação activa (empregada no sujeito da oração), e do nome adjectivo participão a propriedade de significar um attributo, e de concordar com nomes appellativos em genero, e numero, como : *Amado Amada, Movido Movida, Unido Unida.*

Estes Participios tambem se conjugão com o Verbo *Ser*, para fórmr a Voz Passiva dos Verbos activos, como adiante veremos.

Muitos dos nossos Verbos tem dois *Participios Passivos*, um regular, e outro contrahido, como : *Acceitado e Acceito, Affeçoado e affecto, Accendido e Acceso, Affligido e Afflicto*, e outros muitos. <sup>42</sup>.

O *Modo Indicativo* é a maneira de enunciar affirmativa directa, e independente de outra qualquer, para poder figurar per si só no discurso, como : *Eu Sou, Estou sendo, Tenho sido, Hei de ser.*

O *Modo Subjunctivo* é a maneira de enunciar affirmativa sim, mas indeterminada, e dependente de outra que a determine, como : *Eu seja, Esteja sendo, Tenha sido, Haja de ser.*

As Linguagens *Condicionaes*, e as *Imperativas* pertencem ao *Modo Indicativo*, porque são directas e independentes.

*Tempo* é uma parte da duração ou existencia. O *Tempo* é relativo ao acto mesmo de quem está fallando ; de maneira que os tempos são tres, *Presente, Preterito, e Futuro*. *Presente* é o tempo em que se está fallando ; *Preterito* é todo o tempo que precedeo ao *Presente* ; e *Futuro* é todo o tempo que se ha de seguir ao *Presente*.

Mas cada um destes Tempos se subdivide em *Imperfeito, Perfeito, e Porfazer*. Tempos *Imperfeitos* são os que exprimem durações continuadas e não acabadas ; *Perfeitos* os que exprimem durações não continuadas e acabadas ; e os Tempos *Porfazer* são os que exprimem uma existencia, começada só na tenção e preparos, sem ser dada á execução. <sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Tem a nossa Lingua alguns Participios que são Passivos, applicados a cousas, e *Activos*, fallando-se de pessoas, v. g : *Acreditado*, que merece credito, que tem credito. *Determinado*, que se determina, que determina. *Moderado*, que se modera, que tem moderação, &c.

<sup>43</sup> Nenhuma das formulas em que depois do Verbo *Ter* e *Haver* e suas variações, se segue o infinito de algum verbo, precedido da preposição *de*, é propriamente Linguagem composta do verbo, mas sim umas verdadeiras proposições a que por ellipse falta o complemento objectivo, v. g. : *Haver* ou *Ter de ser, de Estudar*. *Hei* ou *tenho de ser, de estudar*, é mesmo que dizer, *Ter, ou Haver tenção, resolução &c, de ser, de estudar &c., e*

---

assim em todos os casos semelhantes.

Notemos aqui de passagem que parece haver alguma differença no sentido destas proposições, segundo nellas se usa do verbo Haver, ou do verbo Ter. *Haver de, Hei de, Haverei de, &c.*, enuncia vontade, tenção, resolução espontanea, como : Hei de estudar este livro, é o mesmo que dizer : Hei ou tenho *resolução*, ou *tenção* de estudar este livro. Mas o verbo *Ter*, no mesmo uso, parece exprimir necessidade e obrigação, como : *Tenho de estudar este livro*, é o mesmo que *Tenho necessidade, obrigação &c.*, de estudar este livro. Não obstante porém o não serem estas expressões tempos compostos dos Verbos, figurão como taes no discurso. Attendendo a isto, as incluiremos no systema das *Conjugações*, e lhes chamaremos Tempos Imperfeitos Porfazer, pois enuncião a relação de conveniencia de um attributo em um sujeito, começada só na tenção, e futura na execução.

Dos tempos Imperfeitos, e Perfeitos, uns são *Absolutos*, outros Relativos. São *Absolutos* os que notão um só tempo, ou Presente, ou Passado, ou Futuro, como : *Eu sou, Eu Fui Eu Serei*. Tempos Relativos são os que se referem a outros tempos, v. g. : o Presente Imperfeito Porfazer, Hei de ser, enuncia o Presente na tenção, e o Futuro para a execução ; o Imperativo exprime o Presente no mandado (ou *permissão*), e o futuro para a execução : *Tenho amado*, nesta Linguagem se considera o Passado como reunido em um ponto presente na epoca da palavra, e alem disto completo e acabado na mesma epoca, v. g. : *Toda esta semana tenho passado muito mal*. *Tenho escripto hoje quatro cartas* : *Toda esta semana e hoje* se tomão por um todo presente, e ao mesmo tempo completo no momento da palavra. Porisso mesmo é que se não pôde usar da mesma Linguagem para exprimir um tempo, considerado como passado. Ninguém pôde dizer : *A semana . passada* tenho passado *muito mal*, *Tenho passado hontem muito mal*. Eis-ai a razão por que chamamos a esta Linguagem *Presente Perfeito* ; pois nos parece um absurdo dar o nome de *Preterito* ao que se toma como presente, e no presente se acaba e completa. A opinião de que é uma variação do *Preterito*, fez com que alguns de nossos *Classicos*, como João de Barros e Vieira, a empregassem algumas vezes indevidamente ; como : "*aqui não ha novidade mais que a do Governo, em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia se tem embarcado mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião, &c.*, (Vieira) ; devia dizer *se embarcou*.

Esta Linguagem com um attributo de ordinario significa um serie successiva de estados ou acções da mesma especie desde um tempo determinado ou indeterminado, até ao Presente em que se une, acaba e completa. Esta serie se considera collectivamente, isto é, como um todo ligado ao Presente. Pelo que não pôde convir-lhe senão a denominação de *Presente Perfeito* ; pois não se pôde negar que *Tenho sido feliz até agora* significa a posse actual de uma serie de felicidades ; assim como *Tinha sido feliz* exprime uma posse *Preterita*, e *Terei sido* uma *Futura*.

*Consegui o acabamento desta obra, em tempo anterior ao presente*, equivale a esta proposição : *Acabei esta obra*, e não a estoutra : *Tenho acabado esta obra*.

Os *Grammaticos* não duvidão já de que sejam do Presente as Linguagens *Hei de ser, Hei ou tenho de amar, &c.*, que erão tidas por *Futuros Imperfeitos*. Os que pensarem sufficientemente nesta materia virão a convencer-se de que *Tenho sido, tenho amado &c.*, são formas do Presente, (como indicão os Verbos *Hei, e Tenho*) não obstante o referirem-se ao *Preterito*, assim como *Hei ou Tenho de amar*, não deixa de ser do Presente, apesar de se referir ao *Futuro*.

O *Preterito-Perfeito* relativo, *Tinha amado* mostra o *Passado*, não só em si, mas tambem relativamente a outra epocha *Passada* ; v. g. : *Quando tu chegaste, já eu tinha concluido esta obra*.

SUBJUNCTIVO



Pag. 60

*Eu* mostra a primeira pessoa do singular ; *Nós* a primeira pessoa do plural ; *Tu* mostra a segunda pessoa do singular, e *Vós* a segunda pessoa do plural.

Pag. 61

Todos os outros sujeitos a fóra estes são da terceira pessoa. O Verbo tem variações próprias de cada uma das tres pessoas tanto do singular, como do plural, v. g. : *Eu Sou, Tu és, Elle é, Nós*

Pag. 62

*Somos, Vós Sois, Elles São* : assim vem o Verbo a ter dois numeros, e tres pessoas em cada numero, como se póde ver nas conjugações seguintes. <sup>44</sup>

Pag. 63

---

O Subjuntivo tem Linguagens não só do Preterito e do Futuro, mas tambem do Presente, como : *Ainda que tu sejas bom, não se segue que sempre* o *hajas de ser : sejas e hajas* são do Presente. Não se confunda o tempo significado por uma Linguagem com a outro tempo a que elle póde referir-se, nem o destino principal de uma variação do Verbo com o que muitas vezes toma em razão do sentido do discurso. E' por isto mesmo que as fórmãs do Presente Imperfeito muitas vezes parecem indicar um Futuro proximo ou remoto, como : *Diz-lhe que estude, que venha já, ou de hoje a dez annos : Querem que eu parta já, ou para o anno que vem.* Estes Futuros vem da força dos Verbos *Dizer* e *Querer*, como succede nestas orações : *Dizem que elle vem já, ou de hoje á dez annos, Julga-se que elle parte já, ou para o anno que vem.* Donde se vê que a esses Futuros tambem se prestão as variações do Presente Imperfeito do Indicativo, principalmente quando são subordinadas, e que tal sentido é o resultado não da Linguagem só, mas da phrase toda e da natureza do discurso. Portanto, assim como seria desacertado denominar Futuro ao Presente do Indicativo, por concorrer ás vezes para indicar aquelle tempo ; assim tambem é muito improprio dar o nome de Futuro Proximo ou Optativo ao Presente Imperfeito do Subjuntivo.

Respeito ao Presente Perfeito *Tenha amado, movido, unido &c.*, como : *Ainda que tenhas estudado muito, não se segue que saibas tudo* ; a esta Linguagem se applica o expellido sobre a mesma do Indicativo. Dizer que esta fóрма de Subjuntivo é do Futuro, por as vezes (e não sempre) contribuir para indicar esse tempo, é confundir o destino primario de uma variação do Verbo com o que é obrigada a tomar pela força dos Verbos que a determinão, ou pela do sentido. Dizer que são do Preterito, porque se referem a elle, e não fazer distincção entre o tempo enunciado pela Linguagem, e o outro tempo com que ella tem relação. Em fim, dizer que uma Linguagem exprime já o Preterito, já o Futuro, e asseverar que ella não significa tempo algum, mas se presta (como as variações do infinito) a todos os tempos a que é determinada por outros verbos.

Expuzemos aqui estas reflexões, porque nos parece necessario mostrar a falta de exactidão no que a este respeito diz na sua Grammatica um Philologo distincto, o qual dá tambem como erro o chamar Preterito Imperfeito Condicional ás Linguagens *Eu seria, amaria &c.* Ellas no emtanto são do Preterito Imperfeito e não do *Futuro*, como sua significação póde mostrar evidentemente.

<sup>44</sup> *Advirta-se que o Verbo não tem pessoas, mas variações que designão o character dellas, isto é, se são da primeira, se da segunda, se da terceira pessoa, doutrina esta que ;bem clara fica na regra acima.*

## CONJUGAÇÃO DOS VERBOS SER, ESTAR, HAVER, E TER.

### Modo infinito impessoal.

#### *Imperfeito.*

*(ser) | (estar) | (haver) | (ter)* <sup>45</sup>

#### *Imperfeito Porfazer.*

*haver ou ter de ser. | haver ou ter de estar. | ter de haver | haver de ter.*

#### *Perfeito.*

*haver ou ter sido | haver ou ter estado. | ter havido. | haver ou ter tido.*

### Infinito pessoal.

#### *Imperfeito.*

*Singular. | S. / ser eu. | seres tu. | ser elle. | estar eu. | estares tu. | estar elle. | haver eu. | haveres tu. | haver elle. | ter eu. | teres tu. | ter elle.*

*Plural. | P. / sermos nós. | serdes vós. | serem elles. | estarmos nós. | estardes vós. | estarem elles. | haveremos nós. | haverdes vós. | haverem elles. | termos nós. | terdes vós. | terem elles.*

#### *Pessoal Imperfeito Porfazer*

*S. / haver ou ter eu de ser. | haveres ou teres tu de ser. | haver ou ter elle de ser | haver ou ter eu de estar. | haveres ou teres tu de estar. | haver ou ter elle de estar. | ter eu de haver. | teres tu de haver. | ter elle de haver. | haver eu de ter. | haveres tu de ter. | haver elle de ter.*

**Pag. 64**

*P. / Havremos ou termos nós de ser. | Haverdes ou terdes vós de ser. | Haverem ou terem elles de ser. | Havermos ou termos nós de estar. | Haverdes ou terdes vós de estar. | Haverem ou terem elles de estar. | Termos nós de haver. | Terdes vós de haver. | Terem elles de haver. | Havermos nós de ter. | Haverdes vós de ter. | Haverem elles de ter.*

#### *Pessoal Perfeito.*

*S. / Haver ou ter eu sido. | Haveres ou teres tu sido. | Haver ou ter elle sido. &. | Haver ou ter eu estado. | Haveres ou teres tu estado. | Haver ou ter elle estado. &. | Ter eu havido. | Teres tu havido. | Ter elle havido. &. | Haver ou ter eu tido. | Haveres ou teres tu tido. | Haver ou ter elle tido. &.*

---

<sup>45</sup> Cada um destes Verbos deve ser conjugado só, e não conjuntamente com os outros. Primeiro se conjuga o Verbo *Ser* até ao fim do modo Subjunctivo ; e assim outros.

### *Participio Imperfeito.*

*Sendo. | Estando. | Havendo. | Tendo.*

### *Participio Imperfeito Porfazer.*

*Havendo ou tendo de ser. | Havendo ou tendo de estar. | Havendo ou tendo de haver. | Havendo de ter.*

### *Participio Perfeito*

*Havendo ou tendo sido. | Havendo ou tendo estado. | Tendo havido. | Havendo ou tendo tido.* <sup>46</sup>

Pag. 65

### *Participio Passivo.*

*havido. | tido.* <sup>47</sup>

## Modo indicativo.

### *Tempo Presente Imperfeito.*

*S. / Eu sou. | Tu es. | Elle é. | Eu estou. | Tu estás, | Elle está. | Eu hei. | Tu has. | Elle ha. | Eu tenho. | Tu tens. | Elle tem.*

*P. / Nós somos. | Vós sois. | Elles são. | Nós estamos. | Vós estaes. | Elles estão. | Nós havemos. | Vós haveis. | Elles hão. | Nós temos. | Vós tendes. | Elles têm.* <sup>48</sup>

### *Presente Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu hei ou tenho de ser. | Tu has ou tens de ser. &c. | Eu hei ou tenho de estar. | Tu has ou tens de estar. &c. | Eu hei ou tenho de haver. | Tu has ou tens de haver. &c. | Eu hei ou tenho de ter. | Tu has ou tens de ter &c.*

### *Presente Perfeito.*

*S. / Eu hei ou tenho sido. | Tu has ou tens sido. | Elle ha ou tem sido. &c. | Eu hei ou tenho estado. | Tu has ou tens estado. | Elle ha ou tem estado. &c. | Eu tenho havido. | Tu tens havido. | Elle tem havido. &c. | Eu hei ou tenho tido. | Tu has ou tens tido. | Elle ha ou tem tido. &c.* <sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> *Ser e Estar* tem os Participios *Sido e Estado*, os quaes nunca estão sós na oração ; pois sempre andão acompanhados de uma das Linguagens dos auxiliares *Ter* ou *Haver* ; como : *Tendo sido, Havendo estado, Tenho sido, estado &c.*

<sup>47</sup> *Havido*, e *Tido* são Participios Passivos, quando vem de *Haver*, e *Ter*, não como verbos auxiliares, mas, como verbos activos ; como : *Tu és tido*, ou *havido em conta dos homem de bem*, *Elles forão tidos por homens de valor.*

<sup>48</sup> *Havemos, Haveis* se contraem muitas vezes *Hemos Heis.*

<sup>49</sup> *Hei sido, Hei amado, &c.* tem presentemente pouco uso. Nós porém nas Conjugações não

*Presente Imperfeito Imperativo.*

S. / *Sé-tu. | Esta tu. | Ha tu. | Tem tu.* <sup>50</sup>

P. / *Sêde vós. | Estai vós. | Havei vós. | Tende vós.*

*Preterito Imperfeito.*

S. / *Eu era. | Tu eras. | Elle era. | Eu estava. | Tu estavas. | Elle estava. | Eu havia. | Tu havias. | Elle havia. | Eu tinha. | Tu tinhas. | Elle tinha.*

P. / *Nós eramos. | Vós ereis. | Elles erão. | Nós estavamos. | Vós estaveis. | Elles estavam. | Nós havíamos. | Vós haveis. | Elles havião. | Nós tínhamos. | Vós tinheis. | Elles tinham.*

*Preterito Imperfeito Porfazer*

S. / *Eu havia ou tinha de ser. | Tu havias ou tinhas de ser. &c. | Eu havia ou tinha de estar. | Tu havias ou tinhas de estar. &c. | Eu havia ou tinha de haver. | Tu havias ou tinhas de haver. &c. | Eu havia ou tinha de ter. | Tu havias ou tinhas de ter. &c.*

*Pretérito Perfeito Absoluto.*

S. / *Eu fui. | Tu foste. | Elle foi. | Eu estive. | Tu estiveste. | Elle esteve. | Eu houve. | Tu houveste. | Elle houve. | Eu tive. | Tu tiveste. | Elle teve.*

P. / *Nós fomos. | Vós fostes. | Elles forão. | Nós estivemos. | Vós estivestes. | Elles estiverão. | Nós houvémos. | Vós houvestes. | Elles houverão. | Nós tivemos. | Vós tivestes. | Elles tiverão.*

*Preterito Perfeito Relativo.*

S. / *Eu fora ; tinha ou tivera sido. | Tu foras ; tinhas ou tiveras sido. | Elle fora ; tinha ou tivera sido. | Eu estivera ; tinha ou tivera estado. | Tu estiveras ; tinhas ou tiveras estado. | Elle estivera ; tinha ou tivera estado. | Eu houvera ; tinha ou tivera havido. | Tu houveras ; tinhas ou tiveras havido. | Elle houvera ; tinha ou tivera havido. | Eu tivera ; ou tinha tido. | Tu tiveras ; ou tinhas tido. | Elle tivera ; ou tinha tido.*

omittimos esta fórma de expressão, por ser muito usual em nossos clássicos, e porque é digna de o ser entre nós.

<sup>50</sup> *Seja elle, Sejão elles, Esteja elle, Estejão elles, Ame elle, Amem elles,* e assim nos outros Verbos, são Linguagens do Subjunctivo, e por isso dependentes de outra do Indicativo, como : *Mando, Ordeno* que *va, que seja* &c. ; porque o Imperativo só convem ás segundas pessoas. Comtudo nestas expressões *Leia V. Mce, Leião V. Mces,* as terceiras pessoas são imperativas ; porque estes e outros tractamentos, em lugar de Tu e Vós, são idiotismos da nossa Lingua.

*P. / Nós fôramos ; tinhamos ou tiveramos sido. | Vós foreis ; tinheis ou tivereis sido. | Elles forão ; tinhão ou tiverão sido. | Nós estiveramos ; tinhamos ou tiveramos estado. | Vós estivereis ; tinheis ou tivereis estado. | Elle estiverão ; tinhão ou tiverão estado. | Nós houveramos ; tinhamos ou tiveramos havido. | Vós houvereis ; tenheis ou tivereis havido. | Elles houverão ; tinhão ou tiverão havido. | Nós tiveramos ; ou tinhamos tido. | Vós tivereis ; ou tinheis tido. | Elles tiverão ; ou tinhão tido.*

*Ou S. / Eu havia ou houvera sido. | Tu havias ou houveras sido. &c. | Eu havia ou houvera estado. | Tu havias ou houveras estado. &c. | Eu havia ou houvera tido. | Tu havias ou houveras tido &c.*

**Pag. 68**

### *Preterito Imperfeito Condicional.* <sup>51</sup>.

*S. / Eu seria. | Tu serias. | Elle seria. | Eu estaria. | Tu estarias. | Elle estaria. | Eu haveria. | Tu haverias. | Elle haveria. | Eu teria. | Tu terias. | Elle teria.*

*P. / Nós seriámos. | Vós serieis. | Elle serião. | Nós estaríamos. | Vós estarieis. | Elle estarião. | Nós haveríamos. | Vós haverieis. | Elles haverião. | Nós teríamos. | Vós terieis. | Elles terião.*

### *Preterito Imperfeito Condicional Porfazer.*

*S. / Eu haveria ou teria de ser. | Tu haverias ou terias de ser. &c. | Eu haveria ou teria de estar. | Tu haverias ou terias de estar. &c. | Eu haveria ou teria de haver. | Tu haverias ou terias de haver. &c. | Eu haveria ou teria de ter. | Tu haverias ou terias de ter. &c.*

### *Preterito Perfeito Condicional.*

*S. / Eu teria ou tivera sido ; ou fôra. | Tu terias ou tiveras sido ; ou fôras. &c. | Eu teria ou tivera estado ; ou estivera. | Tu terias ou tiveras estado ; ou estiveras. &c. | Eu teria ou tivera havido ; ou houvera. | Tu terias ou tiveras havido ; ou houveras. &c. | Eu teria ou tivera tido ; ou tivera. | Tu terias ou tiveras tido ; ou tiveras. &c.*

*Ou S. / Eu haveria ou houvera sido. | Tu haverias ou houveras sido. &c. | Eu haveria ou houvera estado. | Tu haverias ou houveras estado. &c. | Eu haveria ou houvera tido. | Tu haverias ou houveras tido. &c.*

**Pag. 69**

### *Futuro Imperfeito.*

*S. / Eu serei. | Tu serás. | Elle será. | Eu estarei. | Tu estarás. | Elle estará. | Eu haverei. | Tu haverás. | Elle haverá. | Eu terei. | Tu terás. | Elle terá.*

*P. / Nós seremos. | Vós sereis. | Elles serão. | Nós estaremos. | Vós estareis. | Elles estarão. | Nós haveremos. | Vós havereis. | Elles haverão. | Nós teremos. | Vós tereis. | Elles terão.*

### *Futuro Imperfeito Porfazer.*

---

<sup>51</sup> Pareceo-nos muito mais claro e melhor pôr as Linguagens Condicionaes á parte, e porisso não as misturamos com as outras.

*S. / Eu haverei ou terei de ser. | Tu haverás ou terás de ser. &c. | Eu haverei ou terei de estar. | Tu haverás ou terás de estar. &c. | Eu terei de haver. | Tu terás de haver. &c. | Eu haverei ou terei de ter. | Tu haverás ou terás de ter &c.*

### *Futuro Perfeito.*

*S. / Eu haverei ou terei sido. | Tu haverás ou terás sido. &c. | Eu haverei ou terei estado. | Tu haverás ou terás estado. &c. | Eu terei havido. | Tu terás havido. &c. | Eu haverei ou terei tido. | Tu haverás ou terás tido. &c.*

## **Modo subjunctivo.**

### *Tempo Presente Imperfeito.*

*S. / Eu seja. | Tu sejas. | Elle seja. | Eu esteja. | Tu estejas. | Elle esteja. | Eu haja. | Tu hajas. | Elle haja. | Eu tenha. | Tu tenhas. | Elle tenha.*

*P. / Nós sejámos. | Vos sejaes. | Elles sejam. | Nós estejámos. | Vos estejaes. | Elles estejam. | Nós hajámos. | Vós hajaes. | Elles hajão. | Nós tenhamos. | Vós tenhaes. | Elles tenham.*

**Pag. 70**

### *Presente Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu haja ou tenha de ser. | Tu hajas ou tenhas de ser. &c. | Eu haja ou tenha de estar. | Tu hajas ou tenhas de estar. &c. | Eu tenha de haver. | Tu tenhas de haver. &c. | Eu haja ou tenha de ter. | Tu hajas ou tenhas de ter. &c.*

### *Presente Perfeito.*

*S. / Eu haja ou tenha sido. | Tu hajas ou tenhas sido. &c. | Eu haja ou tenha estado. | Tu hajas ou tenhas estado. &c. | Eu tenha havido. | Tu tenhas havido. &c. | Eu haja ou tenha tido. | Tu hajas ou tenhas tido. &c.*

### *Preterito Imperfeito.*

*S. / Eu fosse. | Tu fosses. | Elle fosse. | Eu estivesse. | Tu estivesses. | Elle estivesse. | Eu houvesse. | Tu houvesse. | Elle houvesse. | Eu tivesse. | Tu tivesses. | Elle tivesse.*

*P. / Nós fossemos. | Vós fosseis. | Elles fossem. | Nós estivessemos. | Vós estivesseis. | Elles estivessem. | Nós houvessemos. | Vós houvesseis. | Elles houvessem. | Nós tivéssemos. | Vós tivésseis. | Elles tivessem.*

### *Preterito Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu houvesse ou tivesse de ser. | Tu houvesse ou tivesses de ser. &c. | Eu houvesse ou tivesse de estar. | Tu houvesse ou tivesses de estar. &c. | Eu tivesse de haver. | Tu tivesses de haver. &c. | Eu houvesse ou tivesse de ter. | Tu houvesse ou tivesses de ter. &c.*

**Pag. 71**

### *Preterito Perfeito.*

*S. / Eu houvesse ou tivesse sido. | Tu houvesse ou tivesse sido, &c. | Eu houvesse ou tivesse estado. | Tu houvesse ou tivesse estado, &c. | Eu tivesse havido. | Tu tivesse havido, &c. | Eu houvesse ou tivesse tido. | Tu houvesse ou tivesse tido, &c.*

### *Futuro Imperfeito.*

*S. / Eu for. | Tu fores. | Elle for. | Eu estiver. | Tu estiveres. | Elle estiver. | Eu houver. | Tu houveres. | Elle houver. | Eu tiver. | Tu tiveres. | Elle tiver.*

*P. / Nós formos. | Vós fordes. | Elles forem. | Nós estivermos. | Vós estiverdes. | Elles estiverem. | Nós houvermos. | Vós houverdes. | Elles houverem. | Nós tivermos. | Vós tiverdes. | Elles tiverem.*

### *Futuro Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu houver ou tiver de ser. | Tu houveres ou tiveres de ser. &c. | Eu houver ou tiver de estar. | Tu houveres ou tiveres de estar. &c. | Eu tiver de haver. | Tu tiveres de haver. &c. | Eu houver ou tiver de ter. | Tu houveres ou tiveres de ter. &c.*

### *Futuro Perfeito.*

*S. / Eu houver ou tiver sido. | Tu houveres ou tiveres sido. &c. | Eu houver ou tiver estado. | Tu houveres ou tiveres estado. &c. | Eu tiver havido. | Tu tiveres havido. &c. | Eu houver ou tiver tido. | Tu houveres ou tiveres tido. &c.*

## § XIV. Do verbo adjectivo.

Verbo Adjectivo é a concentração do attributo e do Verbo em uma só palavra, como : *Eu amo*, em lugar de *Eu tenho amor*, ou *Eu sou amante*.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> Dizem os Grammaticos modernos que Verbo Adjectivo é a redução e concentração, ou expressão abreviada do sujeito, do verbo substantivo, e do attributo verbal em uma só palavra, como : *Amo*, em lugar de *Eu sou amante* ; *Durmo*, em lugar de *Eu sou dormite* etc. Parece-nos que nisto ha falta de de reflexão, e que nem o sujeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal estão concentrados no Verbo Adjectivo. Em quanto ao sujeito, elle não está concentrado no Verbo Adjectivo, nem as desinencias (terminações) dos verbos são os demonstrativos pessoais primitivos pospostos e tornados inseparáveis ; porque o Verbo Adjectivo consta de duas partes, a primeira é o attributo, e por tanto não é o sujeito ; a segunda é o verbo que vai sempre tomando varias formas para exprimir não só a relação de conveniencia, mas tambem os differentes modos, tempos, numeros, e caracteres das pessoas. Em *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*, por exemplo, a primeira parte, dizem todos, é o attributo ; logo não é o sujeito ; a segunda *ar*, *er*, *ir*, é o verbo ; e portanto não é o sujeito. Em *Am-o*, como a terminação *o* pode ser o verbo, e ao mesmo tempo o demonstrativo *eu* ? Em *Am-a*, *a*, que é um som simples, breve, e representado com uma só letra, como pode ser o verbo, e tambem ao mesmo tempo o demonstrativo *elle*, *ella* ! Ou é uma cousa, ou outra. O que nós vemos e ouvimos é o verbo, e nada mais. Concluamos portanto que o Verbo Adjectivo não tem incluidos em si os sujeitos, mas tem variações que mostram o caracter delles. Um Grammatico moderno, diz que *am-o*, *dev-o*, *applaud-o*, equivale a *amor*, *dever*, *applauso*, *eu*, com verbo *tenho* occulto ; de sorte que nesta opinião, *amo*, *devo*, *appaudo*, são verbos, pois não se pode negar o que são ; e não o são, porque ai só está a parte radical ou attributo, e o sujeito, pois o verbo fica occulto. Ora isto não tem cabimento algum.

Respeito ao attributo verbal, repugna que elle esteja concentrado no verbo Adjectivo : 1.º porque em *Amar* a idea que todos tem na mente é *amar*, e essa mesma é a que deve estar no verbo. 2.º porque para o verbo *Amar* ser composto de *Ser* e *Amante*, seria necessario que *Amante* existisse antes do verbo *Amar*, o que é impossível ; pois ao verbo *Amar* é que *Amante* deve sua existencia. Portanto o attributo concentrado no verbo adjectivo não pode ser um nome verbal ; e por consequencia é absurdo dizer que em *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*, *Am* é *Amante*, *Tem* *Temente*, *Ouv* *Ouvinte*. E' muito mais natural, é conforme ás idéas que ha no pensamento, e até escriptas no verbo, o dizer-se que os attributos, incluidos nos verbos antecedentes, são *Amor*, *Temor*, *Ouvindo*, e assim nos mais.

Do que fica dito sobre o o attributo verbal, se deduz que o verbo substantivo não está concentrado no Verbo Adjectivo, porque este para ser substituido pelo verbo *Ser*, necessita de ter incluido em si um attributo verbal. Para se poder dizer que *Amo* é expressão abreviada de *Eu sou amante*, era necessario que *Amante* ou outro nome verbal estivesse concentrado no verbo *Amo* ; pois a estar outro attributo, o verbo *Ser* não pode lá estar : porque se não pode dizer *Eu sou amor*. Isto bastaria, porem demonstremos com toda a evidencia esta verdade. Ninguem duvida de que do nome *Olho* se fez o verbo *Olhar*, de *Prego* *Pregar*, de *Mão* *Manear*, e de que por consequencia os attributos incluidos nestes verbos, são *Olho*, *Prego*, *Mão* ; logo estes mesmos são os que devem apparecer na decomposição destes verbos, e tambem o verbo *Ser*, se é que elle está lá concentrado. Vejamos : *Eu sou olho*, *Eu sou prego*, *Eu sou mão*. Ora bem se vê que isto é falso e ridiculo,



Todo o *Verbo Adjectivo* pode ser dividido em duas partes, de maneira que as terminações, *ar, êr, ir*, fação uma parte, e as syllabas que as precedem

outra, como : *Am-ar, Tem-er, Ouv-ir*. A primeira parte é a *Radical*, e exprime o attributo ; porisso esta parte *Radical* é sempre a mesma e invariável em todos os modos, tempos, e pessoas dos Verbos regulares. A segunda porem é o Verbo que na conjugação vai tomando formas differentes.

Daqui se vê que os Verbos Adjectivos e suas Linguagens se podem dividir, pondo em separado as partes que nelles estão unidas, isto é, o verbo e o attributo, deste modo : *Eu amo*, isto é. *Eu tenho amor*, ou *Eu sou amante* ; *Eu tenho amado*, isto é, *Eu tenho tido amor*, ou *Eu tenho sido amante*. *Eu Hei de*

---

assim como tambem o é dizer : *Eu sou olhante* ou *olhador*, *Eu sou pregante* ou *pregador*, *Eu sou maneante* ou *maneador* ; pois não foi destes attributos que se fizerão aquelles verbos, e alem disto elles são nomes verbaes, e porisso não podião existir antes dos seus verbos. Isto mesmo prova que todos os verbos não são outra cousa mais do que nomes mais ou menos alterados, a que se ajuntarão vozes significativas da relação de conveniencia desse mesmo attributo em um sujeito, as quaes vozes na nossa Lingua são : *ar, êr, ir*.- Muitas vezes não podemos pôr em separado esse attributo, porque os Verbos em que elles estão, nos vierão de outras linguas, que já os receberão de outras, e porisso muitos desses nomes se achão muito demudados de seu estado primitivo ; pelo que nos contentamos com dizer o que o verbo significa, quando o attributo nelle incluído não é um nome adoptado na nossa Lingua.

Parece-nos que fica provado que no verbo adjectivo nem está concentrado o sujeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal. Qual é pois o verbo que está unido ao attributo ? Basta acreditar o testemunho dos sentidos e da razão, para conhecer que na 1.<sup>a</sup> conjugação é *ar*, na 2.<sup>a</sup> *êr*, e na 3.<sup>a</sup> *ir* ; verbos tão simples como a relação de conveniencia que elles exprimem ; verbos que nunca andão sós, mas sempre unidos a seus attributos, porque sós nada significão, pela mesma razão, por que a relação que elles significão, per si só é inteiramente nada, como já mostramos. Estes verbos vão crescendo em sons, á medida que se vão encarregando de exprimir as idéas accessorias de tempos, numeros, e o character dos sujeitos.

Estes verbos exprimem a mesma cousa, isto é, a relação de conveniencia ; mas disto não se segue que sejam um só verbo ; assim como por tres pessoas se empregarem cada qual em fazer uma cousa igual, se não segue que ellas não sejam trez individuos distinctos. Se os Grammaticos tivessem feito esta distincção ; se tivessem attendido á differença que ha entre os individuos, e seu emprego ; se não tivessem confundido o material do vocabulo *Ser* com o que elle significa ; não terião caído no erro de dizer que *Ser* é o unico verbo, e que se acha concentrado nos outros, contrahido e transformado. Virão elles que *Ser* enuncia a relação de conveniencia, e que os outros verbos a enuncião tambem, e assentárão logo em que o verbo *Ser* estava concentrado em todos os outros verbos ; como se fosse impossivel haverem outras palavras que exprimissem a mesma relação, ou se o verbo *Ser* tivesse obtido algum privilegio, para elle só a enunciar. O verbo *Ser* tem seu uso no discurso, do mesmo modo que os outros o tem.

*amar. isto é, Eu hei de ter amor, ou Eu hei de ser amante.* <sup>53</sup>

A parte *Radical* do Verbo Adjectivo, isto é, o attributo nelle incluido, pôde ter uma significação, ou *absoluta*, ou *relativa*, e porisso ou demandar complementos, ou não os demandar. Daqui nasce a divisão do Verbo Adjectivo em *Intransitivo*, e *Transitivo*.

Verbo Intransitivo é o que não só exprime a relação de conveniencia, mas tambem tem incluido em si um attributo, que significa um estado ou acção absoluta e inseparavel do sujeito, e porisso não pede complemento algum; como: *Padecer, Chorar, Gemer, Suspirar*.

Verbo Transitivo é o que alem de exprimir a relação de conveniencia tem incluido em si um attributo, que significa um estado ou acção incompleta e suspensa, e porisso pede um ou mais complementos; como: *Servir a Deus, Dar esmolas aos pobres*.

**Pag. 76**

O Verbo Transitivo divide-se em Relativo, Activo, Activo e ao mesmo tempo Relativo, Passivo, Medio, e Reflexo. Verbo Relativo é o que pede uma proposição

---

<sup>53</sup> Isto são traducções ou substituições de umas palavras por outras, pois que nem o verbo *Ter* ou *Haver*, nem *Ser*, nem o attributo verbal estão concentrados no Verbo Adjectivo, como já mostramos acima, onde tambem demos a razão, por que muitas vezes não podemos pôr em separado o attributo que se acha unido.

Quando reflexionamos sobre o sentido dos verbos *Ser, Estar, Haver, Ter, &c.* e mostramos que sua significação essencial é semelhante, dicemos que se o primeiro não tinha em si attributo, tambem os outros o não tinham; mas não asseveramos que o não tinham; pois estamos bem certo em que todos elles tem sua parte radical, e em que esta alguma cousa significa. Em quanto ao verbo *Ser*, seu radical significa existencia, e bem se vê que ella se deve considerar uma mesma cousa com a idéa do verbo, o qual tambem lhe dá um sentido concreto. Esta significação de existencia dá-se bem a conhecer, tomando-o abstractamente, como: *Ser é melhor que não ser*, equivale a *A existencia é melhor que a não existencia*. Da unidade de sentido da parte radical e do verbo proced-bo dizer-se que elle não *tem* incluido em si attributo algum, e porisso mesmo sempre o pede na proposição, porque seu emprego é unil-o com o sujeito. Se alguém dicer *Eu sou*, todos lhe perguntarão: *o que?* Será obrigado a responder com um attributo, v. g. *Eu sou estudante*. Nós não podemos dizer como os Latinos: *Cogito, ergo sum*; mas dizemos: *Cogito, logo existo*.

Porque o verbo Latino *Edo* tem algumas variações iguaes ás de *Sum*, não se segue que *Sum es fui* signifique *comer*; assim como por o verbo *Amassar* ter algumas formas iguaes ás do verbo *Amar*, não se segue que *Amar* signifique *amassar*. *Esse comer*, não é *Esse ser* ou *estar*; são dois verbos distinctos.

O radical de *Haver* significa *posse* ou outra cousa que tenha analogia com esta idéa, e porisso pede um objecto, complemento de seu radical ou attributo. *Haver ou ter saude* equivale a *Estar de posse de saude*. Mesmo no impessoal este verbo não perde sua natureza, porque significa *existir*, que é o mesmo que *ter existencia*, ou *estar de posse da existencia*. Os verbos *Ser* e *Estar* demandão um attributo, porque são verbos de nexo. *Existir* não pede cousa alguma, porque já em si tem o attributo vago *existencia*. *Haver* e *Ter* pedem os complementos de seus radicaes. Sirva isto de esclarecer e completar o que fica dito á pag. 53, not. 46, onde consideramos o attributo ou radical do verbo *Existir* como sendo a mesma idea do verbo, na significação de *Ser* ou *Estar*, em que tambem se usa, como: *elle existe rico; e estimado de todos*.

com seu consequente, para lhe servir de termo da relação que elle significa ; como : *Venho de casa.*

Verbo Activo é o que, em razão do attributo nelle incluído, significa uma acção que deve ser exercitada pelo sujeito do mesmo Verbo, e empregada em um objecto, o qual póde ser o mesmo sujeito ; como : *Eu amo a Deus, Pedro ama-se.* Verbo Activo e ao mesmo tempo Relativo é o que, em razão do attributo nelle incluído, pede não só um objecto em que se empregue a acção que elle significa, mas tambem um termo de sua relação ; como : *Dei um livro a Pedro.* Verbo Passivo é o que, em razão,

**Pag. 77**

do attributo, significa uma acção que deve ser exercitada por um agente, e empregada no sujeito do mesmo Verbo ; como : *Deus é amado por mim.* <sup>54</sup>

Verbo Médio e Reflexo é o mesmo Verbo Activo, quando o sujeito produz uma acção, e a emprega em si ; como : *Pedro ferio-se.* <sup>55</sup>

Chamão-se *Defectivos* aquelles verbos, a que falta algum tempo, numero, ou pessoa, como : *Prazer, Munir.* Impessoaes são os que se uzão só nas terceiras pessoas ; como : *Chove, Peza-me* <sup>56</sup>

**Pag. 78**

---

<sup>54</sup> A Lingua Portugueza não tem Verbos Passivos, tem sim uma *Voz Passiva*, em que se mostra que o sujeito não é agente, como na *Voz Activa*, mas sim paciente ou recipiente da acção. Por consequencia tambem a Lingua Portugueza não tem Verbos Neutros, porque os não tem Passivos. Pelo que a divisão do Verbo *Transitivo*, acima dita, ainda que seja a mais geralmente adoptada, nem por isso é a mais exacta : pois que seria melhor dizer, que o Verbo *Transitivo* tem tres vozes, *Activa, Passiva, e Media* ou *Reflexa*.

<sup>55</sup> As terceiras pessoas destes verbos tomão um sentido passivo, quando os agentes são cousas que não tem acção sobre si, como : *As cousas estimão-se pelo que valem* ; é o mesmo que dizer : *As cousas são estimadas* etc. Pelo que é preciso não apassar os verbos deste modo, quando os agentes podem ter acção sobre si ; porque o sentido ficaria equivoco, como : *Matárão-se* quatro homens.

<sup>56</sup> Estes são os verbos propriamente Impessoaes, porem os que o não são tem muitas vezes este nesmo uso, como : *Ao cidadão cumpre ser util á sua patria, a esta convem premial-o.* Alguns Grammaticos chamão Pronominaes e Reciprococos aos Verbos conjugados na sua voz Media. Outros porem dizem que Pronominaes são os Verbos que ou se não conjugão sem demonstrativos pessoaes primitivos, a que elles chamão pronomes, como : *Abster-se, Compadecer-se* ou que se usão já com os mesmos demonstrativos, já sem elles, ficando sempre com o mesmo sentido, como : *Partir e Partir-se, Sair, e Sair-se.* Chamão Reciprococos os que com os mesmos demonstrativos significão uma mesma acção reciproca entre dois ou mais sujeitos, como : *Escrevo-me com Antonio ; Antonio e João se abraçárão mutuamente, ou um ao outro.*

Verbos Freqüentativos são os que significão repetição da mesma acção, como : *Choviscar, Espicaçar, Espesinhar,* e alguns outros, os mais fazem-se com o verbo *Andar*, conjugando com os participios imperfeitos dos outros verbos, como : *Ando, padecendo, escrevendo,* etc.

Verbos Continuativos são os que significão a continuação da mesma acção ; fazem-se com o verbo *Estar* conjugado com os participios imperfeitos dos outros verbos, como : *Estou padecendo* etc. Os incoativos significão o principio de algum estado ou acção, e se fazem conjugando o verbo *Ir* com os participios imperfeitos dos outros verbos, como : *Vou convalescendo,* etc. (vid. not 17 pag. 55.)

## § XV. Conjugação do verbo adjectivo na sua voz activa.

Já fica dito o que é Conjugação Regular, e Conjugação Irregular. Accrescendo agora que os Verbos Regulares sempre conservão a parte radical sem alteração, e os Irregulares não.

A lingua Portugueza tem só trez Conjugações Regulares, a saber : a primeira dos Verbos acabados em *ar*, como : *Amar* : a segunda dos Verbos em *êr*, como : *Mover* : a terceira dos Verbos em *ir*, como : *Unir*.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> As terminações *ar*, *êr*, *ir* dos nossos verbos derivão de *are*, *ere*, *ire*, em que terminão os verbos Latinos, como se vê em *Laud-are*, *Deb-ere*, *Reg-ere*, *Vest-ire*, de que a nossa Lingua, tirando-lhe o *e* final, fez *Louv-ar*, *Dev-er*, *Reg-er*, *Vest-ir*. Ha quem dê por incontestavel, e até como sua descoberta, que todas as terminações e variações Latinas derivão de *Habere*, e as nossas de *Haver*. Nesta opinião se concede ao verbo *Haver* o mesmo que outros dão ao verbo *Ser*. Esta doutrina é destituida de fundamento, porque não ha impossibilidade, nem dificuldade alguma em ajuntar aos radicais de todos os nossos verbos em *er*, e dos Latinos em *ere*, a mesma terminação que se une ao radical *Hav* de *Haver*, e *Hab* do Latino *Habere*, e em as *ir* conjugando, assim como se conjugão em *Habere* e *Haver*. Seja essa terminação de origem Egipcia, ou Coptica, não ha motivo para ser concendida exclusivamente aquelles dois verbos. Quanto ao radical de *Hav-er*, os radicaes dos outros verbos nem necessitão delle, nem o tem ; o de que elles necessitão, e o que tem, é a voz ou terminação, que se accrescenta a cada um, significativa da relação de conveniencia de seu radicar ou attributo. com um suieito. No verbo *Olhar*, feito de *Olho*, que se altera em *Olh*, e da terminação *ar* quem será capaz de descobrir o radical *Hav* de *Haver*, ou ainda a terminação *er* ? A terminação Latina *ere* não é *are*, nem *ire* nem *êr* é *ar*, nem *ir*, apesar de significarem o mesmo, pois o devem significar, porque são verbos, e todo o verbo enuncia a mesma idéa. Se todos nós vemos e ouvimos a terminação *ar* e seu desenvolvimento nos verbos da primeira conjugação, e *ir* nos da terceira, por que havemos de negar a existencia do que temos diante dos olhos, e afirmar a do que tem contra si a razão e os sentidos, valendo-nos para isso de contracções e transformações escusadas ? E' certo que alguns verbos se podem resolver ou traduzir pelo verbo *Ter* ou *Haver*, mas são alguns somente, v. g. : *Eu amo a Deus*, *Eu louvo a Deus* : nestes dois juizos, as idéas que ha no pensamento são *amor de Deus*, *Louvor de Deus*, e relação de conveniencia com o sujeito *eu* ; mas no entanto estas duas proposições se traduzem de moda differente, deste modo : *Eu tenho amor a Deus*, dou *louvor a Deus*. Esta differença está na expressão, para o que influe o uso adoptado, e a significação dos attributos, e não a essencia do juizo que sempre é a mesma. O poder-se substituir uma proposição por outra, prova só que um mesmo pensamento pode ser enunciado por differentes formas de expressão. Pelo que ainda que todos os verbos podessem ser substituidos por *Haver* (o que é falso), isso provaria só que elles podem ser substituidos, e nunca serviria de provar que faz parte de todos os verbos. Dizer que as variações de todos elles são as de *Haver*, ou que derivão delle, por algumas terminações dos outros verbos terem similhaça com as deste, ou com sua significação, isso é frivolo demais. A razão das variações de todos os verbos é o systema de conjugação adoptado por cada Lingua, que de ordinária imita a de que se derivou. As vozes *ar*, *er*, *ir*, conjugadas e desenvolvidas, constituem as variações de todos os nossos verbos. As Linguagens Portuguezas tem só dois *Formativos*, que são o Infinito Impessoal, e o Presente Imperfeito do Indicativo. Do 1.º se formão os participios, mudando as terminações *ar*, *er*, *ir*, em *ando*, *endo*, *indo*, nos participios imperfeitos, como : *Am-ando*,

## EXEMPLOS. DAS TRES CONJUGAÇÕES REGULARES.

## Modo infinito impessoal.

*Imperfeito.*

1.<sup>a</sup> Conjugação. | 2.<sup>a</sup> | 3.<sup>a</sup> | *Am-ar.* | *Mov-er.* | *Un-ir.*

*Imperfeito Porfazer.*

*Haver ou ter de am-ar.* | *Haver ou ter de mov-er.* | *Haver ou ter de un-ir.*

*Perfeito.*

*Haver ou ter am-ado.* | *Haver ou ter mov-ido.* | *Haver ou ter un-ido.*

## Infinito pessoal

*Imperfeito.*

*S. / Am-ar eu.* | *Am-ares tu.* | *Am-ar elle.* | *Mov-er eu.* | *Mov-eres tu.* | *Mov-er elle.* | *Un-ir eu.* | *Un-ires tu.* | *Un-ir elle.*

*P. / Am-amos nós.* | *Am-ardes vós.* | *Am-arem elles.* | *Mov-ermos nós.* | *Mov-erdes vós.* | *Mov-erem elles.* | *Un-irmos nós.* | *Un-irdes vós.* | *Un-irem elles.*

*Pessoal imperfeito Porfazer.*

*S. / Haver ou ter eu de am-ar.* | *Haveres ou teres tu de am-ar. &c.* | *Haver ou ter eu de mov-er.* | *Haveres ou teres tu de mov-er. &c.* | *Haver ou ter eu de un-ir.* | *Haveres ou teres tu de un-ir. &c.*

---

*Mov-endo, Un-indo* ; e em *ado, ido* nos Perfeitos, como : *Am-ado, Mov-ido, Un-ido* ; e accressentando a terminação as syllabas *a, ia, ei, e ss* (mudando o *r* final em *s*) se formão os Preteritos Perfeitos *Am-ara, Mov-êra, Un-ira* ; os Futuros Imperfeitos *Am-arei, Mov-erei, Un-irei* ; os Preteritos Imperfeitos do Subjunctivo *Am-asse, Mov-esse, Unis-se*, e os Futuros Imperfeitos do mesmo modo por inteiro, como : *Amar, Mo-ver, Un-ir*. Do 2.<sup>o</sup> se formão os Imperativos, só com lhe tirar o *s* final das segundas pessoas, como : *Amas, Ama tu ; Amais, Amai Vós, &c.* ; os Preteritos Imperfeitos do mesmo Indicativo, mudando o *o* final em *ava, ia*. como : *Am-ava, Mo-via, Un-ia* ; os Preteritos Perfeitos, mudando o mesmo *o* em *ei, i*, como : *Am-ei, Mov-i, Un-i*, e finalmente os Presentes Imperfeitos do Subjunctivo, mudando na 1.<sup>a</sup> Conjugação o *o* em *e*, e na 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> em *a*, como : *Am-e, Mov-a, Un-a*. Tambem se pode dizer, que o Infinitivo Impessoal é o formativo de todas as Linguagens :

### *Perfeito.*

*S. / Haver ou ter eu am-ado. | Haveres ou teres tu am-ado. &c. | Haver ou ter eu mov-ido. | Haveres ou teres tu mov-ido. &c. | Haver ou ter eu un-ido. | Haveres ou teres tu un-ido. &c.*

### *Participio Imperfeito.*

*Am-ando. | Mov-endo. | Un-indo.*

### *Participio Imperfeito Porfazer.*

*Havendo ou tendo de am-ar. | Havendo ou tendo de mov-er. | Havendo ou tendo de un-ir.*

### *Participio Perfeito.*

*Havendo ou tendo am-ado. | Havendo ou tendo mov-ido. | Havendo ou tendo un-ido.*

### *Participio Passivo.*

*Am-ado. | Mov-ido. | Un-ido.*

## Modo indicativo

### *Tempo Presente Imperfeito.*

*S. / Eu am-o. | Tu am-as. | Elle am-a. | Eu mov-o. | Tu mov-es. | Elle mov-e. | Eu un-o. | Tu un-es. | Elle un-e.*

**Pag. 82**

*P. / Nós am-amos. | Vós am-ais. | Elles am-ão. | Nós mov-emos. | Vós mov-eis. | Elles mov-em. | Nós un-imos. | Vós un-is. | Elles un-em.*

### *Presente imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu hei ou tenho de am-ar. | Tu has ou tens de am-ar. &c. | Eu hei ou tenho de mov-er. | Tu has ou tens de mov-er. &c. | Eu hei ou tenho de un-ir. | Tu has ou tens de un-ir. &c.*

### *Presente Perfeito.*

*S. / Eu hei ou tenho am-ado. | Tu has ou tens am-ado. &c. | Eu hei ou tenho mov-ido. | Tu has ou tens mov-ido. &c. | Eu hei ou tenho un-ido. | Tu has ou tens un-ido. &c.*

### *Presente Imperfeito Imperativo.*

*S. / Am-a tu. | Mov-e tu. | Un-e tu.*

*P. / Am-ai vós. | Mov-ei vós. | Un-i vós*

### *Preterito Imperfeito.*

*S. / Eu am-ava. | Tu am-avas. | Elle am-ava. | Eu mov-ia. | Tu mov-ias. | Elle mov-ia. | Eu un-ia. | Tu un-ias. | Elle un-ia.*

*P. / Nós am-ávamos. | Vós am-aveis. | Elles am-avão. | Nós mov-íamos. | Vós mov-íeis. | Elles mov-ião. | Nós un-íamos. | Vós un-íeis. | Elles un-ião.*

**Pag. 83**

### *Preterito Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu havia ou tinha de am-ar. | Tu havias ou tinhas de am-ar. &c. | Eu havia ou tinha de mov-er. | Tu havias ou tinhas de mov-er. &c. | Eu havia ou tinha de un-ir. | Tu havias ou tinhas de un-ir. &c.*

### *Preterito Perfeito Absoluto*

*S. / Eu am-ei. | Tu am-aste. | Elle am-ou. | Eu mov-i. | Tu mov-este. | Elle mov-eo. | Eu un-i. | Tu un-iste. | Elle un-io.*

*P. / Nós am-ámos. | Vós am-astes. | Elles am-árão. | Nós mov-emos. | Vós mov-estes. | Elles mov-erão. | Nós un-imos. | Vós un-istes. | Elles un-irão.*

### *Preterito Perfeito Porfazer.*

*S. / Eu houve ou tive de am-ar. | Tu houveste ou tiveste de am-ar. &. | Eu houve ou tive de mov-er. | Tu houveste ou tiveste de mov-er. & | Eu houve ou tive de un-ir. | Tu houveste ou tiveste de un-ir. &.*

### *Preterito Perfeito Relativo.*

*S. / Eu am-ára ; tinha ou tivera am-ado. | Tu am-áras ; tinhas ou tiveras am-ado. | Elle am-ára ; tinha ou tivera am-ado. | Eu mov-êra ; tinha ou tivera mov-ido. | Tu mov-êras ; tinhas ou tiveras mov-ido. | Elle mov-êra ; tinha ou tivera mov-ido. | Eu un-ira ; tinha ou tivera un-ido. | Tu un-iras ; tinhas ou tiveras un-ido | Elle un-ira ; tinha ou tivera un-ido.*

**Pag. 84**

*P. / Nós am-áramos ; tínhamos ou tiveramos am-ado. | Vós am-áreis ; tinheis ou tivereis am-ado. | Elles am-árão ; tinham ou tiverão am-ado. | Nós mov-êramos ; tínhamos ou tiveramos mov-ido. | Vós mov-êreis ; tinheis ou tivereis mov-ido. | Elles mov-êrão ; tinham ou tiverão mov-ido. | Nós un-iramos ; tínhamos ou tiveramos un-ido. | Vós un-íreis ; tinheis ou tivereis un-ido. | Elles un-irão ; tinham ou tiverão un-ido.*

*Ou / Eu havia ou houvera am-ado. | Tu havias ou houveras am-ado. &c. | Eu havia ou houvera mov-ido. | Tu havias ou houveras mov-ido. | Eu havia ou houvera un-ido. | Tu havias ou houveras un-ido. &c.*

### *Pretérito Imperfeito Condicional.*

*S. / En am-aria. | Tu am-a rias. | Elle am-aria. | Eu mov-eria. | Tu mov-erias. | Elle mov-eria. | Eu un-iria. | Tu un-irias. | Elle un-iria.*

*P. / Nós am-ariamos. | Vós am-arieis. | Elles am-arião. | Nós mov-eríamos. | Vós mov-erieis. | Elles mov-erião. | Nós un-iríamos. | Vós un-irieis. | Elles un-irião.*

### *Preterito Imperfeito Condicional Porfazer.*

*S. / Eu haveria ou teria de am-ar. | Tu haverias ou terias de am-ar. &. | Eu haveria ou teria de mov-er. | Tu haverias ou terias de mov-er. &. | Eu haveria ou teria de un-ir. | Tu haverias ou terias de un-ir. &.*

**Pag. 85**

### *Preterito Perfeito Condicional.*

*S. / Eu teria ou tivera am-ado ; ou am-ára. | Tu terias ou tiveras am-ado ; ou am-áras. | Elle teria ou tivera am-ado ; ou am-ára. &c. | Eu teria ou tivera mov-ido ; ou mov-êra. | Tu terias ou tiveras mov-ido ; ou mov-êras. | Elle teria ou tivera mov-ido ; ou mov-êra. &c. | Eu teria ou tivera un-ido ; ou un-ira. | Tu terias ou tiveras un-ido ; ou un-iras. | Elle teria ou tivera un-ido ; ou un-ira. &c.*

*Ou / Eu haveria ou houvera am-ado. | Tu haverias ou houveras am-ado. &c. | Eu haveria ou houvera mov-ido. | Tu haverias ou houveras mov-ido. &c. | Eu haveria ou houvera un-ido. | Tu haverias ou houveras un-ido. &c.*

### *Futuro Imperfeito.*

*S. / Eu am-arei. | Tu am-arás. | Elle am-ará. | Eu mov-erei. | Tu mov-erás. | Elle mov-erá. | Eu un-irei. | Tu un-irás. | Elle un-irá.*

*P. / Nós am-aremos. | Vós am-areis. | Elles am-arão. | Nós mov-eremos. | Vós mov-ereis. | Elles mov-erão. | Nós un-iremos. | Vós un-ireis. | Elles un-irão.*

### *Futuro Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu haverei ou terei de am-ar. | Tu haverás ou terás de am-ar. &c. | Eu haverei ou terei de mov-er. | Tu haverás ou terás de mov-er. &c. | Eu haverei ou terei de un-ir. | Tu haverás ou terás de un-ir. &c.*

**Pag. 86**

### *Futuro Perfeito.*

*S. / Eu haverei ou terei am-ado. | Tu haverás ou terás am-ado. | Elle haverá ou terá am-ado. &c. | Eu haverei ou terei mov-ido. | Tu haverás ou terás mov-ido. | Elle haverá ou terá mov-ido. &c. | Eu haverei ou terei un-ido. | Tu haverás ou terás un-ido. | Elle haverá ou terá un-ido &c.*

## **Modo subjunctivo.**

### *Tempo Presente Imperfeito.*

*S. / Eu am-e. | Tu am-es. | Elle am-e. | Eu mov-a. | Tu mov-as. | Elle mov-a. | Eu un-a. | Tu un-as. | Elle un-a.*



*P. / Nós am-emos. | Vós am-eis. | Elles am-em. | Nós mov-ámos. | Vós mov-ais. | Elles mov-ão. | Nós un-ámos. | Vós un-ais. | Elles un-ão.*

### *Presente Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu haja ou tenha de am-ar. | Tu hajas ou tenhas de am-ar. &c. | Eu haja ou tenha de mov-er. | Tu hajas ou tenhas de mov-er. &c. | Eu haja ou tenha de un-ir. | Ta hajas ou tenhas | de un-ir. &c.*

### *Presente Perfeito.*

*S. / Eu haja ou tenha am-ado. | Tu hajas ou tenhas am-ado. | Elle haja ou tenha am-ado. &c. | Eu haja ou tenha mov-ido. | Tu hajas ou tenhas mov-ido. | Elle haja ou tenha mov-ido. &c. | Eu haja ou tenha un-ido. | Tu hajas ou tenhas un-ido. | Elle haja ou tenha un-ido. &c.*

**Pag. 87**

### *Preterito Imperfeito.*

*S. / Eu am-asse. | Tu am-asses. | Elle am-asse. | Eu mov-esse. | Tu mov-esses. | Elle mov-esse. | Eu un-isse. | Tu un-isses. | Elle un-isse.*

*P. / Nós am-ássemos. | Vós am-ásseis. | Elles am-assem. | Nós mov-essemos. | Vós mov-esseis. | Elles mov-essem. | Nós un-issemos. | Vós tin-isseis. | Elles un-issem.*

### *Preterito Imperfeito Porfazer*

*S. / Eu houvesse ou tivesse de am- ar. | Tu houvesse ou tivesse de am-ar &. | Eu houvesse ou tivesse de mov-er. | Tu houvesse ou tivesse de mov-er &. | Eu houvesse ou tivesse de un-ir. | Tu houvesse ou tivesse de un-ir &.*

### *Preterito Perfeito.*

*S. / Eu houvesse ou tivesse am-ado. | Tu houvesse ou tivesse am-ado. &. | Eu houvesse ou tivesse mov-ido. | Tu houvesse ou tivesse mov-ido. &. | Eu houvesse ou tivesse un-ido. | Tu houvesse ou tivesse un-ido. &.*

### *Futuro Imperfeito.*

*S. / Eu am-ar. | Tu am-ares. | Elle am-ar. | Eu mov-er. | Tu mov-eres. | Elle mov-er. | Eu un-ir. | Tu un-ires. | Elle un-ir.*

*P. / Nós am-armos. | Vós am-ardes. | Elles am-arem. | Nós mov-ermos. | Vós mov-erdes. | Elles mov-erem. | Nós un-irmos. | Vós un-irdes, | Elles un-irem.*

**Pag. 88**

### *Futuro Imperfeito Porfazer.*

*S. / Eu houver ou tiver de am-ar. | Tu houveres ou tiveres de am-ar. &. | Eu houver ou tiver de mov-er. | Tu houveres ou tiveres de mov-er. &. | Eu houver ou tiver de un-ir. | Tu houveres ou tiveres de un-ir. &.*

## *Futuro Perfeito.*

*S. / Eu houver ou tiver am-ado. | Tu houveres ou tiveres am-ado. | Elle houver ou tiver am-ado. &. | Eu houver ou tiver mov-ido. | Tu houveres ou tiveres mov-ido. | Elle houver ou tiver mov-ido. &. | Eu houver ou tiver un-ido. | Tu houveres ou tiveres un-ido. | Elle houver ou tiver un-ido. &.*

## *§ XVI. Conjugação do verbo adjectivo na sua voz passiva, e media ou reflexa.*

Na Lingua Portugueza não ha *Verbos Passivos*, mas nós os suprimos com grande facilidade, ajunctando a qualquer Linguagem do Verbo Substantivo o *Participio Passivo* do Verbo Adjectivo, como : *Eu Sou Amado, Tenho Sido Amado, Hei de Ser Amado, &c.*

Quando os sujeitos dos verbos são cousas inanimadas e da terceira pessoa, tambem se forma de repente a Voz Passiva, ajunctando o reciproco *se* ás terceiras pessoas dos verbos, como : *Aqui premea-se a virtude* ; é o mesmo que dizer : *Aqui é premiada a virtude.*

Tambem a Lingua Portugueza não tem *Verbos Reflexos* em forma simples, mas suppre-os, conjugando

**Pag. 89**

os verbos com os Demonstrativos Pessoaes Primitivos, postos ou antes, ou depois, ou no meio delles, como : *Eu me amo. Tu te amas, Elle se ama, Nós nos amamos, Vós vos amais, Elles se amão.*

Na posição do Demonstrativo é preciso evitar qualquer equivoco, e cacophonia. Por isso no Imperativo, e frases Interrogativas, os Demonstrativos devem ir sempre depois, como : *Ama- te tu, Tu amas- te?* Nos tempos que tem o accento predominante na antepenultima syllaba, devem-se pôr antes, como : *Nós nos louvavamos.* Nos Futuros Imperfeitos, e nas Linguagens condicionaes, é elegante pôr o Demonstrativo no meio, como : *Amar-me-ei, Amar- te -ás, Amar- te -ia, &c.*

## *§ XVII. Dos verbos irregulares, e defectivos.*

*Verbos Irregulares* são os que se apartão das regras da conjugação Regular. Advirta-se que a differença de consoantes, e mesmo de escriptura, per si sós, *sem mudança de pronunciação*, as contracções, e mutilações de syllabas, não fazem irregularidade.

E tambem manifesto que os verbos intransitivos não podem ter Linguagens activas, nem passivas (excepto quando tomão uma significação emprestada) e porisso não tem Participios Passivos ; o que todavia não faz que elles sejam Defectivos, nem Irregulares.

**Pag. 90**

## Conjugação dos [verbos irregulares.]

1.<sup>a</sup> | 2.<sup>a</sup> Conjugação. | *Imps.* | *Dar.* | *Caber.* | *Dizer.* | *Fazer.* | *Ler.* | *Poder.* | *Infinito.* | *Part. Imperfeito.* | *Part. Perf.* | *Tendo Dito.* | *Tendo Feito.* | *Part. Pas.* | *Carece.* | *Dito.* | *Dita.* | *Feito.* | *Feita.* | *Carece.* | *Indicativo.* | *Pres. Imperf.* | *Dou.* | *Das.* | *Caibo.* | *Cabes.* | *Digo.* | *Dizes.* | *Diz.* | *Faço.* | *Fazes.* | *Faz.* | *Leio.* | *Les.* | *Lê.* | *Lemos.* | *Ledes.* | *Leem.* | *Posso.* | *Podes.* | *Pó de.* | *Podêmos.* | *Pres. Imperativo.* | *Pret. Imperf.* | *Pert. Perf. Absoluto.* | *Dei.* | *Deste.* | *Deo.* | *Démos.* | *Destes.* | *Derão.* | *Coube.* | *Coubeste.* | *Coube.* | *Coubemos.* | *Disse.* | *Disseste.* | *Disse.* | *Dissemos.* | *Fiz.* | *Fizeste.* | *Fez.* | *Fizemos.* | *Pude.* | *Podeste.* | *Pôde.* | *Podemos.* | *Pret. Perf. Relativo.* | *Dera.* | *Deras.* | *Coubera.* | *Couberas.* | *Dissera.* | *Disseras.* | *Fizera.* | *Fizeras.* | *Pret. Condicional.* | *Diria.* | *Dirias.* | *Faria.* | *Farias.* | *Fut. Imperfeito.* | *Direi.* | *Dirás.* | *Farei.* | *Farás.* | *Pres. Imperfeito.* | *Caiba.* | *Caibas.* | *Diga.* | *Digas.* | *Faça.* | *Faças.* | *Leia.* | *Leias.* | *Leia.* | *Leiamos.* | *Leais.* | *Leião.* | *Possa.* | *Possas.* | *Possa.* | *Possamos.* | *Pret. Imperfeito.* | *Desse.* | *Desses.* | *Coubesse.* | *Coubesses.* | *Dissesse.* | *Dissesses.* | *Fizesse.* | *Fizesse.* | *Futuro Imperfeito.* | *Der.* | *Deres.* | *Couber.* | *Couberes.* | *Disser.* | *Disseres.* | *Fizer.* | *Fizeres.* <sup>58 59 60 61</sup>

Pag. 91

## [Conjugação dos] verbos irregulares.

3.<sup>a</sup> Conjugação. | *Por.* | *Querer.* | *Trazer.* | *Valer.* | *Ver.* | *Ir.* | *Vir.* | *Pondo.* | *Tendo.* | *Posto.* | *Tendo.* | *Visto.* | *Tendo.* | *Vindo.* | *Posto.* | *Posta.* | *Carece.* | *Visto.* | *Vista.* | *Ponho.* | *Peso.* | *Poe.* | *Pomos.* | *Pondes.* | *Põe.* | *Quero.* | *Queres.* | *Quer.* | *Trago.* | *Trazes.* | *Traz.* | *Valho.* | *Vales.* | *Val.* | *ou Vale* | *Vejo.* | *Ves.* | *Vé.* | *Vemos.* | *Vedes.* | *Véem.* | *Vou.* | *Vais.* | *Vai.* | *Vamos,* | *ou Imos.* | *Ides.* | *Vão.* | *Venho.* | *Vens.* | *Vem.* | *Vimos.* | *Vindes.* | *Vem.* | *Põe tu.* | *Ponde vós.* | *Quer,* | *ou Quere tu.* | *Querei vós.* | *Vai tu.* | *Ide vós.* | *Vem tu.* | *Vinde vós.* | *Punha.* | *Punhas.* | *Vinha.* | *Vinhas.* | *Puz.* | *Puzeste.* | *Pôz.* | *Pozemos.* | *Quiz.* | *Quizeste.* | *Quiz.* | *Quizemos.* | *Trouxe.* | *Trouxeste.* | *Troxe.* | *Trouxemos.* | *Vi.* | *Viste.* | *Vio.* | *Vimos.* | *Vistes.* | *Virão.* | *Fui.* | *Foste.* | *Foi.* | *Fomos.* | *Fostes.* | *Forão.* | *Vim.* | *Vieste.* | *Veio.* | *Vimos.* | *Viestes.* | *Vierão.* | *Pozera.* | *Pozeras.* | *Quizera.* | *Quizeras.* | *Trouxera.* | *Trouxeras.* | *Vira.* | *Viras.* | *Fôra.* | *Foras.* | *Viera.* | *Vieras.* | *Poria.* | *Porias.* | *Traria.* | *Trarias.* | *Porei.* | *Porás.* | *Trarei.* | *Trarás.* | *Ponha.* | *Ponhas.* | *Ponha.* | *Ponhamos.* | *Queira.* | *Queiras.* | *Queira.* | *Queiramos.* | *Traga.* | *Tragas.* | *Valha.* | *Valhas.* | *Veja.* | *Vejas.* | *Va.* | *Vas.* | *Va.* | *Vamos.* | *Vades.* | *Vão.* | *Venha.* | *Venhas.* | *Venha.* | *Venhamos.* | *Pozesse.* | *Pozesses.* | *Quizesse.* | *Quizesse.* | *Trouxesse.* | *Trouxesses.* | *Visse.* | *Visses.* | *Fosse.* | *Fosses.* | *Viesse.* | *Viesses.* | *Pozer.* | *Pozeres.* | *Quizer.* | *Quizeres.* | *Trouxer.* | *Trouxeres.* | *Vir.* | *Vires.* | *For.* | *Fores.* | *Vier.* | *Vieres.* <sup>62</sup>

Pag. 92

## Contin. dos verb. irreg.

3.<sup>a</sup> Conjugação. | *Infin. Indic. Subj.* | *Impes.* | *Fugir.* | *Medir.* | *Rir.* | *Vestir.* | *Presente Imperf.* | *Fujo.* | *Foges.* | *Foge.* | *Fugimos.* | *Fugis.* | *Fogem.* | *Meço.* | *Medes.* | *Rio.* | *Ris.* | *Ri.* | *Rimos.*

<sup>58</sup> Nas casas vãs as Linguagens são regulares.

<sup>59</sup> Por este se conjuga *Saber*, que só difere na primeira pessoa do presente do Indicativo, que é *Sei*.

<sup>60</sup> *Diria*, *Direi*, *Faria*, *Farei*, *Poria*, *Porei*, *Traria*, *Trarei*, e seus participios activos e passivos, não são irregularidades, mas contracções de *Dizeria*, *Dizerei*. *Poeria*, *Poerei* (do antigo infinito *Poer*) &c ; O verbo *Jazer* só é irregular na terceira pessoa do presente do Indicativo, que é *Jaz* ; e o verbo *Perder* na primeira Pessoa, que é *Perco*.

<sup>61</sup> Por este se conjuga *Crer*.

<sup>62</sup> *Requerer* faz *Requeiro* na primeira pessoa.

*Rides. Riem. | Visto. Vestes. Veste. Vestimos. | Presente Imperat. | Ri tu. Ride vós. | Meça. Moças. | Ria. Rias. Ria. | Vista. Vistas. Vista.* <sup>63 64 65</sup>

Verbos Defectivos são aquelles, que falta ou algum tempo, ou alguma pessoa ; e tal é o Verbo *Prazer* com seus compostos *Aprazer, Desaprazer*, que só tem estas vozes da terceira pessoa ; *Praz, Prouve, Prouvera, Prazeria, Praza, Prouvesse, Prouver*, e seus compostos do mesmo modo. Outros

**Pag. 93**

Verbos ha Defectivos, que se aprenderão com o uso.

## § XVIII. Da preposição.

*Preposição* é uma parte invariavel da oração, que posta entre duas palavras, mostra que a segunda está completando a primeira, como : *Vou para casa de João*.

A *Preposição* rege, isto é, demanda depois de si uma palavra, e mostra só a relação de complemento, isto é, que ella com a palavra seguinte está completando a significação de outra palavra antecedente.

Ora esta palavra antecedente pôde necessitar de Complemento, ou porque tem uma significação vaga, e então é susceptível de restricção ; ou porque tem uma significação relativa, e então precisa de um termo que lha complete : no primeiro caso a preposição com seu consequente chama-se *Complemento Restrictivo*, e no segundo chama-se *Complemento Terminativo*, como : *Vou para casa de João ; para casa é Complemento Terminativo* do verbo *Vou* ; *de João* é *Complemento Restrictivo* do nome *casa*.

As *Preposições* na sua origem forão destinadas para indicarem as *relações de logar*, e dai por analogia passárão a designar outras circumstancias, como logo veremos.

Nós temos 16 *Preposições*, a saber : *A, Ante, Apoz, Até, Com, Contra, De, Desde, Em, Entre, Para, Per, Por, Sem, Sob, Sobre*.

A *Preposição Em*, ou se exprime assim, ou simplesmente com a letra *n* juncta com o artigo, deste modo : *no, na, nos, nas*, indica o lugar *onde* alguma cousa existe, como : *Estar em casa*, e por analogia indica o tempo, como : *Estamos no inverno*.

*Sobre* indica o lugar *onde*, quer este logar seja

**Pag. 94**

real, como : *Estar sobre a mesa* ; quer seja virtual, como : *Disputar sobre alguma cousa*. Por analogia indica tambem o *espaço de tempo*, e de outras cousas, como : *Sobre a tarde*. *Sobre* queda couce.

---

<sup>63</sup> Por este se conjugão *Acudir, Bulir, Cuspir, Construir, Destruir, Engulir, Sacudir, Subir, Sumir, Tussir*, e seus compostos.

<sup>64</sup> Por este se conjugão *Ouvir, Pedir, Despedir Impedir*.

<sup>65</sup> Por este se conjugão *Advertir, Assentir, Competir, Conferir, Conseguir, Consentir, Deferir, Despir, Dissentir, Enxerir, Ferir, Frigir, Mentir, Repetir, Seguir, Sentir, Servir*. Os compostos destes, dos outros seguem ordinariamente a conjugação dos simples.

*Sob* mostra o lugar *onde*, como : *Estar sob telha* ; e por analogia dizemos : *Sob* o governo de Tiberio, *Sob* teu amparo.

*Entre*, indica o lugar *onde*, ou real, como : *Entre* a arêa ; ou ideal, como : *Entre falar e calar* ; e por analogia indica o *tempo*, como : *Entre* as dez e as onze.

*Ante* mostra o lugar *onde*, como : *Ante* os olhos ; e por analogia indica *precedencia de tempo*, como : *Ante* hontem. A's vezes esta Preposição se ajuncta com outra para indicar duas relações locais, como : *Passar por ante mim*, isto é, *Passar por um lugar diante de mim*.

*Apoz* ou *Poz* mostra o lugar *onde*, ou real, como : *Apoz* ás costas, isto-é, *atrás das costas* ; ou ideal, como : *Apoz* a fortuna vem a adversidade. Por analogia mostra *precedencia de tempo*, como : *Poz* noite o dia.

*Contra* indica situação fronteira, como : *Cartago contra Italia*, *Contra* a esperança, *Falar contra alguém*.

*Com* mostra *componha* ou de cousas, ou de pessoas, como : *O Maranhão com o Pará*, *Estou com meus amigos*. Por analogia indica o *instrumento*. como : *Ferir com a espada* ; o *modo*, como : *Ler com cuidado*.

*Sem* mostra *privação de companhia*, como : *Estou sem amigo*, *Sem socorro*.

Se a Preposição *De* tem um antecedente de significação vaga, ella com seu consequente é um Complemento Restrictivo, que indica o *possuidor*, como : *Escravo de João* ; ou a *matéria*, como : *Vaso de*

**Pag. 95**

*ouro* ; ou a *qualidade*, como : *Homem de probidade* ; ou em fim *O modo*, como : *Falou desta sorte*.<sup>66</sup>

Se porem seu antecedente é de significação relativa, então ella com seu consequente é um complemento Terminativo, e mostra ou o *lugar donde* alguma coisa vem, como : *Venho de casa* ; ou o *principio* ou *causa donde* alguma coisa procede, como : *Nascer da terra*, *Morrer de fome*.

*Desde* indica um *principio* ou *parte donde* alguma coisa vem continuamente e sem interrupção, e porisso ordinariamente anda com a Preposição *Até*, como : *Desde Maranhão até o Pará*.

*Per* mostra o espaço *per onde* alguém passa, e tambem o *meio* pelo qual alguma coisa se faz, como : *Andar per montes e valles*, *Subir aos cargos per empenhos* ; tambem precede o agente nas orações da voz passiva, como : *Vencido pelos inimigos*.

*Por* tem duas significações, uma em lugar de *por causa*, e outra como se dissessemos *em logar*. Na primeira significação mostra *causa*, como : *Fazer bem polo amor de Deus*, *Obrar por interesse*. Na segunda indica *troca*, e substituição, como : *Vender gato por lebre*, *Comprar por grande preço*, *Advogar polo rão*.<sup>67</sup>

A preposição *A* indica o lugar *aonde* alguém vai sem tenção de ficar, como : *Vou a Pernambuco*, e *dali para a Bahia*. Por analogia indica o *espaço de tempo*, como : *De hoje a um mez* ; *attribuição*, e *termo proximo*, como : *Ser util á pátria* ; *preço*, e *proporção*, como :

---

<sup>66</sup> Desta sorte é Complemento circumstantial.

<sup>67</sup> Presentemente se confundem na pratica as duas Preposições *Per* e *Por*.

*Custou a vintem, Vale a tostão ; o modo, e causa, como : Andar á pé, Passar á espada, Morrer á fome.*

*Até ou Té indica o termo a que se dirige qualquer movimento, ou acção não interrompida, como : Estudar até saber.*

**Pag. 96**

*Para indica o lugar ou termo remoto e final para onde se dirige qualquer movimento, acção, ou pensamento, como : Vou para casa, Estudo para saber, A piedade para com Deus.* <sup>68</sup>

## § XIX. Do adverbio.

Adverbio é uma palavra invariavel, equivalente a uma preposição com seu complemento, cujas vezes faz com mais precisão, e que se ajuncta a qualquer palavra susceptível de modificação, para a modificar com as relações de logar, tempo, quantidade, modo, qualidade &c. como : *Onde*, que é o mesmo que *No qual logar.*, O termo Adverbio quer dizer *adjuncto á palavra.*

Temos Adverbios propriamente ditos, Nomes Adverbiados, e Locuções Adverbiaes. Adverbios propriamente dictos são os que ficão definidos na definição antecedente. Nomes Adverbiados são alguns substantivos e muitos adjectivos, quando se usão como Adverbios, como : *Ora, Tarde, Alto, Baixo, Rijo, Barato, Conforme, &c.* que é o mesmo que *Em tom alto, rijo, &c. por preço barato, &c.*

Locuções Adverbiaes são os mesmos Adverbios e nomes, que precedidos de uma ou mais preposições, formão expressões mais ou menos compostas, que enuncião as circumstancias proprias dos Adverbios, como : *Donde, por onde, Daqui,*

**Pag. 97**

*Ateli, De fora, Em fora, Por do traz, Por de cima, Trazantehontem, A fim, Em fim, De sorte, A torto e a direito, A's claras, De improviso, De mais a mais, Em continente, Em vão, Debalde, Por de mais, Sobremaneira, Sobre modo, De bruços, De rastos, e um sem numero do outras expressões.*

Os Adverbios, como fica dicto, exprimem as circumstancias de Logar, Tempo, Quantidade, Modo, Qualidade, &c., como se póde ver nas seguintes classes, em que estão com sua analyse.

### 1.º ADVERBIOS DE LOGAR.

Onde, | Em o qual logar. Em que logar ?

Donde, | Do qual, ou de que logar ?

---

<sup>68</sup> Além destas admittem os Grammaticos mais vinte e quatro Preposições, as quaes são ou nomes com preposições, como : *A baixo, A cima, De parte &c.* ; ou Adverbios, como : *Juncto, Conforme, Segundo, &c.* ; ou Participios, como : *Excepto.* Nenhuma destas palavras é Preposição, e ainda que nossos Clássicos usão algumas vezes de *Diante* e *Traz* como preposições, todavia as mais das vezes se servem destas palavras como de adverbios.

Algures, | Em algum logar.  
Nenhures, | Em nenhum logar.  
Aqui, | Neste logar.  
Ai, | Nesse logar.  
Ali, | Naquelle logar.  
A' quem, | Desta parte, onde estamos.  
Além, | Da outra parte contraria.  
Cá, | Para este logar.  
Acola, | Para aquelle logar.  
Arriba, | No logar acima.  
Abaixo, | No logar inferior.  
Cerca, A' cerca, | Em torno, A respeito.  
Dentro, | Em a parte interior.  
Fóra, | Em a parte exterior.  
Diante, | Em a parte anterior.  
Detraz, | Em a parte posterior.  
Longe, | Em muita distancia.  
Perto, | Em pouça distancia.

## 2.º ADVERBIOS DE TEMPO.

Quando | No tempo que, ou em que tempo.  
Sempre, | Em todo o tempo.

Pag. 98

Nunca, | Em nenhum tempo.  
Agora, | Em este tempo.  
Avante, | Para diante, para o futuro.  
Então, | Em aquelle tempo.  
Antes, | Em o tempo antecedente.  
Depois, | Em o tempo seguinte.  
Hontem, | Em o dia antecedente.  
Hoje, | Em o dia presente.  
Logo, | Em o mesmo instante.  
Já, | Em este instante  
Ainda, | Até esta hora.  
Cedo, | Em pouco tempo.  
Asinha, | Depressa.  
Tarde, | Com demora.

## 3.º ADVERBIOS DE QUANTIDADE.

Tão, | Em tanta qantidade.  
Quão, | Em quanta quantidade.

Muito, | Em muita quantidade.  
Mais, | Em maior quantidade.  
Menos, | Em menor quantidade.  
Assaz, | Em abundância.  
Quasi, | Com pouca differença para menos  
Apenas, | Com escacêz.  
Cerca, | Pouco mais ou menos, Quasi, Perto de.  
Sequer, | Ao menos.

#### 4. ° ADVERBIOS DO MODO, E QUALIDADE.

Assim, | Em tal maneira.  
Como, | Em qual maneira.  
Sim, | Affirmativamente.  
Não, | Negativamente.  
Talvez, | Acaso.  
Eis, | Em presença, A' vista.  
Fortemente, &c. | Com força, &c.

Pag. 99

A maior parte dos Adverbios de Quantidade se forma, accrescentando *mente* aos adjectivos de uma terminação, e á feminina dos que tem duas, como : *Prudentemente, Sabiamente*, que é o mesmo que *Com prudencia, Com sabedoria*. Quando se ajuntão muitos destes Adverbios, só pomos *mente* no ultimo, como : *Obrar prudente, sabia, e judiciosamente*.

### § XX. Da conjuncção.

*Conjuncção* é uma parte da oração, que ata e ordena *entre* si as orações, para fazerem um corpo de periodo, e um discurso continuado.

Nós temos só oito *Conjuncções* propriamente dictas, a saber : *E, Mas, Nem, Ou, Pois, Porem, Que. e Se*. Mas como estas não bastão para indicar todas as relações, em que as preposições estão umas para com outras, supprimos esta falta com outras palavras que tem força conjunctiva, como logo veremos.

Ha dez especies de *Conjuncções*, a saber : *Copulativas, Disjunctivas, Explicativas, Continuativas, Adversativas, Condicionaes, Causaes, Conclusivas, Circumstanciaes, e Subjunctivas*.

As *Copulativas* são : *E*, para affirmar ; *Nem*, para. negar. Para variar temos as frases conjunctivas *Tambem, E bem assim, Outrosim*.

As *Disjunctivas* são : *Ou* ; e para variar *Quer, Ora, Já, Quando*, sempre repetidas.

As *Explicativas* são : *Como*, e estas expressões *A saber, Isto é, de sorte que, Certo que, Mormente, Principalmenie, Em quanto*.

As *Continuativas* são : *Pois* (posposta á primeira ou segunda palavra), e estas formulas *Alem disto, Com efeito, Na verdade, &c*.



As *Adversativas* são : *Mas, Porém,* e as frases conjunctivas, *Ainda que, Isso não obstante.*

As *Condicionaes* são : *Se,* para affirmar ; *Senão,* para negar ; e as formulas *Como, Com tanto que, Salvo se, Excepto se, &c.*

As *Causaes* são : *Como ;* e as frases conjunctivas *por quanto, Visto que, Porque.*

As *Conclusivas* são : *Pois,* e os Adverbios conjunctivos *Logo, Donde,* e as formulas *Portanto, Per conseguinte, Pelo que, Assim que, &c.*

As *Circumstanciaes* são os Adverbios : *Tanto, Quanto, Quando, Como ;* e as frases conjunctivas *Tanto que, Logo que, Como quer que, Até que.*

Em fim as *Subjunctivas* são os Demonstrativos *O Qual, Quem, Cujo,* e sobre todos o Demonstrativo conjunctivo *Que.*

## § XXI. Das interjeições.

As *Interjeições* são umas palavras pela maior parte de uma syllaba, que per si sós exprimem os sentimentos de que nosso espirito está occupado.

Como as *Interjeições* per si sós exprimem sentimentos, segue-se que ellas equivalem a uma oração, e mesmo a um discurso, em que os expozessemos miudamente.

O affecto ou sentimento, exprimido por cada *Interjeição,* da-se a conhecer pelo modo de quem a emprega, e pelas circumstancias em que é proferida ; porque uma mesma *Interjeição* pôde exprimir sentimentos differentes, e até mesmo contrários, v. g. *Ai !* exprime *dor, e afflicção,* e tambem *alegria e prazer ; Ha !* exprime *satisfação,* e tambem *indignação,* como ; *Ha feliz de ti ! Ha raça maldicta.* Notado isto, aí vão as *Interjeições* com os affectos que exprimem.

De reparo com admiração. | *Hum !*  
 De prazer e satisfação, e tambem de Indignação. | *Ha !*  
 De saudade, mágua, e afflicção. | *Oh !*  
 De quem chora, e se lastima, e tambem de prazer. | *Ai !*  
 De quem se sobressalta, e admira. | *Ahi !*  
 De quem pede soccorro. | *A'qui (d'elrei)*  
 De quem faz silencio. | *Chi ! Si !*  
 De quem exhorta e affaga. | *Eia !*  
 De quem ri. | *Ha ! Ha ! Ha !*  
 De quem approva e dá parabem. | *Ha ! Ha !*  
 De aversão. | *Irra !*  
 De zombaria, e tambem de dôr, e espanto. | *Hui !*  
 Para chamar simplesmente por alguem. | *O'*  
 Para chamar com reparo, e estranhamento. | *Olá !*  
 Para exprimir um desejo ancioso. | *Oxalá !*  
 De quem anima. | *Sus !*  
 Para fazer parar. | *Tá !*

Assim damos por concluído o que tínhamos a dizer sobre a Etymologia, isto é, sobre cada uma das Partes Elementares da oração. E' preciso agora mostrar como dellas se faz un discurso, o que constitue o objecto da *Syntaxe*, e *Construcção*, de que trataremos no Capitulo seguinte.

## Capitulo III. Da Syntaxe, e Construcção.

*Syntaxe*, isto é, Composição, é a parte da Grammatica, que ensina a compor uma oração, segundo as relações que as palavras tem umas com as outras. Estas relações são ou de conveniencia, isto

**Pag. 102**

é, de Concordancia ; ou de determinação e dependencia, isto é, de Regencia.

A *Construcção*, isto é, a Collocação, ensina a pôr cada palavra e cada oração no logar, que lhe é destinado pelo uso da Lingua.

Do que temos dicto se vê que todo o artificio da Oração está em quatro cousas. 1.<sup>a</sup> em saber quaes são as partes essenciaes da Oração. 2.<sup>a</sup> em observar as regras da Concordancia. 3.<sup>a</sup> em completar a significação transitiva das palavras que a tem, o que pertence á Regencia. 4.<sup>a</sup> em observar as regras da Construcção, pondo cada palavra e cada oração no logar mais conveniente á força e clareza do discurso. Tractaremos de tudo isto em separado.

### § I. Dos elementos essenciaes da oração.

*Oração* ou *Proposição* é a enunciação de um attributo em um sujeito, isto é, um juizo enunciado, como : *O vicio é detestavel*.

São trez os elementos essenciaes da Proposição, a saber : um *Sujeito*, o qual é pessoa ou cousa, a que se attribue alguma qualidade ; um *Attributo* que é a qualidade, que se attribue ao sujeito ; um *Nexo* ou Copula, que ligue e una o *Attributo* com o *Sujeito*, como : *Deus é justo*. O sujeito, e o attributo chamão-se termos de Proposição.

Pode ser *Sujeito* da Proposição qualquer nome substantivo appellativo com artigo, ou proprio sem elle ; uma proposição, e tambem qualquer parte elementar do discurso, substantivada por meio do artigo, como : *O ser pobre não é deshonra*.

O *Attributo* é sempre um adjectivo ou cousa que o valha, como : *Pedro é homem*.

O *Nexo* ou Copula é sempre um verbo, ou só,

**Pag. 103**

como : *Eu sou amante* ; ou encorporado com o attributo no verbo adjectivo, como : *Eu amo*.

Os Elementos essenciaes da Proposição podem ser enunciados ou com trez palavras, correspondentes a cada um, como : *Eu sou amante* ; ou com duas, como : *Eu amo* ; ou com uma só, como : *Amo*. A proposição, considerada em sua natureza, pôde ser ou *Simple*s ou *Composta*, ou *Complexa*. Proposição *Simple*s é a que tem só um sujeito e um attributo, como : *Pedro é sabio*. Proposição *Composta* é a que tem ou mais de um sujeito, ou mais de um attributo, ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo, como : *A virtude, e a sabedoria são estimaveis, e difficeis de se encontrar*. Esta proposição é composta de dois sujeitos, *virtude e sabedoria*, e de dois attributos, *estimaveis e difficeis* ; mas tem um só verbo, que está servindo de nexo commum a todos elles.

A Proposição Composta incluye tantas Proposições Simple, quantos são os sujeitos, e attributos que nella estão. Pelo que a Proposição a cima contém quatro Proposições Simple, que exprimidas são estas : *A virtude é estimavel, A sabedoria é estimavel, A virtude é difficil de se encontrar, A sabedoria é difficil de se encontrar*.

Proposição Complexa é aquella cujo sujeito ou attributo, ou ambos os termos são modificados por alguma proposição parcial, ou por ideas a ella equivalentes ; como : *O homem sabio, ou que é sabio, aborrece os vicios*.

A proposição, considerada em sua graduação no periodo, é ou Principal, ou Total subordinada, ou Parcial ; pois quando se ajunctão muitas proposições, uma dellas é *Principal*, e das outras umas são *Totales Subordinadas*, e outras *Parciaes*.

*Proposição Principal* é a que pôde figurar per si só no discurso, porque faz um sentido completo e independente, e todas as outras proposições estão

**Pag. 104**

dependentes della. O verbo da Proposição Principal é sempre alguma linguagem do modo indicativo, sem conjuncção que lhe suspenda o sentido.

*Proposição Total Subordinada* é a que não faz parte de outra, mas tem o sentido suspenso, e dependente da Proposição Principal. O verbo da *Proposição Total Subordinada* pôde ou no subjunctivo, ou no indicativo com alguma conjuncção suspensiva do sentido, como : *As delicias podem ter algum sabor, mas não podem ter utilidade alguma* ; a primeira Proposição é a *Principal*, e a segunda é *Total Subordinada*.

Os termos de uma proposição podem ser modificados por outras palavras, que ou os expliquem, ou limitem, ou completem. Daqui nascem as *Proposições Parciaes*, que são as que fazem parte de algum termo de outra proposição.

As *Proposições Parciaes* são ou *Explicativas*, ou *Restrictivas*, ou *Integrantes*. *Proposição Explicativa* é a que desenvolve alguma qualidade, incluida já na significação de algum termo de outra proposição, como : *Deus que é justo premêa á virtude, que é justo* é uma *Proposição Parcial Explicativa*, porque faz parte do nome *Deus*, desenvolvendo uma qualidade, incluida na significação d'elle.

*Proposição Restrictiva* é a que limita alguma palavra de outra proposição, accrescentando-lhe alguma idea não incluida na significação della, como : *O homem que é sabio aborrece os vicios ; que é sabio* é uma *Proposição Parcial Restrictiva*, porque faz

parte do sujeito *homem*, acrescentando-lhe a idea de *sabedoria*, a qual de certo não está incluída na significação da mesma palavra.

*Proposição Integrante* é a que inteira e completa a significação transitiva do verbo adjectivo, isto é, do attributo nelle incluído, como : *Desejo ser virtuoso, Dizem que Francisco é sabio, Espero que venhas*

**Pag. 105**

hoje. Bem se vê que as significações dos verbos *Desejo, Dizem, Espero*, ficarião incompletas, e suspensas, sem as seguintes proposições.

As Proposições parciaes levão ordinariamente no principio algum dos demonstrativos conjunctivos *Que, Qual, Quem, Cujo*. Os verbos dellas devem estar ou no infinito, ou no indicativo, ou no subjunctivo, conforme o demanda a significação do verbo determinante, como se póde vêr nas regras seguintes.

1.<sup>a</sup> Quando o verbo do indicativo e o seguinte tem o mesmo sujeito, e entre elles não medêa o conjunctivo *Que*, nem outra conjuncção, o verbo seguinte vai ao infinito impessoal, como : *Vou passear*. Quando porem o sujeito é differente, vai ao infinito pessoal, como *julgo seres sabedor*.

2.<sup>a</sup> O verbo seguinte vai ao indicativo com *Que*, ou outra conjuncção, quando o verbo determinante affirma alguma cousa com toda a segurança, como são os verbos que significão *Julgar, Saber, Dizer, Contar, &c.*, como : *Dizem que Francisco é sabio, Não sei se isto é verdade*.

3.<sup>a</sup> O verbo seguinte vai ao subjunctivo com *Que*, se o verbo determinante affirma alguma cousa com duvida e receio por ser futura e contingente, como são os verbos que significão *Duvidar, Temer, Esperar, Desejar, Mandar, Pedir, &c.*, como : *Pede que te ensinem*.

*Periodo* é o ajunctamento de muitas proposições totaes, ligadas entre si, e de tal modo dependentes, que umas suppõe necessariamente as outras, para complemento do sentido total.

Daqui se vê que havendo uma só proposição total, ainda tendo esta muitas parciaes, não ha *Periodo* ; porque este deve constar ou de duas proposições totaes, ou de trez, ou de quatro ; mas passando deste numero, chama-se *Oração Periodica*.

Um *Periodo* terá tantas proposições, quantos

**Pag. 106**

forem os verbos que nelle estiverem : porisso contando-se os verbos, está sabido o numero dellas ; e tendo-se em vista o que fica dito, conhecer-se-ha a qualidade das mesmas.

## § II. Da concordancia regular.

*Concordancia* é a união das palavras e proposições, que tem entre si relações de conveniencia. A concordancia é *Regular*, quando as partes concordantes correspondem exactamente áquellas, com quem concordão, sem ser necessario fazer supplemento algum ; e é *Irregular*, quando é preciso fazer-se algum supplemento.

O Attributo concorda com o Sujeito, em razão do verbo, que é o nexa que une um com outro, como : *O temor de Deus é o principio da sabedoria*. Quando o Attributo é um appellativo, póde em genero e numero ser differente do Sujeito, como : *O bom filho é as delicias de seu pai*.

Mas se o Attributo é um adjectivo, deve estar na terminação e numero, accommodado ao genero e numero do Sujeito ; pela razão de que o adjectivo concorda com um substantivo em genero e numero, como : *Este cravo é formoso, Estas flores são cheirosas*.

Porém se o Sujeito é nome próprio, o adjectivo não póde concordar com elle, mas sim com um appellativo da classe, a que o Sujeito pertence, como : *Pedro é sabio, isto é, Pedro é homem sabio ; O Brazil é vastissimo, isto é, O Brazil é um Imperio vastissimo*.

Se a proposição é composta, isto é, se consta de muitos Sujeitos, ou de, muitos Attributos, ou de uns e outros ao mesmo tempo ; neste caso os segundos Sujeitos concordão com o primeiro, pela

**Pag. 107**

identidade da conjuncção que os une, como : *A fé esperança, e caridade são virtudes theologaes*.

Os Attributos concordão tambem da mesma forma os segundos com o primeiro, e todos com o Sujeito pela identidade do verbo, como : *Deus é justo, sabio, poderoso, e perfeitissimo*.

Se depois do Sujeito ou do Attributo houver *substantivos ou adjectivos continuados*, concordão todos ou com o Sujeito, ou com o Attributo, por serem palavras que, ou os explicão, ou restringem, e como fica dito, são equivalentes a proposições parciaes ; e por ellas se podem resolver como : *O homem prudente, modesto e honrado é estimado por todos*.

O Verbo concorda com o Sujeito em numero e pessoa, como : *O homem é racional, Os meninos brincão*.

As proposições Parciaes Explicativas, e Restrictivas concordão com suas Totaes, por meio de algum dos demonstrativos conjunctivos *Que, Qual, Quem, Cujo*, e por sua posição immediata depois da palavra que ellas modificão, como : *O homem que é justo não usurpa o alheio* <sup>69</sup>.

As Proposições Integrantes que tem o verbo no indicativo ou no subjunctivo, concordão tambem com suas Totaes pelo conjunctivo *Que*, ou por

**Pag. 108**

---

<sup>69</sup> Estas Proposições Parciaes não podem modificar os nomes, que antes não tiverem sido determinados por um determinativo (vid. pag. 36). Portanto é erro ajuntar incidentes a um appellativo indeterminado, como : *Antonio é homem que muito estimo ; deve ser : Antonio é um homem que muito estimo*. Daqui vem que estas proposições se referem naturalmente a um nome determinado, e não ao que o não está, como : *O anel de brilhantes que hontem vi &c. ; que refere-se a anel e não a brilhantes*. Porisso, quando na proposição antecedente ha mais do que um nome determinado, sendo elles de differente genero, usaremos de *Qual* em lugar de *Que*, ou daremos ao discurso um arranjo tal, que tire qualquer equivoco (vid. pag. 42).

meio de outra conjuncção, e por sua posição immediata depois da palavra, cuja significação ellas inteirão e completão, como : *Dizem* que a lua tem habitadores.

As proposições integrantes que tem o verbo no infinito impessoal, concordão com suas totaes pela identidade de sujeito, como : *Desejo* ser feliz. Tendo porem o verbo no infinito pessoal, concordão tambem com suas Totaes, porque são uma parte integrante dellas, como : *Julgo* seres sabedor.

As Proposições Totaes Subordinadas concordão com a Principal, por meio das conjuncções, as quaes dão além disto seu nome ás proposições em que estão, como : *A virtude é um bem precioso*, porque nos conduz á felicidade ; *porque nos conduz* &c. é uma Proposição Causal, unida á Principal pela conjuncção *porque*.

A Proposição Responsiva regular concorda com a Interrogativa em ter a mesma linguagem, e os mesmos complementos, ou relações, como : *Quem és tu ? Sou Antonio ; De quem é este livro ? De Pedro ; isto é, Este livro é de Pedro*.

Isto de que temos tractado são os signaes externos da concordancia, cujo fundamento é a relação de conveniencia ; e porisso a razão por que as palavras e proposições concordão umas com outras, é o haver relação de conveniencia entre as ideas e juizos que ellas enuncião.

### § III. Da concordancia irregular por syllepse.

Fica dicto que o verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa, e que o adjectivo concorda com um appellativo em genero e numero. Porém ás vezes nem o verbo concorda com o sujeito que está claro, nem o adjectivo com o appellativo enunciado ;

**Pag. 109**

mas sim com uma idea que está na mente de quem falla ou escreve, como : *O planeta que no Ceu primeiro habita, cinco vezes apressada ; Todas as pessoas se comem, quando se vêem enganados ; apressada* concorda com *lua* que o auctor tinha em mente, *enganados* concorda com *homens*, pela mesma razão. Esta concordancia chama-se *Syllepse* ou *Syntese*, isto é, Concebimento, ou Combinação, e tem lugar nos casos seguintes.

Quando ha muitos substantivos de differente *genero*, o adjectivo deve estar ou na terminação masculina que é do genero mais nobre, ou na terminação correspondente ao genero do substantivo mais proximo, como : *Os louros e heras por ti honrados, Temor e esperança vã* <sup>70</sup>.

Os possessivos que precedem os tractamentos politicos, concordão com elles ; porém os adjectivos concordão com as pessoas, que estão na mente de quem falla ou

---

<sup>70</sup> Quando um adjectivo se refere a muitos substantivos, póde concordar com um nome commum que convenha a todos os substantivos, a que o adjectivo se refere, como : *Os barris, quartos, pipas, e caixões, que o mar levou* direitos á *costa de Sofala*, &c. (Couto) ; póde dar-se a *que* o antecedente *vasos*, e concordar com elle o adjectivo *direitos*. Porem a mente de quem falla ou escreve, é modificar com o adjectivo a cada um dos nomes ; pois em taes casos sempre ha uma proposição composta de tantos juizos, quantos são os nomes modificados.

escreve, como : Vossa Magestade, Alteza, Excellencia, Senhoria, Mercê, &c. *foi servido* (fallando-se de homem) ou *servirda* (fallando-se de mulher).

Quando alguém (como os auctores, prelados, &c.) uza de *Nós* e *Vós* em lugar de *Eu* e *Tu*, o verbo deve ir ao plural, mas os adjectivos que se referem, devem estar no singular, porque se referem, ao individuo que falla, como : *Antes sejamos breve que prolixo* (Barros).

Quando um substantivo colectivo partitivo é

**Pag. 110**

seguido da preposição *de* com um nome do plural ordinariamente o adjectivo e o verbo vão ao plural, como : *Parte dos inimigos forão ao mortos*.

Porem se o colectivo é geral, o adjectivo e o verbo umas vezes vão ao singular, como : *O exercito dos inimigos foi desbaratado* ; outras vezes podem ir a qualquer numero, como : *Toda a Clerezia tinhão, ou tinha tochas accezas* <sup>71</sup>.

Concorrendo muitos sujeitos, se um for da primeira pessoa, poremos o verbo na primeira pessoa do plural, como : *Eu e tu estamos bons*. Mas concorrendo sujeitos somente da segunda e da

**Pag. 111**

terceira pessoa, o verbo deve ir á segunda do plural, como : *Tu e Tulia estaes bons*. Porem se concorrerem sujeitos só da terceira pessoa, poremos o verbo na terceira pessoa do plural, como : *A nossa liberdade, honra e vida estão em perigo* <sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> Parece que o verbo *Haver* no singular tem muitas vezes sujeito do plural, como : *Ha homens, &c.* Sobre isto uns Grammaticos dizem, que em taes casos o verbo *Haver* se toma impessoalmente na significação de *existir*, e que o ter elle sujeito do plural é um idiotismo da Lingua Portugueza. Outros dizem tambem, que em taes casos o verbo *Haver* se toma impessoalmente na significação de *existir*, e que o ter elle sujeito do plural, é porque assim como com os collectivos geraes se põe as vezes o verbo no plural ; assim tambem com substantivos do plural tomados collectivamente, se põe as vezes o verbo no singular, como succede com o verbo *Haver* e com os que o determinão, como : *Acontece haver pessoas que desprezão a vida*. Porem ainda concedendo-se que *pessoas* seja sujeito do verbo *haver*, não se póde conceder que o verbo determinante *Acontece* tem sujeito do plural, porque a seguinte proposição *haver pessoas &c.* lhe está servindo de sujeito, e assim é em casos semelhantes.

Outros Grammaticos ha que dizem, que o verbo *Haver* sempre é activo, e significa *ter*, ou *possuir*, e que isso que os outros dizem que é sujeito d'elle, e não é, mas sim complemento objectivo, e que em taes casos o sujeito está occulto, e deve ser do singular quando o verbo está no singular, e do plural quando o verbo é do plural, como : *Repugna haver em uma alma ao mesmo tempo duas consolações contrarias*, isto é, *Repugna haver ou ter a natureza humana em uma alma ao mesmo tempo duas consolações contrarias*.

Lobato diz, que em taes expressões ha Ellipse, como : *Ha muitos homens, que amão as sciencias*, isto é, *Ha numero de pessoas, que são muitos homens, que amão as sciencias*. A' vista de tantos pareceres, cada qual escolha o de que mais gostar.

<sup>72</sup> Como o verbo no plural não pode concordar em numero com sujeitos do singular, é preciso dar-lhe um sujeito conveniente. Pelo que estando o verbo na primeira pessoa do plural, concorda com o sujeito *nós*, como : *Eu e tu estamos bons, isto é, nós ambos estamos bons*. Quando o verbo está na segunda pessoa do plural, concorda com o sujeito *vós*,

Concorrendo dois ou mais sujeitos, querendo nós que o attributo pertença a um só o verbo deve ir ao singular, como : *Ou eu, ou tu, ou Pedro, ha de morrer primeiro, isto é, um de nós ha de morrer primeiro.*

Quando depois de muitos substantivos continuados vem a palavra *Tudo, ou Nada*, o verbo deve ir ao singular, como : *Honras, dignidades, riquezas, tudo é vaidade aos olhos do sabio.*

## § IV. Da regencia regular.

Reger é determinar e demandar alguma cousa. Somente o Verbo adjectivo, em razão do attributo, incluído nelle, o Adjectivo de significação transitiva, e a Preposição, regem outras palavras, porque as demandão e pedem depois do si.

A significação das palavras é ou activa, porque demanda um objecto em que empregue a

**Pag. 112**

acção, que significa, como : *Amo a virtude* ; ou relativa, porque demanda um termo de sua relação, como : *Util á pátria* ; ou activa e relativa ao mesmo tempo, como : *Pede sabedoria a Deus* ; ou absoluta, porque nada pede nem demanda, como : *Homem. Livro, Pedra, &c.*

Chamão-se *Complementos* aquellas palavras, que estão completando a significação de outras, como : *Abundante de fructos* ; *de fructos* é Complemento do adjectivo *Abundante*, porque está completando a significação delle ; mas *de fructos* demanda tambem o adjectivo *Abundante* ; e deste modo as palavras regentes e as regidas estão-se regendo mutuamente.

Os verbos que tem significação activa, devem ter um Complemento Objectivo ; as palavras que tem significação relativa devem ter um Complemento Terminativo ; os verbos que tem significação activa e relativa, devem ter dois Complementos, um Objectivo, e outro Terminativo. As palavras de significação absoluta são susceptíveis do Complemento ou Restrictivo, ou Circumstantial, e nestes casos as palavras de significação absoluta são regidas por seus Complementos, como : *Homem de juizo* ; a palavra *homem*, nada pede nem demanda, mas o complemento de *juizo* demanda o antecedente *Homem*, e porisso o está regendo.

A Regencia é *Regular* quando as palavras regentes estão com seus devidos complementos, e estes com seus antecedentes ; e é *Irregular* quando falta alguma cousa destas. De tudo isto havemos de tractar, depois de dizermos alguma cousa sobre o Vocativo.

---

como : *Tu, Pedro e Francisco estais bons*, isto é, *vós todos estais bons*. Quando depois de sujeitos da terceira pessoa do singular, o o verbo está na terceira pessoa do plural, entende-se-lhe para sujeito um appellativo, que possa convir a todos os sujeitos do singular, como : *A nossa liberdade, honra e vida estão em perigo*, entende-se *estas cousas* ou *estes bens* estão &c. Bem se vê que todas estas proposições são compostas, como fica dito.



## VOCATIVO.

O *Vocativo* é destinado para chamar, e excitar a atenção da pessoa com quem se falla. Elle sempre é sujeito de um verbo na segunda pessoa, e quando

Pag. 113

o não tem claro, sempre se lhe entende um dos imperativos *Ouve, Attende*, ou do plural *Ouvi, Attendei*, como : *O' Melibeu um Deus foi quem nos deu este descanso*, isto é, *O' Melibeu ouve-me* &c. O vocativo dá-se a conhecer por estar entre pausas, ou só, ou com a interjeição vocativa *O*, como se vê no exemplo a cima.

## COMPLEMENTO OBJECTIVO.

*Complemento Objectivo* é toda a palavra ou oração, sobre que o verbo activo emprega a acção que significa, como : *Amo a virtude, desejo instruir-me*.<sup>73</sup>

Se o Complemento Objectivo é um nome de pessoa, ou de cousa personificada, sempre leva a preposição *a*, como : *Eneas matou a Turno* ; mas os demonstrativos pessoaes primitivos não levão preposição, porque tem casos, como : *Pedro Offendeo-me*. O Complemento Objectivo em qualquer proposição, conhece-se bem, porque é a resposta dada á pergunta *O que ?*

As proposições da voz activa podem-se mudar para a passiva deste modo : o Complemento Objectivo passa para sujeito, o verbo passa para a voz passiva, e o sujeito da voz activa fica na passiva com a preposição *por* ou *de* antes de si, como : *Antonio ama as sciencias* ; na passiva diremos : *As sciencias são amadas por Antonio*<sup>74</sup>.

Pag. 114

## COMPLEMENTO TERMINATIVO.

*Complemento Terminativo* é toda a palavra ou oração, pedida por outra palavra de significação relativa, como : *Ser util á patria, Venho de casa, Abundante de fructos*, &c. Na Lingua Portugueza as preposições são os signaes destes Complementos.

Só os casos *me, nos, te, vos, se*, não levão preposição ; e quando se ajuntão a verbos activos somente, são Complementos Objectivos dos mesmos ; quando porem se ajuntão a verbos ao mesmo tempo activos e relativos, ordinariamente são

---

<sup>73</sup> E' preciso mostrar aqui aos Principiantes que estas proposições de verbo activo constão, como todas as outras, de sujeito, verbo, e attributo ; fazendo-lhes ver que o Complemento Objectivo não é outra cousa senão o complemento do attributo incluído no verbo, como : *Eu amo a virtude*, isto é, *Eu sou amante da virtude*.

<sup>74</sup> O Sujeito é tambem Agente, quando exercita a significação dos verbos que significão acção : porque a palavra *Agente* que dizer *O que obra alguma acção* ; e por consequencia este nome de *Agente* só em taes casos pode convir ao *Sujeito*. Este perde o nome de *Sujeito*, quando a proposição é mudada da activa para a passiva, mas conserva o de *Agente* porque por meio d'elle é que a acção do verbo é empregada no *Sujeito* da proposição na voz passiva, vindo por esta razão o *Sujeito* a ser paciente ou recipiente da acção do verbo na voz passiva.

Complementos Terminativos, como : *Deo-me um livro* ; pois é o mesmo que *Deo a mim um livro*. *Lhe* e *lhes* é sempre Complemento Terminativo, como : *Fiz-lhe um favor*, é o mesmo que *Fiz a elle um favor*.

Toda a palavra ou oração com preposição, pedida por outra palavra de significação relativa, é um Complemento Terminativo.

## COMPLEMENTO RESTRICTIVO.

*Complemento Restrictivo* é toda a palavra ou oração com preposição de, posta imediatamente depois de um appellativo de significação vaga e absoluta, como : *Livro de Pedro*.

## COMPLEMENTO CIRCUMSTANCIAL.

*Complemento Circumstancial* é qualquer palavra ou oração, regida de preposição, que se ajunta a

**Pag. 115**

algum verbo ou adjectivo, cuja significação não demanda complemento algum, como : *Pedro morreo em Agosto*, por falta de tratamento, e á pura necessidade, com grande magua de seus amigos.

Os Complementos Circumstanciaes indicão varias circumstancias, como o Modo, Tempo, Logar, Preço, a Causa, Companhia, &c., o que facilmente se conhecerá pela significação dos antecedentes e consequentes das preposições. Quando, por exemplo eu digo : *Moro com Antonio, Estudo com cuidado* ; *com Antonio* indica uma circumstancia de Companhia, e *com cuidado* indica o modo.

Tanto nos Complementos Circumstanciaes, como nos Terminativos, é preciso que não haja impropriedade no uso das preposições, como : *Passar com a espada*, em logar de *passar á espada*.

## § V. Da regencia irregular por ellipse.

Temos dito que a proposição, para ser inteira, deve ter um sujeito, um verbo, e um attributo ; e que os elementos da proposição, sendo transitivos, devem estar com seus devidos complementos, e estes com seus antecedentes.

Todas as vezes que faltar á proposição qualquer destas partes, ha *Ellipse*, isto é, Falta, que é uma *figura* pela qual se cala alguma palavra ou palavras, necessarias para a integridade Grammatical da proposição, mas não para sua intelligencia. Pois assim como é preciso cortar pelo superfluo, assim tambem não é permittido faltar com o necessario, para que o sentido fique sendo claro e distincto, havendo attenção ás pessoas a quem se falla, ou para quem se escreve.

Assim, para que a Ellipse não seja viciosa, é preciso que se calem só aquellas palavras, que ou

Pag. 116

a razão, ou o uso da Lingua suppre com facilidade, como succede nos casos seguintes.

A's vezes o verbo, ou nome de uma proposição, se ha de entender em outra, como : *Chegarão dois navios, um de Pernambuco, e outro da Bahia*, isto é, *Chegarão dois navios, um navio chegou de Pernambuco, outro navio chegou da Bahia*.

Quando o adjectivo está só, entende-se-lhe um substantivo, como : *Os sabios*, isto é, *Os homens sabios*.

Quando o sujeito da proposição está sem um determinativo, entende-se-lhe um artigo, ou o determinativo *alguns*, como : *Gente ambiciosa nem sonhar que outrem val póde soffrer*.

Entende-se um antecedente a todo o relativo que o não tem, como : *Depois que estive doente*, isto é, *depois do tempo em que estive doente* ; *Desejo que venhas*, isto é, *Desejo isto, que é, venhas*.<sup>75</sup>

Entende-se um sujeito a todo o verbo que o não tem. Pelo que nas primeiras e segundas pessoas entende-se *Eu*, e *Tu* para o singular, *Nós*, e *Vós* para o plural ; e nas terceiras pessoas dos verbos que dizem respeito a todos os homens, entende-se o sujeito *homens*, como : *Dizem que Pedro é bom estudante*, isto é, *Os homens dizem que Pedro é bom estudante*<sup>76</sup>.

Pag. 117

Entende-se um verbo a toda a proposição, que o não tem, como : *Bons dias*, isto é, *Deus te dê bons dias* ; *Bem vindo*, isto é, *Sejas bem vindo* ; *A Deus*, isto é, *Peço a Deus que te aguarde* ; *Até logo*, isto é, *Até logo te espero* ; *Ah ! feliz de ti !* isto é, *Ah feliz ! fallo de ti*.

A toda a palavra de significação transitiva se deve entender seu complemento, quando o não tem, como : *A sabedoria é util, a ignorancia prejudicial*, entende-se *aos homens*. *Os meninos devem estudar*, entende-se *a lição*.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> Nestas frases : *Quanto custa este livro ? Como vão as cousas ? A onde vais tu ? Porque ? Que esperas tu ? Qual dos dois ?* &c. em todas, digo, se entende a frase imperativa *Dize-me o preço porquanto ; O modo como ; O lugar a onde ; A razão por que ; A causa que ; Aquelle dos dois, o qual*, &c.

<sup>76</sup> Sendo terceira pessoa dos verbos, chamados impessoaes, entende-se um sujeito tirado da significação delle, ou outro conveniente, como : *Vive-se, Dorme-se, Joga-se*, entende-se *Vida, Jogo, Somno, Chove, Troveja*, &c. entende-se *A chuva, O Ceo ou Deus, ou A natureza. Peza-me, Praz-me, Cumpre, Releva, Importa*, de ordinario servem-lhe de sujeito as proposições seguintes, como : *Cumpr-te não ser ingrato*.

<sup>77</sup> A' preposição *de* quando não é restrictiva, entende-se um antecedente de significação relativa, se o não tem, como : *Barril de manteiga ; Copo de agua ; Pipa de vinho ; Navio de Escravos*, &c. isto é, *Barril cheio de manteiga ; Copo cheio d'agua ; Pipa cheia de vinho ; Navio carregado de escravos* &c. *Choro de gosto*, isto é, *por causa do gosto*. Nas linguagens porfazer entende-se *resolução, tenção, necessidade* &c., como *Heide estudar*, isto é, *Hei-tenção de estudar*.

A todo o verbo do subjunctivo se deve entender um do indicativo, se o não tem, como : *Praza a Deus*, isto é, *Desejo que praza a Deus*.

A todo o complemento terminativo ou circunstancial, que não tem preposição clara, entende-se uma conveniente, como : *Os escravos de Pedro forão avaliados a cem mil reis cada um*, isto é, *por cada um* ; *El-Rei D. Manoel viveo cincoenta e cinco annos, e reinou vinte e sete*, isto é, *por cincoenta e cinco annos, e por vinte e sete* ; *Meo pai morreo o anno passado*, isto é, *em o anno passado* &c.

Assim como o discurso fica muito mais natural, quando não está sobrecarregado de palavras desnecessarias para sua intelligencia ; assim tambem pôde ás vezes ficar mais energico e expressivo, tendo algumas palavras de mais pela figura *Pleonasmo*, a qual consiste em ter a proposição mais palavras, do que as necessarias para sua perfeição, como : *Eu mesmo o ouvi* com estes ouvidos. Só usaremos

**Pag. 118**

desta figura ou para dar maior vivacidade ao discurso, ou para o fazer mais harmonioso, pois do contrario será um vicio chamado *Perissologia*, o qual é preciso evitar, como : *Elle recuou para traz*.

Não é menos preciso evitar o *Solecismo*, isto é, *Discordancia*, que é não observar as regras ou de *Concordancia*, ou de *Regencia* ; porque despresadas estas, as palavras não condizem umas com outras, como dizer : *Esta dia*, em logar de *Este dia* ; *Os homem*, em logar de *Os homens*, *Elles ama*, em logar de *Elles amão* ; *Desejo sejas honrado*, em logar de *Desejo que sejas honrado* ; *E' necessario de ter amor a Deus*, em logar de *E' necessario ter amor a Deus* ; *Acostumar-se de estudar*, em logar de *A costumarse a estudar* &c.

Tambem ha *Solecismo* quando as conjuncções copulativas unem sujeitos, ou attributos, ou complementos, pertencentes a differentes verbos, como se vê nestes versos de Camões :

... Que forão dilatando  
A Fé, o Imperio, e as terras viciosas  
D'Africa e d'Asia andaram devastando :

Concorrendo substantivos de differentes generos e numeros, principalmente não sendo synonymos, é necessario pôr o artigo ou outro determinativo a cada um. Isto mesmo se deve fazer com os adjectivos de significações oppostas. Pelo que erra quem diz : *Os Pais e mãis, seu pai e mãe* ; pois deve dizer : *Os Pais e as mãis, seu pai e sua mãe*. Jacyntho Freire dice : *Onde se consumem com os successos prosperos, e adversos* ; mas deveria dizer : *com os successos prosperos, e com os adversos*.

## Da Construcção.

Do bom arranjamto das palavras depende absolutamente a clareza e força da expressão. Pelo que é preciso saber em que logar devemos pôr

cada porção do discurso, para construirmos um todo, cujas partes em harmonia, se ajudem, esclareção, e se aformosêem mutuamente. Isto faz o objecto da Construcção, a qual ensina a pôr as partes da oração e do discurso no logar competente, segundo o uso e gosto de cada Lingua.

A Construcção é ou *Direita*, ou *Invertida*, ou *Transposta*. Construcção *Direita* é aquella em que o sentido nunca fica suspenso, porque se vai percebendo á medida que se vai ouvindo ou lendo, como : *As injustiças e todos os males nascem de perverter-se a ordem das cousas.*

Construcção *Invertida* é aquella, cujo sentido está suspenso, porque é preciso esperar por outras palavras, como : *De perverter-se a ordem das cousas nascem as injustiças, e todos os males, &c.*

A Construcção é *Transposta*, quando as palavras que devem estar unidas, se apartão, mettendo-se-lhes outras no meio. Esta Construcção pôde ter logar tanto na Construcção *Direita* como na *Invertida*.

## § I. Da construcção direita.

Quando a proposição é simples, primeiro está o sujeito, depois o verbo, e depois o attributo, como : *A velhice é doença.* Mas nas proposições interrogativas, nas do infinito, e nas imperativas, o sujeito vai depois do verbo, como : *Posso eu fiar-me no que dizes ? Sê tu mais franco, &c.*

Em todas as Construcções quando a proposição é composta de muitos sujeitos, seguiremos nelles a ordem de sua dignidade, se entre elles houver differença, como : *Eu, Tu, Elle ; O Rei, e o povo ; O pai, o filho, e a filha ; Cidades, Villas, e logares.*

Quanto aos verbos e attributos, iremos das cousas menores para as maiores, quando affirmamos,

como : *Eu sempre te protegi ; sempre te beneficiei ; sempre te doei ; e muitas vezes te salvei tambem a vida ;* mas quando negarmos, iremos do mais para o menos, como : *Tu nunca me salvaste a vida ; nunca me déste nada ; nunca me beneficiaste ; nunca me protegeste.*

Quando o sujeito, ou o attributo é modificado por algum adjectivo, se este é determinativo deve ir antes, como : *Todo o homem ;* se é restrictivo deve ir depois, como : *Homem honrado ;* e sendo explicativo, pôde ir antes ou depois do substantivo, como : *O brilhante Sol, ou O Sol brilhante.*

O complemento restrictivo sem artigo, deve ir depois do appellativo, como : *Homem de bem ;* mas com artigo, pôde ir antes ou depois, principalmente no verso, como : *Os revezes da fortuna, ou da fortuna os revezes.*

Em todas as Construcções, os adverbios de quantidade devem ir antes do adjectivo, como : *Muito douto ;* os de qualidade podem ir antes, ou depois, como : *Firmemente creio, ou Creio firmemente.*

O complemento objectivo, quando não leva preposição, vai depois do verbo ; depois o terminativo, quando o ha ; e depois deste ás vezes vai o fim da acção, como : *Ensino Grammatica aos meninos para utilidade delles*. Porem se o complemento objectivo leva preposição, ou se é algum dos casos *me, te, nos, vos, se, o, a, os, as*, póde sem equivoco ir antes ou depois do verbo, como : *A Turno matou Eneas*, ou *Éneas matou a Turno*, (a primeira construcção é invertida) *Pedro nos ama*, ou *Pedro ama-nos*. *Que, Qual, Quem*, vão antes do verbo, quando servem de complemento objectivo, ou terminativo.

Os casos *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, estão sempre antes do complemento objectivo, quando andão com verbos ao mesmo tempo activos e relativos, como : *Elle me deo um livro*, ou *Deo-me um livro*. Esta doutrina, e a exposta sobre o complemento

**Pag. 121**

objectivo, é para todas as Construcções.

O objecto, termo e fim da acção do verbo, podem trazer consigo outros complementos, e modificações : e neste caso é preciso arranjal-os, como ensinão as duas regras seguintes :

1.<sup>a</sup> Nunca pôr depois do verbo mais que dois, até trez complementos, e se ha mais pôl-os antes.

2.<sup>a</sup> Ordenar estes mesmos complementos, pertencentes á mesma palavra, de maneira que o mais curto vá immediato á palavra, a que serve de complemento, e ir seguindo nos mais esta mesma regra, de modo que o mais comprido fique para o fim, como : *Principiada a guerra, ó Cezar, e feita já tambem em grande parte, de pensado e vontade propria, sem que ninguem a isso me obrigasse, me fui metter no partido, que tinha tomado as armas contra ti*.

Quanto ao logar das proposições no corpo do periodo, a principal é a primeira na Construcção Direita, e depois as subordinadas ; porem isto nem sempre convem ; e é preciso então seguir a Construcção Invertida, da qual trata o seguinte §.

## § II. Da construcção invertida.

A Construcção é *Invertida*, quando o sentido do que está primeiro, depende do que vai depois, e porisso nesta Construcção está o nosso espirito sempre suspenso á espera das palavras seguintes, para entender o sentido das antecedentes.

Esta maneira de construir o discurso chama-se *Anastrophe* ou *Inversão* ; porque nesta Construcção occupão o primeiro logar as palavras, que na Construcção Direita occupavão o segundo ; nesta se diz, por exemplo : *Sua ambição estimula-os a tão ardua empreza* ; na invertida porem diz-se : *A tão ardua empreza os estimula sua ambição*.

**Pag. 122**

E' viciosa toda a Construcção em que o sentido fica ou difficil de se perceber, ou escuro, ou equivoco, ou absurdo, como : *O homem todo é mortal* ; e *Naquelle Deus que o mundo governa* ; o primeiro exemplo é absurdo ; o sentido do segundo se não está escuro e equivoco, é porque a frase o não permite, mas nem porisso ella deixa de ser

viciosa : porque não é permittido pôr o complemento objectivo antes do verbo, senão nos casos apontados a cima.

Quando o verbo é passivo pôde estar no fim da proposição, como : *Nunca a temeridade com a sabedoria se mistura, nem a conselho o caso é chamado*. Mas quando o verbo é activo, a Lingua Portugueza gosta mais de o pôr á frente da proposição com o sujeito e attributo depois, como : *Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes*.

As Construcções Invertidas são muitas vezes necessarias, para conseguir estes sete fins : 1.º para aproximar ao objecto as ideas que lhe são relativas, como : *Cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia*. 2.º para evitar ambiguidades, como : *De todos os homens, este é o mais digno de compaixão*. 3.º para contrastar ideas e pensamentos uns com outros, como : *Elles tinhão a vantagem do numero, a do logar os nossos*. 4.º para ajuntar e coordenar em uma proposição total muitas parciaes, e em um periodo muitas totaes. 5.º para variar a forma do discurso, e evitar a monotonia das construcções. 6.º para apresentar á vista, onde mais convem, as ideas importantes, como : *A tão honrados Turcos e valentes Janisaros, como estaes presentes, toca acudir pola honra da vossa gente*. 7.º para dar ao discurso mais suavidade e harmonia.

Daqui se vê que a Construcção Invertida é tão natural, como a Direita ; não só por ser muitas vezes necessaria, mas tambem porque uma, e outra

**Pag. 123**

se conformão igualmente com o pensamento ; pois que nelle não ha successão nas ideas relativas, ha sim ligação ; e tão ligadas estão as ideas na Construcção Direita, como na Invertida ; com tanto que as ideas relativas se não separem, mettendo-se-lhes no meio outras que não continuem a mesma relação, como succede na Construcção Transposta, propriamente dicta, a qual pouco logar pôde ter na Lingua Portugueza, como passamos a mostrar.

### § III. Da construcção transposta.

A Construcção é *Transposta*, quando *as palavras* que devem estar unidas, *se apartão mettendo-se-lhes* no meio *outras* ou da mesma relação, como se vê nesta mesma regra, ou de differente, como : *Em versos divulgado numerosos*. Este modo de construir chama-se *Hyperbato*, isto é, *Transposição*, ou *Ordem Interrupta*.

A Lingua Portugueza não admite senão aquellas Interrupções que o são impropriamente ; como succede quando *duas palavras*, ou concordadas, ou regidas, *se apartão*, mettendo-se-lhes no meio outras, que modificão algumas dellas.

Pelo que não é permittido separar o adjectivo do seu substantivo, se não com alguma palavra que modifique o mesmo objectivo, como : *O amor verdadeiramente paternal ; Mares nunca dantes navegados*. Porisso é muito para estranhar o seguinte verso de Camões :

... Que em terreno  
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

Entre o nome substantivo e a incidente que o modifica, pôde metter-se um adjectivo, ou complemento restrictivo, com tanto que não haja equívoco,

**Pag. 124**

como : *O Cidadão benemerito, ou de merecimento, que serve a sua Patria, &c.*

Entre o verbo e o termo de sua relação podem-se metter algumas palavras, com tanto que não sejam muitas, como : *A um Cidadão honrado, como tu es, cumpre, &c.*

Muitas vezes entre o sujeito e o verbo se mettem adjectivos, ou incidentes, que modificão o mesmo sujeito, como : *Todo o homem que ama a verdade, e deseja sinceramente acertar, não deve dar ouvidos a lisongeiros.*

E' costume não metter entre o complemento objectivo e o verbo, senão algum adverbio, ou alguma pequena circumstancia, pertencente ao mesmo verbo, como : *Estudo com cuidado ou cuidadosamente a lição ; mas não posso dizer : Estudo mais do que em outro tempo estudava a lição.*

Entre a preposição e seu antecedente, pôde metter-se alguma palavra que continue a mesma relação, como : *O Cabo chamado das tormentas ; mas não se tolerão palavras de differente relação, como em Camões :*

*A grita se levanta ao Céu, da gente.*

Em fim, todas as regras das Transposições na Lingua Portugueza, estão comprehendidas nas seguintes palavras : Entre duas palavras ou concordadas ou regidas, nunca se metta senão alguma pequena circumstancia, ou algumas palavras, e essas poucas, que modifiquem uma das palavras concordadas ou regidas.

Do desprêso desta regra nascem as *Syncheses*, isto é, as Misturas e confusões das palavras no discurso, como se vê em Mousinho em seu Affonso Africano :

Entre *todos* co' dedo era notado  
*Lindos moços* de Arzila, em galhardia.

Isto é : *Com o dedo era notado em galhardia entre todos os lindos moços de Arzila.*

**Pag. 125**

Em Franco Barreto :

*Por ver em que montanhas* se dos mares  
*Livrou, anda vagando em que lagares.*

Isto é : *Por ver em que montanhas, e em que logares anda vagando, dos mares se livrou.*

Em Ferreira :

Os louros e heras, de que coroados  
Serão *Os bons Poetas*, já crescendo  
Soberbamente vão, *por ti honrados.*

Isto é : *Ja crescendo soberbamente vã os louros e heras, de que serão coroados os bons Poetas, por ti honrados.*

Estão em fim expostas compendiosamente a Orthoepia, Etymologia, Syntaxe, e Construcção. Resta-nos pois a Orthographia, de que exporemos somente as noções mais geraes no Capitulo seguinte.

**Pag. 126**



# Orthographia da lingua portugueza.

## *Introdução.*

Não sei por que fatalidade muitos homens se tem esmerado em contrafazer a natureza das cousas, dando-lhes taes voltas, que por mais clara, simples e facil que seja qualquer materia, fica sendo escura, difficil, e até as vezes mysteriosa. Ninguem ha que desconheça a simplicidade e singeleza natural da Escripura propria da Lingua Portugueza. Com tudo este systema de Orthographia, por ser de facillima comprehensão, foi substituido por outros dependentes por uma parte do capricho, e por outra de tantos conhecimentos, que mui poucos de entre nós podem ler e escrever sua propria Lingua. Fallo da Orthographia Usual, que umas vezes segue as Etymologias ; outras a Pronunção ; e outras vezes nem as Etymologias, nem a Pronunção.

A Orthographia Etymologica tem regras, é verdade, porém é mais difficultosa do que muitos pensão ; porque é necessario saber não só a Lingua Latina, a Grega, e a Hebraica, mas tambem outras muitas, donde a Lingua Portugueza tem igualmente recebido um grande numero de palavras. E' muito louvavel que os sabios examinem essas derivações, para esclarecerem a nossa lingua, e facilitarem a intelligencia e o estudo da mesma, conservando na pronunção e na escriptura os vestigios, que indicão a origem e analogia das palavras porém como estes vestigios estão mais nos sons, de que os vocabulos se compõe, do que nas letras que o representão ; parece razoavel que os Sabios se

**Pag. 127**

deverião contentar com escrever os vocabulos como os pronunção, e só com os caracteres do Alphabeto Nacional porque, a se escreverem os vocabulos, como se escrêverão ou se escrevem nas Linguas, donde os trouxemos para a nossa, será preciso introduzir nella caracteres de muitos Alphabetos estrangeiros, e constituir assim a maioria da Nação na impossibilidade de ler e escrever sua propria Lingua. Este é verdadeiramente o estado actual da maior parte de nossos concidadãos.

Tem sido até agora inuteis os clamores de nossos Philologos mais abalisados, e amigos da Instrucção Publica. Estes dizem que aos Sabios pertence fixar a verdadeira pronunção da Lingua, e escrevel-a como a pronunção ; que aos mais cumpre rectificar a pronunção com o estudo da Grammatica da Lingua, com a lição dos escriptores della, e com a communicacão dos que a fallão com pureza ; e depois escrever como pronunção. Este Systema é o da Orthographia Philosophica ou da Pronunção, no qual estão reunidas em conformidade as derivações, a pronunção, e a escriptura. Este Systema é sem contradicção o de menos inconvenientes ; pois não se póde negar que em se escrevendo como se pronuncia, sem caracteres ociosos e estrangeiros, todos saberão ler : muitos escreverão com certeza : e o resto escreverá com menos erros, do que até agora.

Mas todas estas e outras poderosas razões tem sido postergadas, e o continuarão a ser. Pelo que neste brevissimo Tractado se acharão expostos os tres Systemas de Orthographia, para cada qual escolher o de que mais se agradar.

## Capitulo IV. Da Orthographia da Lingua Portugueza.

ORTHOGRAPHIA é a Arte que ensina a escrever

Pag. 128

certo. <sup>78</sup> Ha tres Systemas de Orthographia, a saber: *Orthographia Etymologica*, *Orthographia Usual*, e *Orthographia Philosophica* ou *da Pronunção*.

A *Orthographia Etymologica* manda escrever não só os sons, com que pronunciamos os vocabulos, mas tambem os que elles tiverão, ou tem nas Linguas donde os houvemos; como o vocabulo *Orthographia*, que escripto deste modo, representa não só os sons com que o pronunciamos, mas tambem os que teve na Lingua Grega, donde o recebemos.

A *Orthographia Usual* quasi que não tem regra alguma que mereça este nome (excepto as que são communs a todas as Orthographias); porque umas vezes segue as Etymologias, e outras simplesmente o capricho; nem ella é um systema; é sim um aggregado de inconsequencias. <sup>79</sup>

A *Orthographia da Pronunção* ou *Philosophica* ensina a escrever com as letras do Alphabeto Nacional, que forem indispensaveis, para representar os sons de que se compõe os vocabulos no uso vivo da Lingua; como o vocabulo *Ortografia* que escripto deste modo, representa justamente os sons com que o pronunciamos.

Pag. 129

A *Orthographia Etymologica*, e a Usual estão muito fóra do alcance da maior parte da Nação. Todos podião usar da *Orthographia da Pronunção*; e assim haveria unidade de Systema, a qual tanto nisto, como em tudo, é muito para desejar. No

---

<sup>78</sup> Como se ha de averiguar se uma palavra está ou não escripta com certesa? Responder-me-hão que é comparando a escriptura com seo objecto. Mas, qual é esse objecto? Póde ser que me digão que são os sons de que se compõe os vocabulos. Se isto assim fóra, a arte de escrever certo seria mui facil; pórem infelizmente a certeza da escriptura é relativa não ao vocabulo, mas sim á vontade dos Orthographos; isto é, a escriptura deve representar não os sons dos vocabulos, mas sim as opiniões dos Grammaticos: de maneira que no Systema Etymologico, um vocabulo está bem escripto, se está cheio de letras ociosas e estrangeiras, para representar as Etymologias; no Systema da Orthographia Usual, está certo um vocabulo, se umas vezes se conforma ás Etymologias, e outras ao capricho. No Systema Philosophico, está bem escripto um vocabulo, se a escriptura representa fielmente seu objectivo real, isto é, os sons de que o mesmo vocabulo se compõe.

<sup>79</sup> Este systema está presentemente em desuso, substituido pelo Etymologico.

entanto aqui se acharão as Regras communs a todas as Orthographias, e as que são particulares a cada Systema.

## § I. Regras communs a todas as orthographias.

### REGRA 1.<sup>a</sup>

As palavras nativas da Lingua Portugueza devem ser escriptas com as letras do Alphabeto Nacional. Destas letras já tractamos na Orthoepia.

Nunca se dobrão as letras no principio, e fim dos vocabulos. Os antigos dobravão as vogaes finaes, quando as pronunciavão com accento agudo, ou circumflexo, como : *See, Mercee* ; nós porém escrevemos *Sé, Mercê*. Em *Enjôo, Vôo, Môo, &c.*, dobrão-se as vogaes, porque se pronunciaão.

Não é razoavel metter nos vocabulos letras que lhes não competem nem por derivações, nem por motivo da pronunciação ; e porisso não é justo escrever *Hum, He* com *H*, porque estes vocabulos o não tem na sua origem (*Unus, Est.*)<sup>80</sup>.

Nunca se escreve letra grande no meio e fim dos vocabulos.

Escreve-se com todas as letras grandes os titulos de qualquer livro, as inscrições de qualquer obra ou sepultura, a primeira palavra por que se

**Pag. 130**

principia a tractar qualquer materia. O Santissimo Nome de JESUS tambem se escreve com todas as letras grandes, por motivo de respeito e veneração. Tudo isto porem é na letra redonda, pois que em letra de mão, escreveremos todas estas palavras só com a primeira letra grande.

Escrevem-se com a primeira letra grande as palavras seguintes : 1.º A primeira palavra depois de ponto final ou simples, ou de interrogação, ou de exclamação, e tambem a primeira palavra de cada verso, e a primeira palavra de qualquer discurso que se relata de outrem, ainda que precedão só dois pontos.

2.º Todos os nomes proprios, ou sejam de pessoas, como : *Cezar* ; ou de cousas, como : *Brazil, Tejo* ; ou de appellidos, como : *Souza, Menezes* ; ou de artes e sciencias, como : *Theologia, Grammatica, Logica* ; e os nomes que significão os professores dellas. como : *Theologo, Grammatico, Logico* ; ou sejam nomes de mezes, como : *Janeiro* ; ou nomes patrios, e gentilicos, como : *Brazileiro, Maranhense, &c.*

3.º Qualquer palavra que faz o objecto principal do discurso, como : *Lei, Alvará, &c.* Os tractamentos politicos, como : *V. M., Exc.<sup>a</sup>, S.<sup>a</sup> &c.* Os appellativos que significão ou titulos de honras, dignidades, ou gráus de parentesco, tambem se escrevem com letra grande, quando estes nomes são applicados a pessoas particulares, como : *Rei, Bispo, Pai, Mãe, Primo, &c.* Finalmente, as palavras que dizem

---

<sup>80</sup> Lemos com attenção as razões que em sua *Grammatica Analytica*, impressa em 1831, dá contra esta doutrina um sectario da Orthographia Usual ; porém não lhes conhecemos solidez, e porisso não admittimos as regras que elle dá, porque são fundadas no arbitrio.

respeito immediatamente a grandes pessoas, como : S. M. *Ordena* que se *Lhe* enviem &c.

## REGRA 2.<sup>a</sup>

As palavras susceptíveis de duas significações, devem ser notadas com um *accento* para distincção, quando isto poder ser, como : *Pregar*, segurar com prego, e *Prégar*, anunciar verdades religiosas.

Pag. 131

Em quanto aos preteritos e futuros do singular, é preciso distinguil-os com um *accento*, como : *Amára*, *Amará* ; mas no plural bastará *accentuar* constantemente os preteritos, para os distinguir dos futuros, pois que nestes se não pôde pôr *accento*, porque o lugar delle está occupado com o *til*, como : *Amárão*, *Amarão*. Em quanto ás palavras que se não podem distinguir, como : *Rio*, nome, *Rio*, verbo, o contexto do discurso mostrará a significação dellas, bem como pôde mostrar o das outras acima.

Quando alguém duvidar se ha de escrever *e*, ou *i*, *o*, ou *u*, observe se estas vozes vem antes de *syllaba* aguda, ou depois. Se vem antes, é preciso conjugar essa palavra, sendo verbo, até que a voz confusa se faça distincta ; e sendo nome, é preciso procurar-lhe sua derivação, a qual mostrará a letra com que se deve escrever, v. g : quem não souber com que vogaes deve escrever as primeiras *syllabas* dos verbos *Ciar*, *Cear*, *Moer*, *Soar*, *Suar*, ponha estes verbos no presente do indicativo deste modo : *Eu cio*, *Eu ceio*, *Eu môo*, *Eu sôo*, *Eu suo*, e ficará sem duvida alguma. Sendo nome, sua origem mostrará com que vogaes o devemos escrever ; pois se, por exemplo, escrevemos *Asseado*, *Fofice*, *Pomar*. &c., é porque dizemos *Asseio*, *Fofo*, *Pomo*, &c.

Vindo porem as ditas vozes confusas depois da *syllaba* aguda, a que sôa como *i*, escreva-se com *e*, como : *Prudente* ; e a que sôa como *u*, escreva-se com *o*, como : *Antonio*, *Marcos*, &c. Em quanto aos *dithongos*, logo fallaremos.

## REGRA 3.<sup>a</sup>

Os nossos cinco sons vogaes nasaes podem escrever-se ou simplesmente com o *til* por cima, deste modo : *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ* ; ou com *m* adiante, sendo a ultima *syllaba* de um vocabulo, como : *Som*, ou ficando

Pag. 132

antes de *B*, *P* e *M*, como : *Pombal*, *Campo*, *Commum*, &c. ; em todos os mais casos se escreve *n* como : *Tanto*, *Touro*, &c. <sup>81</sup>

Em quanto aos *dithongos* oraes, todos podem escrever com *i* estes cinco *ai*, *ei*, *oi*, *ói*, *ui* ; menos os pluraes dos nomes acabados no singular em *al ol*, *ul*, como : *Animaes*, *Caracoas*, *Tafues*. Os outros cinco *au*, *éu*, *êu*, *iu*, *ou*, não ha inconveniente em os escrever

---

<sup>81</sup> A Orthographia actual não permite que as vozes nasaes *ẽ*, *ĩ*, *ũ*, se representem assim ; pelo que no fim dos vocabulos, e antes de *b*, *p*, e *m*, escreveremos *em*, *im*, *um*, e nos outros casos *en*, *in*, *un*.

assim ; porem o costume quasi geral, faz uma excepção nas terceiras pessoas do singular dos preteritos perfectos da 2.<sup>a</sup>, e 3.<sup>a</sup> conjugação, e tambem do verbo *Dar*, como : *Deo, Moveo, Unio, &c.* Quem quizer póde não fazer esta mesma excepção. Esta pratica, sendo constante, é approvada em todos os Systemas.

Em quanto aos dithongos nasaes, *ãi, ão, õe, uim*, como : *Mãi, Mâis, Mão, Mãos, Poe, Pões, Ruim, Ruins* ; esta é a sua melhor escriptura, por ser livre de inconvenientes, e approvada por todos, ainda que muitos não a sigão.

#### REGRA 4.<sup>a</sup>

Nunca se dóbrão as consoantes, *V, Z, J, X, Ch, Lh, Nh, Q* ; as mais dobrão-se ás vezes entre vogaes.

Quando na pronunciação se não percebe *u* intermedio, sempre se escreve *C* (que), e *G*, (gue) antes de *a, o, u*, como : *Garrafa, Costume* <sup>82</sup> ; e quando se percebe *u* intermedio, e tambem antes de *e, e i*, sempre se escreve *Qu*, e *Gu*, como : *Guarda, Guerra, Qualidade, Questão, &c.*

Pag. 133

#### REGRA 5.<sup>a</sup>

Quando for preciso dividir um vocabulo no fim da regra observe-se o seguinte. As palavras dividem-se pelo fim de cada syllaba, pois nunca se apartão as letras de que as syllabas se compõe. Pelo que havendo duas consoantes da mesma especie, como dois *mm*, dois *nn*, dois *ll*, &c., cada qual ficará de sua parte, como : *Ap-pel-li-do* &c. Havendo no vocabulo junctas as letras *cc, gm, gn, ct, nm, vt*, ambas pertencem á syllaba de diante, como : *A-cção, Au-gmento, Di-gno, Fa-cto, Som-no, A-ptidão, &c.* .

As palavras compostas de outras, dividem-se pelas partes de que se compõe, como *An-helar, &c.* Pelo que é preciso que não haja engano, quando se dividem as palavras em que entrão estas preposições compositivas : *A, Ab, Abs, Con, De, Des, In, Ob, Pre, Re, Sub, Trans, &c.* como : *A-spergir, Ab-lução, Abs-trahir, Con-struir, De-struir, Des-unir, In-habil, In-struir, Ob-struir, Pre-star, Re-star, Sub-stituir, Trans-acção, &c.*

## § II. Regras proprias da Orthographia Etymologica, e da Usual.

As palavras Portuguezas derivadas da Lingua Grega, Latina, Arabe, &c., conservão na escriptura as letras da sua origem, que ou forão admittidas entre nós, ou costumão ser substituidas por outras do nosso Alphabeto.

---

<sup>82</sup> Ainda que se não perceba o som de *u* intermedio, os Etymologistas escrevem com *Qu* algumas palavras, como : *Quaderno, Enquadernar, Quartola, Quatorze, Quociente, Quotaparte Quotidiano, e poucos mais.*

Estas Letras, mais particularmente destinadas para mostrar a origem de muitas palavras da Lingua Portuguesa, são as seguintes : *K, Y, Th, Ph, Rh, Ch* (que), *Ps, H, X, C, Ç, G, S*.

O *K* está em desuso, porque antes de *a, o, u*, se

**Pag. 134**

escreve *C*, e antes de *e*, e *i* se escreve *Qu*, v. g. : *Calendario, Quirios*.

Do *Y* se uza nos vocabulos de origem Grega, porém está em costume empregal-o só nas palavras que não tem passado ao uso vulgar, como : *Hyperbole, Hypothese, &c* ; e porisso já o não escrevem em *Pigmeu, Martir, &c*. Não é coerente escrever *y* nas palavras que o não tem na sua origem, como escrever *Ley, Rey, Comboy, &c*.

O *Th* conserva-se nas palavras que o tem na sua origem Grega, como : *Thesouro, Throno, &c*. ; comtudo não se repara em omittil-o nas palavras mais vulgares, como : *Asma, Cantaro, &c*.

O *Ph* se escreve nas palavras de origem Grega, como : *Philosophia* ; porem a Orthographia Usual umas vezes usa delle, como em *Phantasma* ; outras não, como em *Profeta, &c*.

O *Rh* em poucas palavras se escreve, como : *Rhetorica, Rheumatismo Catharro* que ja muitos escrevem sem *h*.

O *Ch* representa o som de *X* na escriptura da Lingua Portuguesa, e porisso muitos, para evitar equívocos e erros de leitura, o não empregão com o som de *C*. Escrevem por tanto : *Arquitecto, Arquivo, Caridade*, com *Ch*, como fazem outros, para se conformarem com a origem desses e de outros muitos vocabulos. Esta segunda pratica é embaraçosa, porém mais etymologica. Advirta-se que ás vezes, a pezar das derivações, é necessario omittir o *Ch*, e usar do *C*, para evitar equívocos e distinguir alguns vocabulos, v. g. *Côro*, de musica, de *Chôro*, pranto.

O *Ps* tambem está em desuso, e já se escreve *Salmo, Salterio* ; é porém mais exacto escrever *Psalmo, Psalterio* ; e tambem é preciso escrevel-o nas palavras em que se pronuncia, como em *Lapso, &c*.

Fóra das interjeições o *H* não tem valor algum entre nós, porém escreve-se nas palavras que tem

**Pag. 135**

*H* na Lingua Latina, como : *Habito, Inhabil, &c*. Não se escreve nas palavras que o não tem na sua origem Latina, como : *Um, E', Cair, Sair, Até, &c.*, e tambem se não deve escrever nas palavras puramente Portuguezas. Usa-se do *H* nas interjeições, porque estas vozes são aspiradas, como : *Ah ! Oh ! &c*. (vid. not. 3 pag. 130.)

Sobre quando se ha de escrever *X*, ou *Ch*, nenhuma regra segura se póde dar, a não ser a de consultar a origem das palavras, ou o Diccionario. Isto não obstante, podem ser uteis as regras seguintes. Escreve-se *X*, no principio de algumas palavras, quasi todas de origem Arabe, como : *Xadrez, Xergão, Xarel, &c*. Em quanto ao meio das palavras, depois de vogal nasal e tambem depois de dithongo, ordinariamente se escreve *X*, como : *Enxada, Enxofre, Ameixa, Baixo, Deixar, &c*. Ha porém outras palavras que se escrevem com *X*, alem das comprehendidas nesta regra.

Isto é quanto a *X* e *Ch*, quando ha este som ; porem ainda não o havendo, se escreve *X* nas palavras que tem esta letra na sua origem, como : Exemplo, *Texto*, *Mixtura* (que já muitos escrevem *Mistura*), &c. Quanto aos sons que tem o *X*, veja-se a pag. 12.

Quanto ao *C* antes de *e*, e *i*, deve ter logar só nos vocabulos que se escrevem assim na sua origem, como : *Cem*, *Cera*, *Ceder*, &c.

No principio das palavras póde-se escrever sempre *S* antes de *a*, *o*, *u*, como : *Safira*, *Sapato*, &c. ; pois os que escrevem estas e outras palavras com *ç* no principio, não tem razão para o fazer.

Quanto ao meio e fim dos vocabulos, escreveremos com *ç* todos os nomes substantivos acabados em *aça*, *êça*, *iça*, *oça*, *uça*, e em *aço*, *êço*, *iço*, *uço*, como : *Ameaça*, *Cabeça*, *Rebuço*, &c. ; e tambem os acabados em *ão*, *ia*, *io*, derivados dos nomes Latinos que tem a penultima *ti*, como : *Lição*, *Prudencia*,

**Pag. 136**

*Obrepticio*, &c. Por este motivo acabão em *çção* os nomes que no Latim tem a penultima *cti* como : *Coacção*, *inspecção*, &c., e os verbos derivados destes, como : *Accionar*, *Inspeccionar*, &c. ; com tudo *Lição*, e *Interjeição* se escrevem assim ; o primeiro, porque o uso assim o manda ; e o segundo, porque muda o primeiro *e* em *i*. Advirta-se que antes de *e*, e *i*, o *C* não leva- cedilha.

Antes do *i* não se escreve *J*. Antes de *e*, o escrevemos em *Jejum*, *Jerarquia*, e seus derivados : *Jeroglyphico*, *Jenolim*, *Jellata*, *Jeropiga*, *Jeronymo*, *Jerusalem*, *Jericó*, **JESUS** ; quasi todos os mais principião por *G*.

Em quanto ao meio das palavras, todas as derivadas do Verbo Latino *Jacio*, se escrevem com *J* antes de *e*, como : *Objecto*, *Sujeito*, *Rejeitar*, &c. Em quanto ao fim, os verbos acabados em *jar*, conservão o *J* em todas as suas formas ; e os verbos acabados em *ger*, e *gir* mudão o *G* em *J* antes de *a*, *o*, *u*. Em quanto ás palavras puramente Portuguezas. deve-se usar sempre do *J* antes de *e*.

Para se saber quando se hade escrever um só *S*, ou dois *SS*, ou *Ç* com cedilha, observe-se o seguinte. Entre vogal e consoante, escreveremos um só *S*, como : *Falso* ; entre vogaes escrevemos um só *S*, quando tem o som de *Z*, como : *Rosa*, mas tendo o som de *Ç*, escreveremos dois *SS*, quando não for palavra que esteja comprehendida na regra a cima, nem das que tem *c* no Latim, como : *Faço*. No principio das palavras, e entre vogal e consoante, escreva-se *Z*, quando houver este som, como : *Zabumba*, *Anzol*.<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> O conteúdo nesta regra tem muitas excepções, pois é costume escrever com *Z*, 1.º as palavras que tem no Latim *e*, ou *t*, como : *Razão* de *Ratio*, *Vizinho* de *Vicinus*, *Dizer* de *Dicere*, *Jazer* de *Jacere*, *Fazer* de *Facere*, *Reduzir* de *Reducere*, &c. e tambem as variações dos verbos *Pôr*, e *Querer* ; 2.º os nomes acabados no singular em *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz*, como : *Gaz*, *Convez*, *Mez*, *Matriz*, *Foz*, *Arroz*, *Cafuz* ; isto se entende só com os nomes, e destes mesmos se exceptuão os que tem *s* no Latim, como : *Tres* de *Tres*, *Paris* de *Parisii*, *Diniz* de *Dionisius*, &c. : 3.º ordinariamente os nomes acabados em *eza*, como : *Fraqueza*, *Belleza*, &c. : e os verbos acabados em *ezar*, como : *Afreguezar*, *Tyranizar*, *Prazer*, &c. : 4.º a maior parte das palavras que principião por *Az*, como : *Azinhaga*, *Azul*, *Azevedo*, &c. Pelo contrario nem sempre entre consoantes se escreve *Z*, quando ha este som, como succede em todas as palavras compostas da preposição *Trans*, como em *Transacção*, &c. ; e

Em quanto ao *R*, dobra-se entre vogaes, quando soa forte, como : *Terra* ; exceptuão-se as palavras compostas, como : *Prorogar, Derogar, &c.*

Em quanto ás outras consoantes que se dobrão por causa da Etymologia Latina, nenhuma regra segura podemos dar, pois o saber isto depende de muito conhecimento da Lingua Latina, principalmente para as syllabas do meio. Em quanto ás do principio, pôde ser util o seguinte.

As preposições compositivas *Ad, Con, In, Ob, e Sub* mudão ordinariamente a ultima consoante naquella, por que principia a palavra que ellas compõe, como : *Affecto, Aggravo, Commodo, Immoval, Oppor, Suppor, &c.* Toda a palavra que principia por *Di, E, O, e Su*, seguindo-se-lhe immediatamente *f*, dobra esta letra, como : *Differença, Effeito, Offensa, Sufficiente, &c.*

Segue-se uma lista de algumas palavras, das que o uso escreve de differente modo, para as distinguir, por serem susceptiveis de mais de um sentido ; bem que o contexto do discurso bastaria, para se fazer esta distincção na leitura, assim como é sufficiente para quem ouve fallar ou falla com outros.

*Barata, de pouco preço. | Baratta, bicho.*  
*Bota, de calçar. | Botta, de vinho.*  
*Capa, do verbo capar. | Cappa, vestido.*  
*Cometa, corpo luminoso. | Cometta, verbo.*

*Moleira, de moinho. | Molleira, de cabeça.*  
*Molinhar, moer. | Mollinhar, chover.*  
*Pena, castigo. | Penna, das aves.*  
*Saca, verbo. | Sacca, sacco grande.*  
*Velar, de noite. | Vellar, a Freira.*  
*Aço, ferro fino. | Asso a carne, verbo.*  
*Ceda, verbo. | Seda, nome.*  
*Cegar, os olhos. | Segar, o trigo.*  
*Cella, de Frade. | Sella, de cavallo.*  
*Celleiro, de trigo. | Selleiro, que faz sellas.*  
*Cem, numero. | Sem, preposição.*  
*Cerrar, com feicho. | Serrar, com serra.*  
*Cervo veado. | Servo, captivo.*  
*Cinto, que cinge. | Sinto, tomo sentimento.*  
*Concelho, ajuntamento do Povo. | Conselho, dos Sabios.*  
*Apreçar, fazer preço. | Aprestar, adiantar os passos.*  
*Empoçar, metter no poço. | Empossar, tomar posse.*  
*Incerto, duvidoso. | Inserto, inserido.*  
*Maça, de ferro. | Massa, de farinha.*  
*Paço, casa Real. | Passo, de cinco pés.*

---

tambem se não põe dois *SS*, quando ha som de *ç* nas palavras compostas, como :  
*Outrosim, Presentir, Resurgir, Verosimil, &c.*



Estas bastão para exemplo. Em quanto ás que se distinguem pelos accentos, já dissemos o que se devia fazer.

Apezar de termos passado mui ligeiramente pela Orthographia Etymologica, e pela Usual, bem se deixa ver o quanto estes Systemas são cheios de empecilhos, e porisso difficeis e complicados. Não acontece o mesmo na Orthographia Philosophica. Neste Systema tudo é certeza, segurança, clareza, e facilidade. Delle passamos a tractar, e em quanto o fizermos, servir-nos-hemos da mesma Orthographia da Pronunciação.

Pag. 139

### § III. Da ortografia filozofica ou da pronunsiasão.

#### REGRA UNICA.

Qualquer palavra que se pretenda escrever, pronuncie-se primeiro bem, e escreva-se como se pronuncia com os caracteres do Alfabeto Nacional, correspondentes aos sons, de que o vocabulo consta. Esta regra não tem eissesção alguma ; é só preciso fazer applicação dela.

Quanto ás vozes confuzas *e, i, o, u*, siga-se o que fica dito na Regra 2.<sup>a</sup> ; porém os que assim mesmo ficarem indesizos, escolhão qualquer delas.

As vozes nazaes, e os ditongos escrevem-se, como fica dito na Regra 3.<sup>a</sup>.

A respeito das consoantes *G, C, Gu, Qu*, observe-se o que fica dito na Regra 4.<sup>a</sup>, pondo-se dois pontos sobre o *ü*, quando ele se ouvir na pronunsiasão, como em *Güarda, Qüal, &c.*

Os dois *SS* entre vogaes, o *Ç* com cedilha antes de *a, o, u*, e sem ela antes de *e, e i*, nada disto é admitido na Ortografia da Pronunsiasão, por serem letras que muito embarasão a quem não sabe o Latim, e quer escrever serio. Em lugar desas letras, uze-se constantemente do *S* com o som de *Ç*, tanto no prinsipio das palavras, como no meio, entre vogaes &c., como em *Serteza, Corasão, &c.*

As palavras que na Ortografia Etimologica prinsipião por *Se*, ou o tem no meio, como *Sciencia, Convalescer, &c.*, escrevem-se com *S* deste modo : *Siensia, Convaleser, &c.*, eisseto quando a Pronunsiasão ordenar o contrario, como *Sussitar, Condessenger, &c.* ; porem asim mesmo nunca escreveremos *C*, porque um sistema, fundado na razão, não pode ser incoerente. Da mesma sorte os vocabulos terminados em *cção*, nós os terminaremos

Pag. 140

em são, como : *Acção*, escreva-se *Asão* ; mas aqueles vocabulos em que se ouve *cs*, escrevõ-se como se pronunsiação, como : *Ficsar*, e não *fixar* ; *Complecso* e não *Complexo*.

Sempre que se ouvir o som de *Z* em qualquer palavra, escreve-se esta mesma letra, e nunca *S* com valor de *Z*, como : *Roza, Caza*. Da mesma sorte nunca se uzará de *Ex* valendo por *Eis* ou *Eix*, como : *Expor, Exemplo*. Tambem se não escreve *Z* quando não ha este som ; pelo que as finaes agudas *az, ez, iz, oz, uz*, todas se devem escrever

com *S*, deste modo : *as, es, is, os, us*, pondo-se-lhes por cima da vogal o asento conveniente, como : *Rapás, Pês, Pés, &c.*

Da mesma sorte o *G* valendo por *J* antes de *e*, e *i*, fica rejeitado ; pelo que, sempre que se ouvir o som *J* (*Je*) escreva-se esta mesma letra, como : *Jente, Jiro, Majestade, &c.*

Em quanto ás letras *X*, e *Ch*, como (apezar do que alguns Grammaticos dizem) elas tem o mesmo som, é preciso escolher uma, uzar dela sempre, e rejeitar a outra ; porque o Alfabeto Filosofico não deve ter letras superfluas.

O *H*, bem se vê que não póde ter logar senão nas consoantes, *Ch, Lh, Nh*, e nas interjeições ; bem que nestas ele não é de absoluta nesiedade.

Em quanto aos vocabulos estrangeiros, escrevem-se como se pronunsião entre nós ; pelo que escreveremos *Lóné, Blutó*, e não, *Launé, Bluteau, &c.*

Todos os vocabulos devem acabar ou em vogal, ou em alguma das consoantes *L, M, R, S*. Temos só duas acabadas em *N*, que são *Canon, Iman* ; porque *Regimen, &c.*, se deve escrever *Rejime*, assim como se escreve *Lume, &c.*

Como as Letras fôrão inventadas para representar os sons, e não as Etimologias ; bem se vê que a Ortografia da Pronunsião, guiando-se pela natureza das couzas, não admite letras dobradas, osiosas

**Pag. 141**

e sem valor. Só é presizo dobrar o *R*, quando entre vogaes tem som forte como em *Carro*.

Quanto á divizão das palavras no fim da regra, observe-se o determinado na regra 5.<sup>a</sup> na parte que póde ser aplicada á Ortografia da Pronunsião, cujo Tratado aqui damos por concluido ; e porisso tornamos a uzar da Ortografia do costume.

## § IV. Da pontuação.

Pontuação é a arte de distinguir na escriptura as differentes partes do discurso, por meio de certos signaes, adoptados para isso, a fim de por elles se regular a cadencia da voz.

Estes signaes são os seguintes : a Virgula ( , ) ; o Ponto e Virgula ( ; ) ; Dois Pontos ( : ) ; Ponto, ou simples ( . ), ou de Interrogação ( ? ), ou de Exclamação ( ! ).

A Cadencia ou tom e inflexão da voz póde servir de uma regra segura, para cada qual acertar na pontuação, quando escreve ; para o que observe-se o seguinte. Quando alguém escrever, supponha que está fallando, e ponha virgula naquelles logares, em que faria uma pequena pausa, levantando muito pouco a voz ; e naquelles logares em que faria uma pausa maior, abaixando ao mesmo tempo a voz, escreva ponto e virgula, se o sentido não estiver acabado ; e se o estiver, escreva ponto final. Se fizer alguma pergunta, escreva ponto de interrogação, como : *Que fazes tu aí ?* Se se admirar de alguma cousa, ou exclamar, escreva ponto de exclamação, como : *Oh tempos ! Oh costumes !*

O expendido na Regra antecedente é bastante para se conseguirem todos os fins da Pontuação. No entanto aí vão outras Regras, que só differem da precedente, em serem mais complicadas e extensas.

**Pag. 142**

Haja um pequeno espaço em branco entre cada palavra, como se vê nesta mesma Regra.

Devem ter virgula depois de si todos os sujeitos de um mesmo verbo, todos os verbos de um mesmo sujeito, todos os attributos, toda a oração que não rege a seguinte, nem é por ella modificada, e bem assim todos os adjektivos e substantivos continuados. Esta Regra é o exemplo de si mesma.

Toda a oração encravada, isto é, mettida no meio de outra *sem a modificar, nem ser modificada*, deve estar entre virgulas, e tambem os vocativos, e as orações circumstanciaes que não são pedidas pela significação de outra palavra. Nesta mesma Regra está o exemplo.

Quando a mesma palavra tem muitos complementos, ponha-se virgula no fim de cada um, como : *Pedro estudou Grammatica, Philosophia, e Rhetorica.*

Na construcção transposta, as palavras *que se mettem no meio das que devião estar unidas*, devem ter no fim uma virgula, excepto quando a interrupção é produzida por uma só palavra, ou por uma *muito breve* circumstancia. Esta mesma Regra serve de exemplo.

Antes das conjuncções *e, nem, ou, como, que*, e outras semelhantes, só se põe virgula, quando as palavras e orações que ellas atão, excedem a medida de uma pausa ordinaria ; quando porém as palavras e orações são curtas e simples, as mesmas conjuncções supprem as virgulas, que dividirião os differentes sentidos parciaes. Esta regra serve de exemplo.

Duas proposições totaes incomplexas devem ser apartadas só com virgula, como : *Se não tivessesmos defeitos, não gostaríamos tanto de os notar nos outros.*

Porém deve ser apartadas com ponto e virgula duas proposições totaes, dependentes uma da

**Pag. 143**

outra, e compostas de varias orações parciaes ; e assim cada proposição total ficará com as parciaes que lhe pertencem. Esta mesma Regra serve de exemplo.

Tambem se usa de ponto e virgula, quando se faz enumeração de muitas cousas oppostas ou differentes, que se vão contando ou comparando duas a duas, como : *Não havia uma lei em Roma, outra em Atenas ; uma hoje, outra amanhã. Se na vida seguirdes a opinião, nunca sereis rico ; se a conformáreis com á natureza nunca sereis pobre. Destruio casas, e templos ; o sagrado, e o profano ; o seu, e o alheio.*

Em fim, usa-se de ponto e virgula, sempre que o pensamento total de um periodo se acha dividido em muitos sentidos parciaes, por meio de orações totaes com suas dependencias ; mas isto é no caso da primeira e segunda divisão não estarem subordinadas a uma terceira ; porque se o estiverem, esta terceira divisão será notada com dois pontos, como ensina a Regra seguinte, que é um resumo de todos os preceitos da Pontuação.

Assim como quando em um periodo ha uma unica divisão de orações simples, esta se nota com virgula ; mas quando se passa a uma segunda divisão de membros compostos de varias orações, esta já se deve marcar com ponto e virgula : assim tambem quando succede haver uma terceira divisão das duas partes principaes do periodo, chamadas antecedente e consequente, que comprehendem em si varios membros ; esta não pode ser marcada senão com dois pontos, para se vêr que ella é a divisão mestra e principal do sentido total, á qual todas as mais ficão subordinadas. Esta Regra é o exemplo de si mesma.

Uma serie de maximas ou de verdades, relativas ao mesmo objecto, costumão ser apartadas com dois pontos, como : *Usando-se geralmente da Orthographia da pronunciação, todos saberão ler : muitos*

**Pag. 144**

*escreverão certo : e o resto escreverá com menos erros do que até agora.*

Tambem é costume pôr dois pontos no fim da oração, que annuncia que se vão referir palavras de outrem, como : *S. Paulo diz : A fé sem obras é morta.*

Todo o sentido perfeito e grammaticalmente independente de outro, ou conste de uma só oração ou de muitas, deve ser notado com ponto final. Esta mesma Regra serve de exemplo.

A oração em que se pergunta alguma cousa, deve ter no fim um ponto de interrogação, como : *Que fazes tu aí ?*

A oração que exprime exclamação, deve ser notada com ponto de exclamação ou admiração, que é o mesmo, como : *Ah feliz de ti !* Quando a frase interrogativa, ou exclamativa é um pouco extensa, costumão alguns pôr no principio della ou no fim o ponto, para logo desde o principio se ler com o tom proprio, como : *¿Não foi Scipião aborrecido do seo mesmo povo Romano ?*

## § V. De mais alguns signaes da escriptura.

Ao que fica dito sobre os outros signaes da escriptura a pag. 16 a 19 accrescentamos que a *Parenthese*, isto é, Interposição é indicada por dois semicirculos oppostos, dentro dos quaes estão algumas palavras que interrompem o sentido da oração, dentro da qual está a *Parenthese*, como : *Todas as Cidades (não fallando em Numancia) se renderão a Scipião.* Quando a *Parenthese* é pequena, basta pôr entre virgulas as palavras que interrompem o sentido.

Quando pela figura *Methatese* se transforma em *l* o *s* ou *r* final de uma palavra, e se lhe ajunta o

**Pag. 145**

artigo, o signal de União (-) deve estar entre o *l* e, o artigo, porque o *l* está substituindo o *r* ou *s* final.

Em quanto ao *Apostropho* ou Viracento ('), este signal pouco ou nenhum logar deve ter na prosa. Escreveremos *neste, mo, daí, dantes, &c.*, e não *n'este, m'o, d'aí, d'antes, &c.* Em quanto ao mais, na leitura faremos as *Synalephas*, sem ser preciso o signal della, porque desfigura a belleza da escriptura.

Quando alguém escrever alguma obra para ser impressa, notará com uma risca por baixo aquellas palavras que devem ser imprimidas em griphe, como são os discursos, os exemplos, e aquellas palavras, sobre as quaes pretender fixar mais a attenção dos Leitores, como, por exemplo : *Ninguem se persuada de que póde ser bastantemente profundo em matéria alguma, estudando só por Compendios.*

Fim.

**Pag. 146**

## Obras em português no CTLF

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano [84]</b>	<b>CTLF</b>
Oliveira, Fernão de	<i>Grammatica da lingoagem portuguesa</i>	1536 [id.]	3301
Barros, João de	<i>Grammatica da lingua portuguesa</i>	1540 [id.]	3302
Roboredo, Amaro de	<i>Methodo grammatical</i>	1619 [id.]	3303
Argote, Jerónimo	<i>Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina</i>	1721 [id.]	3304
Lobato, António	<i>Arte da grammatica da lingua portugueza</i>	1770 [id.]	3305
Bacelar, Bernardo	<i>Grammatica philosophica, e orthographia racional</i>	1783 [id.]	3306
Casimiro, João	<i>Methodo grammatical resumido</i>	1792 [id.]	3308
Figueiredo, Pedro	<i>Arte da grammatica portugueza</i>	1799 [1837]	3309
Fonseca, Pedro	<i>Rudimentos da grammatica portugueza</i>	1799 [id.]	3310
Sousa, Manuel	<i>Gramatica portugueza</i>	1804 [id.]	3311
Silva, António	<i>Epitome</i>	1806 [id.]	3313
Melo, João	<i>Grammatica filosofica</i>	1818 [id.]	3315
Ferreira, Francisco	<i>Elementos de grammatica portugueza</i>	1819 [id.]	3316
Barbosa, Jerónimo	<i>Grammatica philosophica</i>	1822 [id.]	3317
Oliveira, Bento	<i>Nova grammatica portugueza</i>	1862 [1864]	3319
Aulete, Francisco	<i>Gramática Nacional</i>	1864 [1874]	3320
Azevedo, Domingos	<i>Grammatica nacional</i>	1880 [id.]	3322
Coelho, Francisco	<i>Noções elementares da grammatica portugueza</i>	1891 [id.]	3324
Andrade, Jerónimo	<i>Primeiros elementos de grammatica portugueza</i>	1843 [1865]	3328

<sup>84</sup> Indica-se entre colchetes o ano da primeira edição da gramática e a sua direita o número da obra no site CTLF.

Duarte, Antonio	<i>Compendio da grammatica da lingua portuguesa</i>	1829 [1877]	3373
Condurú, Filippe	<i>Grammatica elementar da língua portugueza</i>	1850 [1888]	3375
Villeroy, Frederico	<i>Compendio da grammatica portugueza</i>	1870 [id.]	3376
Reis, Francisco	<i>Grammatica portugueza</i>	1866 [1871]	3377
Rabello, Laurindo	<i>Compêndio de grammatica da língua portugueza</i>	1867 [1872]	3378
Bandeira, Adélia	<i>Grammatica portugueza practica</i>	1897 [1929]	3379
Caneca, Frei	<i>Breve Compendio de Grammatica Portugueza</i>	1876 [id.]	3380
Caetano, Baptista	<i>Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza</i>	1881 [id.]	3381
Grivet, Charles	<i>Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza</i>	1881 [id.]	3382
Ribeiro, Júlio	<i>Grammatica portugueza</i>	1881 [1885]	3383
Silva Jr., M. Pacheco	<i>Grammatica da lingua portugueza</i>	1887 [1894]	3384
Silva Jr., M. Pacheco	<i>Noções de grammatica portugueza</i>	1887 [id.]	3386
Pereira, Eduardo	<i>Gramática expositiva</i>	1907 [1945]	3387
Ali, Manuel Said	<i>Grammatica secundaria da lingua portugueza</i>	1923 [1927]	3390
Ali, Manuel Said	<i>Grammatica elementar da lingua portugueza</i>	1924 [1966]	3391
Ali, Manuel Said	<i>Grammatica histórica da lingua portugueza</i>	1923 [1931]	3392
Maciel, Maximino	<i>Grammatica Descriptiva</i>	1887 [1914]	3393
Lima, Carlos	<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>	1957 [id.]	3394
Carneiro, Ernesto	<i>Serões grammaticaes</i>	1890 [1915]	3395